

NOVÍSSIMOS

Sandro William Junqueira



**UM
PIANO
PARA CAVALOS
ALTOS**

leYa

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Ficha Técnica

Título: Um Piano para Cavalos Altos

Autor: Sandro William Junqueira

© Editorial Caminho, 2012

Diretor editorial: Pascoal Soto

Editora executiva: Maria João Costa

Assessora editorial: Raquel Maldonado

Revisão de textos: Beatriz Sarlo | Tiago Ramos

Capa: Ideias com peso

J95 Junqueira, Sandro William.

Um piano para cavalos altos./Sandro William Junqueira. —Rio de Janeiro: Leya, 2012.

352p.; 16x23cm(Coleção Novíssimos)

ISBN 9788580447590

1.Literatura Portuguesa. 2. Romance II. Título. III. Série

CDD 869.3

2012

Todos os direitos desta edição reservados a

TEXTO EDITORES LTDA.

[Uma editora do Grupo Leya]

Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86

01248-010 – Pacaembu – São Paulo – SP – Brasil

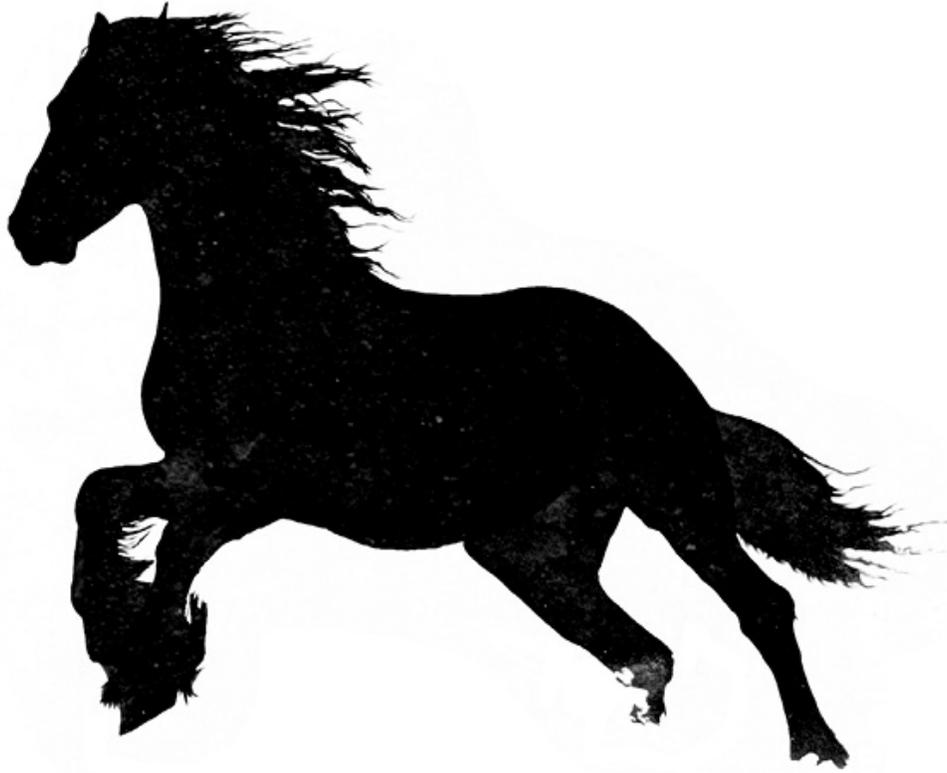
www.leya.com.br

*Ao Guilherme, à Rosa
ao Peixe, no aquário*

*Quando uma pessoa nasce, segue por
um de três caminhos, para além dos quais
não há outros: viras à direita, e és comido pelos lobos;
viras à esquerda e comes os lobos; segues
em frente e comes-te a ti mesmo.*

Anton Tchékhov,
Platónov

SONATA DE INVERNO



A perna adivinha I

Chegados à orla da Floresta, os militares puxam as rédeas. Os três cavalos são obrigados a parar. Sepultam os cascos na neve muda. Relinham. Os militares entreolham-se. Um deles cospe.

O militar que cuspiu olha determinado e não vacila apesar de lhe doer a perna direita. A perna direita dói-lhe, assim que se aproxima uma coisa grande de mais para ser vista pelos olhos. Ele chama-lhe *a perna adivinha*.

A este militar, a vida já tinha ensinado coisas suficientes para confiar na perna defeituosa, e não guardar ilusões no coração.

Aclara a garganta, faz um funil com as mãos e grita na direção da Floresta. Os outros dois militares, juntam as vozes dissonantes ao grito. O grito tem um nome humano, desespero. Larga as gargantas roucas repetidas vezes. Propaga-se para lá dos ramos. A Floresta não responde. Nenhum mocho ou coruja.

Há uma aspereza no ar. O frio magoa. Dá estalos de mão aberta. Os três cavalos hesitam. O nevoeiro sai-lhes apressado das narinas alargadas, sobe. Os olhos desorbitados não param quietos.

Que fazemos?

Pergunta um dos militares.

Eu ali não entro.

Diz outro.

Não podemos escapar às ordens. Ele tem de aparecer.

Responde, o terceiro, o militar do olhar determinado, da *perna profetiza*. Depois da pausa, funga e continua.

Não há nada ali. Estamos armados.

As balas fazem cócegas no *Diabo*.

Qual *Diabo*? Não sejas estúpido. É só a Floresta. São árvores muito juntas.

É o altar *Dele*.

Já disse: o desaparecido tem que aparecer. Senão, há merda.

Um dos militares abana a cabeça.

O Mensageiro andou a espalhar pela Cidade que os lobos...

O Mensageiro é louco. Vai ser preso.

Decidiu o Militar Coxo para terminar a conversa.

Cospe novamente.

Apesar de ter poucas certezas em relação ao assunto, apenas uma suspeita, falou com a convicção alta. Sobre o ombro brilhavam quatro linhas prateadas: o poder hierárquico.

O Militar Coxo puxa as rédeas. Bate com as esporas da liderança nas costelas do cavalo. Os outros limitam-se a repetir o gesto e seguem-no contrariados.

O corvo gralhou duas vezes

As luzes das lanternas oscilam nas mãos dos militares em busca de um trilho de pegadas. Os cavalos avançam, lentos, torneando os obstáculos em zigue-zagues. Vê-se a noite entre os ramos, como tudo está vazio.

No verão sabia-se quais eram os abetos, as faias, as bétulas, ou pinheiros. Mas agora, em pleno inverno: apenas um labirinto de troncos calcinados que liga a neve às nuvens cinzentas.

O corvo gralhou ao vê-los chegar à clareira. Abandonou o chão. Bateu asas rumo ao telhado da cabana abandonada. Levava uma lasca de carne no bico córneo. Arranjou poiso no telhado junto da chaminé desativada. Ficou a observar os homens.

Os três militares desmontaram perto da neve vermelha. Numa pausa de nuvens, a lua surgiu e iluminou o cenário. O Militar Coxo avançou com o cão da dor a morder a perna. Passo pesado, passo leve. Apontou a lanterna. Contornou o cadáver sem conseguir cheirar a morte. O frio cristalizara o fedor descarado. Os outros dois, tolhidos, metros atrás, não largaram as rédeas: a desculpa de acalmar os cavalos.

A perna direita mais uma vez não se enganara. Ali estava: *a coisa grande*. Encontrado descosido, o jovem militar desaparecido. Faltavam-lhe as mãos, o nariz, as orelhas, os olhos, parte de uma perna e um pé. No abdómen, um buraco vazio, sem vísceras. Só era reconhecível pelos farrapos do uniforme e a estrela de metal, símbolo do Governo, que se salvara, indigesta e dura, dos dentes da violência.

Já não havia corpo, inteireza.

Um vento cruel uiva oriundo das montanhas voltadas a norte. Parece afinar um violino. Roça as fileiras dos troncos, as agulhas inflexíveis e todo aquele frio.

Apesar do horror da situação, o Militar Coxo verificou como era bela a neve vermelha. O sangue vai bem com o branco, admitiu.

Por fim, e após o corvo gralhar novamente, voltou-se e encarou os cobardes. Gritou:

É ele. Encontrámo-lo.

O salivar da notícia

Não tardou que o vento da notícia corresse pela Cidade.

De boca em ouvido, de ouvido em boca, a população extasiada salivava ao partilhar diferentes versões: como sempre acontece no diz-que-disse-que-sim-que-ouvi-que-é. Pondo cada um sobre o relato o tempero pessoal que convém.

Não se falava de outro assunto. As pessoas diziam que não e que sim com a cabeça. Suspiravam. Anunciavam. As bocas cheias:

Na Floresta, os lobos fizeram um militar!

Fizeram o holocausto!

Aquilo não foi coisa de lobos, aquilo foi coisa do *Diabo*!

O Mensageiro sonhou e disse, e agora aconteceu!

Comeram-lhe pés, mãos e olhos!

Acordou um urso do sono de inverno, foi o que foi!

Para a população da Cidade fazia sentido este excitado entusiasmo pela desgraça acontecida. Há uma dezena de anos que não se ouvia falar de assuntos da Floresta. Apenas no verão se comentava a chegada dos insectos e amoras, ou dos incêndios quando ao longe se avistavam as colunas feias, o cheiro preto. Apesar do medo inerente ao salivar a notícia, havia nalguns corações uma nova zona de alegria, entusiasmo. Este inesperado acontecimento era o começo de uma nova paisagem. Uma porta aberta para novas trevas.

Quando o Ministro Calvo se zanga e toma medidas

O Governo, sempre zeloso, desta vez não conseguira pisar o rastilho da comunicação para desmentir a ameaça. De facto, um jovem militar fora vítima de um ataque insólito no interior da Floresta. E a estranheza da morte incomodou a chefia: custava reconhecer a fraqueza do braço bélico quando este se aventurava para longe das imediações do Muro e entrava na natureza.

Na Torre Governamental, o Ministro Calvo, ao ser informado, dera um murro na mesa. Rugira aos conselheiros:

É inadmissível. Os militares podem e devem morrer, mas em combate; pela bandeira; contra um inimigo armado. Não aos dentes de animais; de coisas não civilizadas. Sangrar sem lutar é para cobardes.

Após este comentário, o Ministro Calvo apressou-se a decidir:

Vamos enviar novamente um regimento armado para a Floresta com a seguinte missão: abatam tudo o que de indomesticável encontrarem. Quero cobrir de sangue e peles o pavimento de todas as Zonas da Cidade. Para que o povo tire ideias da cabeça e se lhes sequem as bocas.

Tornados dezassete dias, o regimento regressou, esgotado, sem provisões nos alforges e de mãos a tremer. As mãos dos homens do regimento tremiam de frio, mas também porque traziam medo. O frio e o medo, apesar da dissemelhante origem, fazem tremer as mãos.

A coluna transpôs um dos portões metálicos do Muro, e nas ilhargas dos cavalos não se encontravam as desejadas peles a pingar sangue. Esta caçada, tal como anteriores tentativas, resultara num gordo zero. A natureza sabe quando estar quieta. E quando é necessário camuflar os dentes.

Não era a primeira vez que um regimento regressado da Floresta transpunha o Muro de mãos vazias que tremiam. Perante este novo falhanço, o Ministro Calvo, para acalmar os corações irrequietos e as línguas trabalhadoras da população, não encontrou outra solução senão ordenar a detenção de um operário que trabalhava na ala norte da Fábrica. O Ministro Calvo apurou a ideia e partilhou-a com os conselheiros:

Se não conseguimos matar os lobos que uivam, ao menos emudecemos a ovelha que bale.

Esta ovelha que balia e desassossejava o restante rebanho, segundo o Ministro Calvo, era um homem singular a quem muitos reconheciam um talento místico ou psíquico. E esse talento começava a dar-lhe uma notoriedade que importunava. Fazia nervos a quem mandava. Esse operário era dotado da capacidade de sonhar com aquilo que ainda não acontecera, mas que era certo que ia acontecer. Sonhava com coisas e acontecimentos que, depois, irritantemente aconteciam.

Trazia dentro de si o pavoroso mistério de haver qualquer coisa.

Era aquele a quem todos chamavam Mensageiro.

Holocausto no altar I: os cuspidos rezam

Na cave de um dos blocos sociais da Zona Castanha, alguns estavam reunidos. Eles, elas. Aqueles em quem o destino tinha cuspidos sem mágoa. Os *cuspidos* estavam ali para ouvir.

Linhas de candelabros com velas acesas iluminavam o caminho até ao palanque. Atrás, sacos de serapilheira de cevada e trigo emprestavam à cave um aspecto de bunker com perfume a celeiro.

As luzes infantis das velas brincavam às escondidas. Sombras trémulas nas paredes sujas. Nos perfis dos rostos espectadores. As sombras iam, vinham.

Eles, elas, de bocas franzidas, olhos a alvejar sapatos, contraíam narinas no ato de respirar. Como se respirar fosse uma coisa feia. Sentados no cimo de velhas caixas de fruta, rosnavam a ladainha: uma cortina de palavras rápidas que apertavam contra os dentes e a língua lavava.

Ao fundo da cave, no cimo do estrado, o Mensageiro dirigia o sussurro atrás do púlpito feito de caixotes. Hirto, queixo erguido, braços abertos: boneco de ventríloquo. Exultava ao êxtase colectivo. A reza eufórica lambia os *cuspidos* como um cão sôfrego.

O Mensageiro gritou a última palavra que rebolou num eco duplicado pela assembleia. Saído da repetição das bocas, o vento desta última palavra acabou por apagar as intranquilas chamas das velas. O Mensageiro abriu os olhos. Desenlaçou as mãos para encarar a assistência. Um gemido varreu a assembleia. As sombras eclipsaram-se. Ouviu-se o bruaá do espanto. Depois: o silêncio e o escuro. A assembleia compreendeu o prodígio: *Ele* estava ali. Entre eles, e elas.

Deixaram cair as pestanas em sinal de devoção. Sentiam-no mais perto sem a distração dos olhos. As pupilas do Mensageiro dilataram-se no escuro como as pupilas dos gatos para caçar na noite. Juntou as mãos no esterno, entrançou os dedos, engoliu saliva, e começou.

A voz amanteigada, servida de palavras antigas, altivas, meneou-se pela cave obscura como uma bailarina experiente.

A partir daquele instante a voz do Mensageiro foi luz na escuridão.
Uma lua cheia de palavras.

Holocausto no altar II: quando Eu disse: virem à esquerda; eles tornaram à direita

O Mensageiro disse:

Irmãos e irmãs. Que *Ele* abençoe a vossa luz e lave o medo gerado em volta do vosso coração. *Ele* é testemunha e está entre nós. *Ele* sabe e está entre nós. Esta noite *Ele* vai falar-vos. *Ele* assim quer. A noite passada, *Ele* apareceu-me no sonho em forma de anjo. Falou através do anjo. No sonho, *Ele* disse-me as palavras sem ter dito palavras. As palavras andam gastas nas bocas dos homens, disse. E, no sonho, *Ele* disse aquilo que ainda não aconteceu mas que é certo ir acontecer. E eu vou contar-vos o que *Ele* disse:

Em breve as árvores derramarão sangue para a neve.

O sangue derramado terá um agradável odor.

Os lobos farejarão ao longe.

A neve tingida anunciará que é chegada a hora do holocausto.

Ele assim disse:

Os lobos vão chegar e conhecer e fazer o homem ímpio e beber o sangue do homem ímpio.

E repetiu:

Os lobos vão chegar e conhecer e fazer o homem ímpio e beber o sangue do homem ímpio.

E *Ele* continuou:

Não deveis temer esses animais de queixada de baba pestilenta e caninos aguçados.

Não deveis temer esses que se alimentam da carne quente porque assim lhes pede o sangue.

Os lobos não são os lobos.

Os lobos são aqueles que vos rodeiam como cordeiros de hálito sensual.

Que respiram o vosso ar, poluindo-o com o fumo infecto que sai das chaminés das suas entranhas putrefactas.

Os lobos não são os lobos.

Os lobos são os que, por trás das fachadas coloridas e vestes limpas, defecam e urinam onde se deitam, e convivem com os próprios excrementos.

Estes são aqueles que não sabem trilhar o lado certo do coração.

Quando Eu disse: virem à esquerda; eles tornaram à direita.

Quando Eu disse: agora à direita; eles voltaram à esquerda.

Quando Eu disse: Olhem em frente; eles rodaram as cabeças.

Ao contrário de Vós e dos vossos corações esclarecidos que jamais oscilaram e sempre conheceram o lado justo.

Ele assim disse e continuou:

Todos os escolhidos saberão quando chegar a hora boa.

Saberão através de Mim que falo através dos sonhos.

Através Deste que nomeei Mensageiro.

E o corvo gralhará na hora da sorte.

Preparai-vos para a batalha que se avizinha.

Eu vos gerei.

E não voltei atrás.

E vós não voltareis atrás.

Não vos iludais no caminho.

Não há esquerda nem direita.

A escolha já está feita.

Ele disse e terminou:

Esperarei por vós na minha morada.

Pois sereis sempre o Meu exército escolhido.

E o que é Meu é vosso e a vós pertence.

No sonho, foi isto que *Ele* disse. *Ele* está entre nós.

Durante demorados segundos, não se ouviu som algum.

Num grito de júbilo, a assembleia reunida gritou o *Seu* nome.

O vento levantado das bocas eufóricas, composto pelas sílabas nutritivas do nome *Dele*, correu vertiginoso pela cave. Era a palavra grande que não necessita de perguntas, nem respostas. A palavra grande correu como o vento. Revolveu cabelos. Ruivos, pretos, castanhos, loiros, brancos. Afagou carecas. As velas, da mesma forma que se tinham interrompido da função, como num súbito ataque cardíaco, voltaram a arder, depois da reanimação. As sombras voltaram às paredes. Aos rostos eufóricos. As pestanas levantadas descobriram a luz nervosa. Os olhos crentes choraram.

Eles, elas, revigorados por este vento, levantaram os braços, as pernas.

Com os corações a latejar nas cabeças, encaminharam-se para o altar.

Entre a fiada de cabeças palpitantes: a Prostituta, o Operário, a Criada.

O Mensageiro impôs as mãos de verrugas. E das mãos feias receberam, não o corpo da hóstia, nem o cálice do sangue, mas folhas de papel gatafunhadas com mapas, plantas, horas, setas, e indicações precisas do plano que na *hora boa* desemburharia a caixa mágica.

Caixa enfeitada com os laços vermelhos da redenção e o papel dourado do paraíso eterno.

No fundo, o prometido presente da fé.



GYMNOPIÉDIE I

A Implosão: breve sùmula dos mais importantes ditados do Ministro Calvo

A implosão das igrejas é outro passo certo dado em direção a um estado social que não desperdiça. *O reino da Igreja não é deste mundo.* E, se ao mundo não pertence, nele não se deve edificar. Plantar raízes. A fé não nasce de um edifício nem se desenvolve nos volumes da arquitetura. É insensato ocupar desnecessariamente metros quadrados públicos com tais pretextos metafísicos. Metros que, usados de forma racional, podem ser rentabilizados noutras matérias. Pois, se existe a fé, e ela se mostra consistente perante a adversidade, então que Deus e o seu séquito ocupem apenas a carne daquele que nele acredita. E não em território da causa pública. A casa de Deus só pode ser a cabeça, o coração, as mãos, os pulmões, os rins, os pênis, ânus e vaginas de quem acredita. Fora da carne, Deus perde compostura, ideias e emoção. É pernicioso e um claro sinal de desobediência, já para não falar numa alta arrogância, fundar alicerces metafísicos fora do único templo sagrado; do único templo que pode ser reconhecido como um espaço de fé, que é a carne de quem reza.

É chegado o tempo, pois, de fazer implodir todos esses tijolos e frontispícios pretensiosamente divinos.

O Diretor faz a estrada

Manhã cavernosa.

Nuvens muito perto do chão.

O Diretor faz a estrada dando aos pedais como um metrónomo. As suas pernas traduzem o movimento monocórdico que a bicicleta exige. Apenas isso. A bicicleta chia na estrada que sai do Muro em direção à Floresta. A roda dianteira gagueja. A neve coaxa sob o peso das rodas.

É esta a música para um caminho solitário.

Com o coração descontente, bexiga inchada e a cabeça desarrumada, o Diretor pedala de pálpebras em baixo. Na testa, a ruga da preocupação. Não olha para fora.

Já conhece a paisagem, a estrada; está cansado. Decorou a neve, curvas, ressaltos, buracos. Os movimentos subtis do guiador. Mais o arfar das rodas. Por vezes, entreabre os olhos só para ver a nuvem de fumo fugir-lhe da boca: o viver a tornar-se visível.

Nas costas do Diretor, para lá do Muro e da Torre Governamental, as duas chaminés da Fábrica também lhe imitam os pulmões.

Enfim é isto: tudo se repete: o que está dentro, fora; em cima, o que está em baixo.

Enquanto as pernas obedecem à repetição, a cabeça do Diretor mastiga uma grande pastilha elástica de pensamentos. Nestes últimos dias várias coisas imprevistas, viscosas e insensatas aconteceram: a vida a deixar atrás de si pegadas de estupefacção. E o Diretor, contagiado pelo assombro, não sabe como olhar.

O Diretor possui um sem-número de virtudes, mas falta-lhe, talvez, uma maior firmeza de carácter para aguentar os socos do imprevisto.

Mesmo assim o Diretor esforça-se, não em pedalar, mas no pensar.

Ele diz:

Não quero estes pensamentos, quero outros.

Mas nada. Talvez só a corrida de uma lebre assustada vinda sabe-se lá de onde ou o levantar voo de um pássaro antipático poderiam fazer parar

aquele desarranjo e concentrá-lo. Ainda para mais, daqui a pouco, o Diretor entrevistará o Mensageiro.

O Mensageiro parece saber o que vai acontecer hoje, amanhã, depois de amanhã, para diante.

E isto, para o Diretor, é uma coisa que mete medo.

As botas denunciam homens

A roda dianteira da bicicleta encontra a bifurcação. Para a direita, o Hospital. Para a esquerda, o Presídio.

As luvas de camurça do Diretor, seguras ao guiador, fazem o movimento individual de quem escolhe o caminho.

Adiante, os freios, já gastos, obrigam-no a cravar as botas. Neve amontoada, em torno do portão.

O inverno é lento e promove a lentidão.

A cada perna lançada o nº 48 das solas fica ali registado numa impressão glacial.

O Diretor avalia o carimbo do peso.

Diz:

Sim, as botas denunciam os homens. E um homem é o peso que carrega. E quanto maior e mais pesado, mais a terra – neste caso a neve – acusa e sofre com a grandeza.

Desmonta.

Ouvem-se os estampidos metálicos do mecanismo desafinado do portão. A sentinela de serviço, no posto de controlo, beata acesa na boca, já antes avistara o Diretor e pressionara o botão.

Sem nunca olhar para o rosto daquele que anota num bloco o seu nome e a hora da entrada, o Diretor avança pelo pátio do Presídio com a bicicleta pelas luvas.

Um cavalo tão perto do feio

Todos o conhecem por *gigante*.

O Diretor mede 2,08 m, pesa 109 quilos e usa luvas de camurça.

(O Diretor nunca se esquece que tem mãos; as luvas de camurça fazem-no lembrar.)

Veste um anoraque creme, blusa de lã de gola alta e um par de calças de bombazina com fecho na braguilha.

Nenhuma das roupas que compõem o seu guarda-roupa pode ter botões.

Ao atravessar o pátio chegam-lhe ao ouvido arfares de fome. O Diretor olha. Um cavalo, de pescoço curvado, rente à parede de fuzilamentos, busca na neve a erva que não está lá.

O Diretor para, avisa-o:

Não devias estar aí. És belo de mais para estar tão perto do feio.

O cavalo está vivo, tem luz nos olhos, sangue nos músculos. A parede está morta, serve de almofada dura às balas que furam crânios, e calam corações: é cinzenta.

O Diretor sabe isto muito bem. Conhece como poucos o que aquela parede guarda. Descreve uma ligeira curva com o guiador. O cavalo, concentrado na busca, crina e rabo a enxotar o frio, continua a ofegar para o branco na esperança do verde. Ao acercar-se, o cavalo relincha.

O Diretor estaca. Geme. Uma dor aguda na parte inferior do abdómen. A urina que traz acumulada na bexiga começa a dar mostras de impertinência.

Diz, ao cavalo:

O importante é mijar.

Gabinete de Persuasão com cadeira estofada em veludo roxo

Terceiro andar do Presídio.

Guardas cruzam-se num corredor lateral sem janelas. Cochicham. Um deles fuma. O fumo sobe ao tecto. Imita o nevoeiro. Embacia a luz eléctrica.

No corredor há quatro portas metálicas.

A porta onde as botas nº 48 estabilizam tem uma placa com a seguinte inscrição: Gabinete de Persuasão.

Ao lado da porta: um botão.

O Diretor prime: um estalido.

Paredes verdes.

Quatro paredes verdes delimitam a área de dezoito passos de comprimento, nove de largura. Três cadeiras cadavéricas encaram a secretária. Uma cadeira estofada em veludo roxo. Atrás. No tampo da secretária: telefone, livros, papéis, um intercomunicador. Uma estante metálica de cinco prateleiras arrumada ao canto. Quatro das prateleiras estão preenchidas com dossiês numerados. Na prateleira de cima, um rádio calado e um aquário com peixes. Uma moldura quadrada de um metro está fixa à parede mais distante da secretária sobre uma porta que dá acesso a uma sala contígua. Na moldura, em tapeçaria, a estrela do Governo sobre fundo azul. Chão de soalho com rodapé em madeira. Uma leve fragrância a pinheiro. Ar frio, aparentemente sem insectos.

Já sentado na cadeira de veludo, o Diretor pestaneja o olho esquerdo. Esta noite levantou-se seis vezes e não mijou nada que se visse. Treze pingos. Contou-os. Seis vezes para treze pingos. Enfim, uma tristeza. A perna direita treme. Sente comichão. Eczemas na pele escondida. A comichão aumenta-lhe os nervos. E os nervos mexem-lhe com a comichão. A comichão é uma larva que nasce dos nervos.

Levanta-se. As rótulas estalam. Despe o anoraque e pendura-o num cabide. Usa três dedos para o trabalho. O mindinho e o polegar

permanecem quietos sob a camurça.

Coça a barriga. Cofia a barba de anos. Tem orgulho.

A barba dá-lhe um aspecto feroz. Esconde a maior parte da sinceridade, e da fraqueza. Armado com a barba rude, o Diretor só mostra o que deve mostrar.

Volta a sentar-se.

De cotovelos espetados no tampo, almofadas das mãos a suster bochechas, analisa um relatório. Sem retirar os olhos da folha, num movimento de grua, baixa o braço e prime o botão do intercomunicador.

Uma voz roufenha questiona.

Ele responde:

Não.

Depois, ordena:

Ninguém entra.

Pesca do retiro do bolso uma pequena caixa. Descalça uma luva com a ajuda dos dentes. Da mão despida, a unha do anelar levanta a tampa. Arruma um comprimido cor-de-rosa sob a língua. Recosta-se no veludo.

Sente a composição química derreter-se. A absorção dar-se.

Os órgãos do Diretor respondem obedientes ao assalto químico. Principalmente o coração. O coração do Diretor desacelera, lento como nuvem. E com o coração mais lento a cabeça do Diretor está mais estável: preparada para a batalha que se aproxima: a entrevista.

O Diretor volta a calçar a luva, e redireciona a atenção.

O processo tem um número: 1748.



GYMNOPIÉDIE II

O Medo: breve smula dos mais importantes ditados do Ministro Calvo

O trabalho de um Governo que quer governar com coragem e seriedade, deve assentar no controlo do medo.

Antes de existirem o dinheiro, a fome (a fome é o medo do estômago), a pátria, a bandeira, já existia o *bicho papão*. O vírus contagioso. De que poucos conhecem a origem. Mas que está presente no líquido amniótico, isso é certo.

O medo   então a maior superfície no mapa do relevo humano. Imita na hierarquia das emo es o lugar que a pele ocupa na hierarquia dos  rg os.

O medo e a pele: vizinhos de longa data que se cumprimentam de forma cordial quando se cruzam.

Um começa quando o outro começa; um termina quando o outro termina.

Os verdugos dialogam I: para nos dar cabo dos cornos

No corredor, devido ao frio estagnado, a cada expiração os três homens fumam sem cigarros na boca.

Dois verdugos agarram pelos braços ossudos um homem algemado. Este homem pálido e sujo, vestido com um uniforme cor de laranja é aquele a quem todos chamam Mensageiro.

Um dos verdugos tem um olho de vidro. E uma sobrancelha única: farfalhuda. Lagarta peluda que lhe desorganiza as órbitas. O olho morto não vê, por isso não chora. Em vez disso, fere de brilho e medo quem é olhado por ele.

O verdugo do lado olha em frente. Não mexe a cabeça. Nem para baixo, nem para cima, nem para esquerda, ou direita. Devido a um problema de vértebras, o seu pescoço veste um colarinho cervical.

Exteriormente, os verdugos mais parecem homens torturados, que sofrem, do que homens cuja função é confeccionar a tortura para fazer sofrer os outros.

Nós de dedos, calosos, avançam. O metal castiga os dedos. Repetidas vezes. O Olho de Vidro vigia as mãos algemadas. A porta pesada vacila. Canta a nota aguda da abertura. Um sorriso rapidíssimo atravessa a boca do Mensageiro. Uma mão esquerda com anel empurra a maçaneta polida.

O Mensageiro é o primeiro homem. Senta-se defronte à secretária onde a cabeça do Diretor pende sobre parágrafos do relatório. Após o desalgemar, os dois verdugos não abandonam a sala. Cada um pega numa cadeira cadavérica e dirige-se para o fundo. Chegados, sentam-se sob o quadro auspicioso onde a estrela da lei cintila.

O Olho de Vidro puxa de um maço. Sobe um cigarro. Agarra o filtro com os dentes. Acende o isqueiro. É sacudido por uma tosse de pulmão ressequido. Estende o braço e oferece. O Colarinho Cervical imita-lhe os gestos. Embora não mexa o pescoço, nem tussa.

Os verdugos estendem as pernas e encostam-se para trás a fumar. Têm de guardar o ódio para mais tarde. Fixam o cenário iluminado. Como se num teatro, antes do início do espectáculo, trocam impressões em voz baixa.

Sabes?

Hum...

Ontem cheguei a casa e a minha mulher perguntou-me o que é que eu achava do rabo dela.

O que é que lhe respondeste?

Nada. Agarrei nela e levei-a para o quarto para averiguações. Os miúdos estavam a comer a sopa. Tranquei a porta. Deitei-a no meu colo. De rabo para o tecto. Levantei-lhe a saia. Baixei-lhe as cuecas e bati-lhe.

E ela?

Chorou.

E depois?

Insultou-me: zarolho de merda, zarolho de merda, disse ela. É só isto que tem na boca.

E tu?

Bati-lhe mais.

E depois?

O que é que achas?

Foderam.

Pois.

E não lhe respondeste à pergunta.

Claro que não.

No fundo era isso...

Pois.

As mulheres só nos dizem o que realmente querem quando apanham. Nunca as hei-de perceber.

É para isso que elas existem.

Para apanhar.

Para nos dar cabo dos cornos.

Pois.

O Olho de Vidro deu uma longa fumaça. Com o fumo a sair da boca, afirmou.

É que estava mesmo a apetecer-me...

Bater-lhe?

Não, o cigarro. É pena estas cadeiras.

O gigante é que sabe.

Veludo roxo. Aquilo é que é conforto: que nem um rei numa nuvem...

Já reparaste no aquário?

Hum...

Hoje só tem cinco peixes. Tinha seis na semana passada.

Se calhar anda a comê-los.

Chiuu... Vai começar... Achas que o Mensageiro se safava?

Este cabrão? De certeza que não.

Os verdugos recolheram as pernas. Dobraram joelhos. Apagaram os cigarros debaixo dos assentos. Guardaram as beatas nos bolsos. Adquiriram pose e rosto de igreja.

O Olho de Vidro tossiu. Puxou de um lenço. Cuspiu. Verificou o tecido.

Entrevista ao Mensageiro I: com vontade de coser buracos

O Diretor ergue a cabeça do processo com a tosse ao fundo. No peito do uniforme cor de laranja a etiqueta com o número 1748. O Diretor examina o rosto do Mensageiro donde se destaca um nariz corcunda. Depois, esmiúça as mãos.

O Diretor repara na evidência: dos dedos do outro nascem minúsculas flores de carne: verrugas.

O Mensageiro, sentado na cadeira desconfortável, mãos entrelaçadas, fita o aquário. O Diretor pronuncia um nome. O Mensageiro encara-o. O Diretor formula quatro perguntas sobre o ataque dos lobos na Floresta mantendo o tom amigo. Açucaradas, as palavras deslizam como rebuçados. O Mensageiro, diabético, recusa-se a responder, quatro vezes. Sempre com um sorriso rachado a exhibir gengivas. Então, o Diretor repete as perguntas. E o Mensageiro repete o silêncio, agora áspero.

O Diretor contrai maxilares. Cerra dentes contra dentes e levanta-se. A cabeça do Mensageiro acompanha-o. Repara no movimento que as orelhas sanguíneas e deslocadas da nuca do Diretor fazem a cada mastigação. Repara ainda na sombra pequenina que se projetara contra a parede verde e franze o cenho.

Pensa:

A sombra do Diretor não concorda com a envergadura. É um gigante... Mas traz uma sombra anã atrelada.

O Diretor encaminha-se até à estante. Enxerga pelo canto do olho os verdugos que permanecem sentados. Liga o rádio. A estação governamental emite uma sonata para piano. A sonata solta-se do aparelho. Faz ricochete nas paredes. Acelera num galope furioso. De braços retesados, luvas paralelas aos bolsos, o Diretor demora--se. Mergulha o dedo-isco no aquário. Observa a dança predatória. Desenha movimentos na pele da água. Os cinco peixes lutam para ver quem chega primeiro à camurça.

Com a sonata a sustentá-lo, o Diretor, inicia:

Isto. Ouvir isto. É... Já viu a beleza? Quando a ouço – e já a ouvi imensas vezes, sabe? – dá-me vontade de coser todos os buracos da minha cabeça. Sim. Para que os acordes não fujam e fiquem para sempre aqui. Aqui, a gritar na cabeça. Ouvir isto pode salvar e curar. Já viu a beleza? Ouça-me este andamento, esta massa nítida de cordas... É como lhe digo. Abre novas possibilidades. O coração quase salta para o lado direito...

O Diretor retira do aquário o mindinho enlulado.

Os peixes abrem e fecham as bocas: soltam bolhinhas.

E, repetindo os passos, gestos e intensidade, como um boneco telecomandado, volta a sentar-se na cadeira de veludo roxo.

As luvas no colo:

O coração quase muda de lado. De tom. Não concorda? Não aprecia esta sonata? Ou duvida da música?

O Mensageiro ignora a investida: esgrime entretido o sarro enterrado nas unhas. O Diretor observa o gesto, prossegue:

Pode dizê-lo. É perfeitamente natural. Não gostar, ou duvidar. Mas atenção: a persuasão, como a música, é arte. E a arte necessita do artista que agarre a emoção e de um objeto que mereça atenção. Não concorda? Claro que sim. Você bem o sabe. Claro que sim. Você também é um persuasor. No fundo somos todos persuasores a tentar a cada oportunidade persuadir melhor, não é? Nós e os outros. Persuadir com um plano. Para que o ego, com o bico afiado, faça sangue na luta de galos. E vença, claro. Vou ser-lhe sincero: não quero lutar consigo. Não sou um galo. Mas se se recusa colaborar... se teima nesse orgulho meticuloso dificulta o meu trabalho. E digo-lhe mais: pouco me interessa se sonhou ou não com o ataque na Floresta; se tem capacidades mediúnicas ou premonitórias; se Deus lhe sopra o futuro ao ouvido de noite; se mente, ou diz verdade. É isso mesmo! Se mente, ou diz a verdade. Não acredita? Sei que custa: mas não existem homens sinceros. Embora, a mim, repito, a mim, particularmente – e isto pode soar-lhe estranho –, não me interessem os acontecimentos. Interessam-me os porquês. Estou a dar-lhe a oportunidade de responder aos porquês. Sabe, muitas pessoas dariam tudo o que têm e o que não têm, para responder aos porquês, mesmo não tendo consigo as respostas, unicamente para serem ouvidas por outros, para assim poderem ouvir-se também. É isso que as salva de ficarem sozinhas – Quero que ouças aquilo que tenho para dizer – E eu estou aqui, à sua frente, de ouvidos disponíveis.

Com a sonata em fundo, o Mensageiro estala os dedos. As verrugas.

O Diretor mexe o desconforto na cadeira. A emoção cria urina.

Depois de uma pausa, e verificando que estava certo ao temer esta entrevista, faz um sinal aos verdugos, levanta-se e sai.

A questão urinária

Frente ao urinol, de luvas, o Diretor prende o pénis entre o indicador e o dedo médio como se de um charuto se tratasse. Aguarda ansioso a chegada do jorro. Ele não quer pingos, quer um jorro digno desse nome.

Gotas de suor, imitando a chuva, deslizam-lhe pelas rugas da testa e dobras do pescoço. O tique nervoso na pálpebra esquerda obriga a borboleta do olho a pestanejar.

O olho esquerdo do Diretor abre e fecha diante da paisagem de azulejos. O tique acrescenta a angústia à espera. O jorro não chega.

Para o Diretor, nas últimas semanas, este simples ato – urinar – ganhara contornos de tortura: uma nova agulha no quotidiano. O prazer antigo dera lugar a um desconforto de areia.

Num tumulto de músculos, o Diretor contrai glúteos. Faz força. Espreme. A pestana volta a bater asas. O perfume acre da lixívia a arder narinas. A corromper o olfacto. O Diretor desvia o nariz. Volta a cabeça e os olhos desapontados. Felizmente os outros quatro urinóis do lavabo encontram-se vazios de homens e pénis orgulhosos.

O Diretor suspira.

Assim, ao menos, está livre da pressão extra, de fazer *tão bem* e depressa como os outros vulgarmente também fariam.

Já se preparava para voltar a acomodar o pénis na prisão da braguilha, quando o Militar Coxo, com a arma a tiracolo, entra no espaço dos alívios. O Diretor identifica-o. Fora este coxo que em hora ruim trouxera para o Presídio o Mensageiro.

As botas polidas de graxa avançam rápidas, pretas e dessincronizadas: a medir forças com o brilho ofuscante do chão de ladrilhos. O Militar Coxo acerca-se apressadamente do urinol contíguo ao do Diretor. Poderia ter escolhido outro, mas não.

Os dois homens, lado a lado, na linha de partida, em posição mictória, não trocam olhos. Nem palavras. Outra coisa não seria de esperar. Há sempre um doce constrangimento quando se partilha a vizinhança do urinol.

Embora o olho masculino caia por vezes na tentação de comparar tamanhos, o Diretor deixou-se ficar inerte enquanto o Militar Coxo se preparava.

Ouve-se de imediato a força do fluxo. A urina cantante. Ininterrupta. Acompanhada por um *aaanhhhhhhhaaaa* gutural.

Ao escutar aquele alívio sincero, as maçãs salientes do rosto do Diretor tornam-se maduras. A ira aperta-lhe as cordas do sangue nas têmporas e carótida. E o pénis, ainda inutilizado, preso nos dedos enluvados, encolhe de vergonha e inveja.

O Militar Coxo diz:

Quando estou assim aflito. Que bom que é.

O Diretor, sem rodar o pescoço, rosna um vocábulo e assente com a cabeça.

As solas das botas do Militar Coxo rangeram. As dobradiças da porta. Rangeram os dentes do Diretor.

O Diretor baixa a cabeça. Atenta ao pénis encolhido. Sacode a coisa morta na esperança de que ressuscite. Nada. O urinol de cerâmica, preso à parede, de boca aberta, expectante, olha para ele. Parece rir da sua condição de mau urinador.

O Diretor deixa cair as pálpebras: a nervosa e a obediente. E concentra-se. Se aquele coxo conseguiu, eu também. Fecha o olhar para falar com o não-visível. Implora à carne clemência com a voz do cérebro. Como se a carne fosse um Deus ouvinte e tolerante na recompensa daqueles que professam a sua lei.

Com a voz do cérebro, o Diretor solicita:

Por favor, deixa-me mijar.

Cedo percebe o ridículo do pedido. Mas, o desespero leva-nos à insensatez. Quem é que conhece a carne, o corpo? Quem é que manda na carne, no corpo?

Não era o Diretor que mandava no cérebro. Nem o cérebro ordenava na canalhada dos órgãos. Na carne, a alma não mete a colher, nem rapa o tacho. Se fosse a alma a mandar, seríamos imortais. Mas não, da carne o cérebro recebe queixas, emite facturas. Nós pagamos a conta.

Lágrimas de desespero reúnem-se solidárias nos olhos do Diretor. E, da uretra, sob o peso do ardor, escorrem apenas cinco pingos castanhos.

Entrevista ao Mensageiro II: quando as células recusam a audição

Já sentado na cadeira de veludo roxo, mais enervado do que antes, o Diretor retoma a entrevista. O Mensageiro não mostra qualquer sinal de perturbação pelo seu regresso, muito pelo contrário: distraído, esgravata as unhas e fita o aquário, enfeitiçado.

Muito bem... Já percebi! Já percebi que não gosta de música... É isso, não é?... Muito bem. Ainda menos desta admirável sonata... Aceito a sua opinião. Aceito-a sinceramente, embora não deixe de a lamentar. Lamento. Agora diga-me: de que me vale estar para aqui a dizer: isto é a beleza! Isto é o que temos de mais próximo de algum dia poder estar a sós, num quarto vazio, com a prometida eternidade! Compreende isto? Ou não? É claro que não. E sabe por quê? Porque em si existe um bloqueio no caminho. Um travão biológico. Se quiser, um micróbio. É verdade. E de que me vale obrigá-lo, se as suas células não estão para aí viradas? Ou por preguiça não conseguem lá chegar? Que posso eu fazer? Se as confusas ligações cerebrais, mais a complexa teia de estradas nervosas, ou as suas artérias, recusam a emoção e a beleza da música? Percebe isto? Muito bem. Mas permitirão, talvez, a emoção através de uma outra fonte: Divina? E quem sou eu para afirmar que a multiplicidade de reações químicas, de choques eléctricos, que se dão no seu corpo estão errados? Que o meu corpo e a minha cabeça é que estão certos? Percebe? O gostar, ou não, de música resulta de um longo e confuso processo químico e biológico. E não está dependente apenas de um sistema educacional.

O lábio do Diretor move-se emboscado atrás da barba e bigode. Movimentando-se em auxílio da grandiloquência:

Ouçã o que lhe digo... Preste bem atenção... A verdadeira educação... a única democracia... está no aceitar a diferença bioquímica; as sequências de aminoácidos; e o peso molecular das proteínas. Eu poderia forçá-lo a ouvir a grande música, esta sonata durante todo o inverno... Poderia... se quisesse... mas no fim dessa aprendizagem, qual o resultado? Talvez uma

neoplasia ou você abominaria ainda mais os glissandos do piano... Ou então, aceitaria a conjugação dos sons, mas de forma mentirosa e artificial. Aceitaria a música pelo hábito. Pelo hábito, até aquilo que num primeiro instante abominamos se torna razoável com o tempo, percebe? Mas assim você nunca atingiria o lado emocional. A emoção primeira e intuitiva, nascida das reações enzimáticas, que desentope o coração. Mesmo tendo essa vontade – e acredite que a tenho e não é só consigo –, não posso forçá-lo a emocionar-se com a música, tal como você não pode forçar-me a acreditar nos seus sonhos, adivinhações, ou no seu Deus. Agora, posto isto, espero que tenha compreendido o que estamos aqui a fazer. Chegou a sua vez. Quero ouvi-lo. Ouvir as palavras que tem para me dar. Os porquês. As causas. Pode mentir-me, se quiser. Tenho é de ter respostas. Palavras para pesar e medir. Boas ou más. Necessito de respostas para preencher o processo. Daí esta entrevista. É uma questão burocrática, eu sei. Feliz ou infelizmente, é este o meu trabalho. E o seu trabalho, neste momento, infeliz ou feliz, dependente unicamente de si, é o de responder.

A sonata regressa em pleno aos ouvidos à medida que o silêncio das palavras vaza.

O Mensageiro coça o lábio inferior, sorri. Estala os dedos. Massaja nos pulsos vincados a ausência das algemas. Ao fundo, o Olho de Vidro dormita de boca aberta: a baba a descer. O Colarinho Cervical, hirto, apercebendo-se, dá-lhe uma cotovelada.

Pela primeira vez, a voz áspera do Mensageiro, bem articulada, com ligeiro sotaque, faz-se ouvir:

Que esconde atrás das luvas, Diretor?

Vê! É bom ouvi-lo... Tem uma voz bonita... Mas isso não é uma resposta, é uma pergunta.

Responda-me a esta que eu respondo-lhe a uma.

Não nos estamos a entender...

Responda-me a esta que eu respondo-lhe a uma.

O que eu espero de si são respostas...

Responda-me a esta que eu respondo-lhe a uma.

Está a repetir-se.

Repetimo-nos.

Vai responder às perguntas que lhe fiz?

Creio que alguns desses dedos não lhe pertencem, Diretor.

Frase com faca nos dentes. O Diretor alisa a barba. Um sorriso. Dois sorrisos. O miço aprisionado. O tremor na perna. A borboleta do olho.

A luva direita, parada na braguilha, desprende-se. Dá início a um movimento inesperado. Mas, a meio do percurso, trava. E, arrependida, retrocede para junto da irmã.

O Diretor aconselha:

Não vá por aí. O senhor não está em condições de negociar.

Sei que alguns desses dedos não lhe pertencem. Sim, são próteses, Diretor. Mas sei mais. Sei como é que os perdeu. E como pode recuperá-los...

Vai responder-me às perguntas que lhe fiz?

Posso dizer-lhe que sei muitas coisas que você não sabe. E se eu disser todas estas coisas que eu sei e que você não sabe, vai querer fazer-me mais perguntas. Não as mesmas. Outras. E talvez a essas eu lhe possa responder.

Quero que me...

Não, não, não. Está enganado, Diretor. Isto que eu sei, você não sabe. Nem calcula. Não está escrito no processo. Ainda não aconteceu. Mas é certo que vai acontecer. Foi-me dito por *Ele*. E acredite que *Ele* não se engana. E isto que tenho guardado é uma novidade. Uma bomba emocional. Nem a música vencerá isto. E, aí sim, o seu coração saltará para o lado direito.

Como?

Quer mesmo saber?

Diga-me.

A sua mulher vai deixar.

O quê?

Eu repito: a sua mulher vai deixar tal como os lobos fizeram o militar.

Deixar o quê?

Deixar e gostar, a Ruiva.

O Diretor eleva-se. Barulho de solas. Desliga o rádio. A sonata é interrompida. Alguns agudos cristalinos ainda permanecem, um segundo, agarrados ao ar frio, para logo serem engolidos pelos poros das paredes verdes.

É este o sinal para os verdugos.

Furiosos, levantam-se. Caminham. Ninguém sabe o ódio de que são capazes. Agarram o Mensageiro pelos ombros ossudos. Dão-lhe socos de

mão fechada. No estômago. Na cara. Na cara é importante bater. Batem. É ali que ficam as marcas que a roupa não esconde, a vergonha, o ódio. Dão pontapés. Joelhadas. Lá está: a raiva toda metida nos músculos. Os verdugos alegram-se enquanto batem.

O Mensageiro cai de joelhos, sangue no nariz, na boca.

Mostra coragem ao ser arrastado pelo soalho como cão inofensivo. Pois ainda consegue chiar algumas frases atordoadas. Palavras desmanchadas, ditas por uma boca exausta:

NNNãoo que e er... quee er ou viir comm o a ruuiiva vaiiii...

NNNãoo quer... oo ou viiir o que vaaaiiii aco nn nteeecer?

NNNãoo ss abbe o que...

A falta que faz a perda: as mãos sinceras

O Diretor é um ator à boca de cena numa marcação rigorosa.

Quando de pé, ao interrogar ou falar, compõe as mãos apáticas, de camurça, atrás das costas. Quando sentado, é mais fácil: poussa sobre a braguilha, uma luva, e depois a outra, em cima. E ali ficam, quietas, as duas mãos furtivas: inúteis irmãs gémeas a protegerem-se mutuamente.

Apenas sozinho, no escritório de casa, no gabinete do trabalho, de porta fechada, o Diretor calça as luvas de camurça. Usa para a operação, a reunião dos indicadores, médios e anelares e o auxílio dos dentes. Seis dedos para duas mãos. Três mais três mais dentes. Que o Diretor exercita para executarem o trabalho de dez. Mas ter seis dedos é diferente de ter dez. E os dentes não podem fazer o resto.

Mas, e os polegares da caça? Como compensar a falta dos polegares da caça? A construção da humanidade iniciou-se no polegar. O que distingue homens de animais é esse dedo anão, grosso, que se opõe aos outros. Que os encara como a poma, e conta, como um professor conta os alunos a quem vai ensinar a lição:

Um, dois, três, quatro.

Um, dois, três, quatro.

Desde *a perda*, há gestos interditos ao Diretor: apertar uma mão; descascar uma pera; abotoar um botão; rodar uma maçaneta; disparar um revólver; tocar a pele de mulher de forma erótica.

Qualquer gesto manual, ainda que mínimo, traz dificuldade. Obriga-o a um esforço suplementar. A uma atenção permanente. Isto, apesar do treino a que forçara os dedos órfãos.

Mas a desgraça também é lugar de aprendizagem.

Uma vez, aproveitando um convite pessoal do Ministro Calvo para oferecer uma palestra teórica a verdugos recém-formados sobre *Técnicas de Persuasão*, o Diretor elaborou uma tese.

Nessa tese, havia um capítulo intitulado “As mãos sinceras”.

A certa altura, lia-se:

... sim, é certo que está quase tudo no rosto. Na fachada da cabeça. No rótulo que indica a colheita do coração. Ali, naquele amontoado de linhas, sulcos, cores, pelos, sombras, saliências, buracos, está guardada a chave do cofre obscuro. Cofre onde se esconde o polvo da alma humana.

Mas o rosto aprende a mentir. Desde bebês, fazemo-lo. Com expressões encenadas de tanta repetição. Numa ginástica aplicada dos músculos faciais.

Tal como se ensina o bê-á-bá, existem técnicas e também comprimidos para domesticar a arrumação das sobrancelhas; o bater das pestanas; a diversão dos lábios; as rugas da apreensão; ou reduzir o volume do olhar.

Mentir descaradamente com expressão e voz falsas? Não é o que todos fazemos um dia, dois, muitos dias, passando incólumes?

Agora: Onde e como colocar as mãos enquanto o rosto e a voz burlam durante o tempo da mentira?

Nos bolsos traidores?

Debaixo das coxas, culpando o frio?

Abraçando uma com a outra para que se inibam mutuamente?

Penteando a madeixa?

Entrelaçando os dedos que tremem?

Coçando o cocuruto?

Esfregando o nariz?

Apertando o lóbulo?

Como dominar o gesto desarmonioso?

Como dominar o movimento contrário ao das palavras ditas e expressão armada?

Esta é a questão fundamental.

Fica o conselho: antes de qualquer interrogatório, livrem o examinado do peso das algemas; para que as mãos possam passear, distrair-se.

As mãos ocupam um dos lugares cimeiros na hierarquia da linguagem. E se as observarmos com intensidade encontraremos a falha. A dessincronia. O atraso. A hesitação. É verdade que estamos sempre demasiado ocupados a ler intenções no rosto, o fulgor nos olhos, ou a escutar as inflexões vocais, ou os silêncios aflitos. Mas, para apanharmos a mentira, devemos redirecionar o olhar. Ressintonizar os sentidos. Tal como o tom da voz nos indica o ânimo daquele que fala, as mãos, e os seus passeios, sabendo interpretá-los, põe-nos mais perto da verdade.

Mentir em simultâneo, com corpo e alma, com gesto e voz, é arte difícil. Só enormes atores podem fazê-lo e sair ilesos. Concebendo a verdade com a linguagem da mentira. Modulando a paisagem da voz no território da alma. A sinfonia das mãos na orquestra do corpo.

Em conclusão:

O rosto pode mentir com os sete buracos.

A voz pode mentir servida de palavras.

As palavras podem mentir com todas as sílabas.

Mas nas mãos, pequenos gestos, mordem-nos:

As mãos veem no escuro.

Falam no movimento.

Ouvem no toque.

Uma pessoa de palavra I: dar atenção às extremidades

Fora do Muro, no Hospital, a maior parte das salas e quartos cheira a banalidade: éter, doença, morte. Ao contrário, o gabinete do Médico Loiro encontra-se perfumado com a junção do verniz com acetona.

Junto à janela, o Médico Loiro lima as unhas. De vez em quando, olha lá para fora. O lençol branco asfixia a Floresta. O branco permanece gravado na retina mesmo depois de desviado o olhar.

O som leve do desgastar das unhas é interrompido por uma voz feminina no intercomunicador. O Médico não responde. O braço direito, suspenso, dobrado pelo cotovelo, continua a executar os movimentos diagonais e cadenciados: frente; trás. Como se manipulasse, em vez da lima, o arco do violino.

Depois de limado o mindinho, o Médico Loiro pressiona o botão, diz:

Mande-o entrar.

O Homem Pequeno entrou. Pouco convicto, subiu para a cadeira de paciente. Ergueu um joelho para o assento e impulsionou o outro. O Médico Loiro voltou-se, encarou a cara enrugada. Abriu a gaveta. Guardou a lima. Sentou-se na cadeira de veludo verde. Estendeu os dedos, orgulhoso.

O silêncio veio.

O Homem Pequeno não sabia o que esperar, nem o que fazer. Nervosamente, os seus pés tamborilam o ar, suspensos a vinte centímetros da alcatifa. Devido à tensão acumulada, um rugido solta-se da barriga. Parece ter um animal selvagem a lutar ali dentro. Amarfanha o chapéu de feltro e remexe o rabo na cadeira para abafar o mal-estar. O Médico Loiro estende a mão cuidada na direção da bandeja.

O Homem Pequeno percebe, escorrega da cadeira. Põe-se em bicos de pés para chegar ao bule e servir o chá. O Médico Loiro vê-lhe a cabeça enorme e o trabalho das mãos grossas. Mostra os dentes brilhantes ao observar as dificuldades do Homem Pequeno perante o mundo normalizado.

Mostras-me as tuas mãos?

O quê?

As tuas mãos.

Para quê?

Vá, anda lá. Já serves o chá.

O Homem Pequeno, hesitante, contorna a secretária. O Médico Loiro examina.

Vês?

O quê?

Olha com mais atenção. Repara. Isso. Agora, observa as minhas. Notas a diferença?

São maiores.

Errado.

Os teus dedos são mais finos e compridos?

Ó burro! Não é a questão do tamanho. Não são os dedos.

É o quê?

As tuas unhas. Olha as tuas unhas.

O que é que têm?

Irregulares. Encardidas. Olha as minhas. Limadas. Ebúrneas. Se meditasses nas extremidades das coisas talvez percebesses a diferença. Mas não, a ti só te interessa o que levas à boca, o que guardas nos bolsos, e o uso que dás ao penduricalho com mulheres com o dobro do teu tamanho. Ao contrário das mulheres, os homens vulgares têm esta tendência natural para marginalizar as extremidades. Descuidá-las. As unhas, o cabelo. Porque consideram: não é *o meio*, não são importantes. No entanto, são essas extremidades que, chegada a hora da cova, perduram. Muito mais do que o meio. As mulheres também resistem e perduram muito mais do que os homens. Talvez por darem a atenção merecida que essas extremidades pedem e não apenas *ao meio*. E é isto: apresentas-te com um sobretudo impecável, chapéu, laço, sapatos engraxados, muito bem, mas as tuas unhas, e esse cabelo oleoso, revelam as costuras do homem que és.

O Médico Loiro aperta-lhe firmemente as mãos de boneco. Vendo-o aflito, larga-as. Sorri.

Vá, não tenhas medo. Não tas vou amputar.

O Homem Pequeno transpira. Novo ruído de tripas. Sorve nervosamente o chá.

Vai devagar que ainda queimas a língua. Queres um queque?

Não.

A sério? Não sabes o que perdes... São de gengibre, caseiros.

Obrigado. Estou bem assim.

Andas a comer muitas empadas?

O Homem Pequeno baixa o nariz para a alcatifa, pousa a chávena e volta a trepar para a cadeira. O chapéu nas coxas.

Uma pessoa de palavra II: conhecer fraquezas no meio de lençóis enrodilhados

Diz o Médico Loiro:

Vamos ao que interessa. Tenho óptimas notícias! Quero informar-te que ultimei há pouco os detalhes com o Ministro Calvo. Amanhã, da parte da tarde, haverá uma reunião do Partido na Torre Governamental. Seguindo-se um jantar. Depois, a comitiva visitará o Clube. Onde nos receberás como grande cicerone que és. Espero, entretanto, que trates dessas unhas.

Vou tentar.

Já escolheste as meninas?

Sim.

E quem são?

A Gorda, a Anã, a Careca do Látex, a Menina Cega, a Ilusionista, e aquela, aquele, que tem mamas e...

Uma surpresa dura entre as pernas, não é? Fui eu quem lhe pôs os implantes. O Ministro Calvo vai adorar. A tua escolha deixa-me muito satisfeito!

O Homem Pequeno levanta o lábio superior num sorriso frouxo.

O Médico Loiro ri-se e bate palmas como uma criança.

Desculpa-me o entusiasmo. Mal posso esperar. O arco-íris todo reunido. Vai ser maravilhoso! Gostava também que arranjasses uns acepipes. Nunca se sabe... Rapazes a cheirar a leite. Carne fresca. Para algumas das senhoras dos nossos governantes, e quem sabe, para os próprios. No fundo, gostamos todos de brincar, não é? Consegues?

Vou tentar.

Não tentes. Conquista. Serás recompensado. Sabes que sou uma pessoa de palavra.

Eu sei.

Então que cara é essa?

Nada.

Não estás satisfeito?

Não, não é... Há qualquer coisa que... Sim... Quer dizer... Talvez seja estúpido... Mas... É que... Não consigo perceber de que lado estás?

Eu? Oh meu caro... Preocupas-te comigo?

O Médico Loiro pousa a chávena. Retira um queque da bandeja. Levanta-se. Contorna a secretária. Senta-se no tampo. Depenica. Leva migalhas à boca.

O esquerdo ou o direito, é isso?

É.

O bom ou o mau, é isso?

É.

Oh, meu caro, meu caro, meu caro... O que interessa menos agora é saber para que lado se deita o coração. Interessa, sim, saber onde vai estar ele no final... Não é? O teu, o meu. E sabes de que lado? Não sabes? Vou dizer-to. A martelar com os vencedores. Então ainda agora a batalha começou e tu já queres tomar partido? Tenho tanto para te ensinar... Para venceres neste mundo basta mostrares-te disponível para auxiliar os fracos na revolta, ao mesmo tempo que amas os fortes no esmagamento. Porque um dos dois vai vencer, não é? Num terreno dualístico, não podem perder os dois.

Estamos a meter-nos com lobos.

Não, estás enganado: vamos deitarmo-nos com eles. Dormir lado a lado. Fornicá-los. Queres local mais indicado para conhecer fraquezas do que no meio de lençóis enrodilhados?

Estamos a correr riscos. Já correm por aí boatos.

Adoro boatos. Soam melhor que a verdade.

Estás a brincar? Isto é sério. Estamos a correr riscos.

Vá, relaxa. Não te deixes influenciar por esses vai-e-vens da língua. Tens de aprender a relaxar. Relaxa e adapta-te. O segredo é aceitar. Tudo tem um propósito. E não existe moral na natureza. Olha só o que a malvada te fez! E digo-te mais: nos dias que correm, quem não se adapta, morre.

O Homem Pequeno baixa a cabeça e começa a percorrer a aba do chapéu com os dedos como se cerzisse.

Uma pessoa de palavra III: é pena não possuirmos exosqueleto

O Médico Loiro retoma:

É assim mesmo. Toma o exemplo dos ratos e dos insectos.

Ratos...

Sim... ratos, insectos, insectos, ratos. Embora devêssemos aspirar aos insectos. Sim, principalmente estes. É pena não possuirmos exosqueleto. Pensa: os insectos estão em toda a parte. E em maior número. Por quê?

O Homem Pequeno não responde.

Adaptam-se. Se um dia isto rebentar, eles serão dos poucos a cá ficar. E olha para eles: parecem-te repugnantes, frágeis, insignificantes. Fáceis de esmagar. Mas repara no que uma pulga faz.

Uma pulga?

Sim, a quantidade de doenças que transmite.

Uma pulga?

Oh meu caro... Sabes quem começou a peste?

O Homem Pequeno não sabe.

Como numa história infantil, tudo começou numa bela tarde em que uma certa pulga mordeu um certo rato. Depois, nessa noite, o rato adoeceu. Adoeceu tanto que os outros ratos que com ele viviam o expulsaram. Nos dias seguintes, outros ratos mordidos por outras pulgas, e doentes, entraram em contacto com o homem.

E enquanto os ratos morriam e o homem os observava, a pulga saltou de um dos ratos e mordeu o homem. Nessa noite, o homem adoeceu. No dia seguinte a mulher beijou o homem doente. E a pulga saltou do homem, e a mulher adoeceu. E assim por diante... E sabes o que fez a pulga durante a mortandade? Enquanto os homens e os ratos caíam no chão?

O Homem Pequeno abria os olhos.

Copulou. Espera, ainda não terminou, não penses... Na Arca do Noé, não entraram nem insectos, nem ratos, como bem sabes. Mas, depois das

cataratas do céu terem sido encerradas, e quando as águas começaram a retirar-se... O Noé abriu a janela e soltou o corvo.

O corvo?

Sim, o corvo. O corvo foi primeiro do que a pomba. A pomba foi a segunda escolha. Então o corvo foi e veio... E sabes quem é que o corvo encontrou durante os seus passeios, o que trouxe agarrado ao bico quando voltou à Arca?

Insectos...

Sim! E ratos! Para ser mais exato: ratos, mosquitos e louva-a-deus. Não é irónico?! Realmente... Estes queques de gengibre estão uma delícia... Tens a certeza que não queres provar um?

Uma pessoa de palavra IV: há por aí muita gentinha com saudades nos dentes

O Homem Pequeno abana a cabeça. O Médico Loiro pega num guardanapo. Limpa cuidadosamente os dedos, os cantos da boca. Olha demoradamente. Enruga a testa e muda o tom: a voz anoitece.

E como correu o encontro com o Mensageiro?

O encontro?

Sim, a entrega. Não te faças de parvo.

Sim.

Sim, o quê?

Foi na praça da Zona Cinzenta.

E?

Ele vinha com o namorado.

Que namorado?

Sim... acho que é... quer dizer... não sei se é namorado... É o que dizem por aí... Um gajo loiro que também trabalha com ele na Fábrica. Um gajo loiro cheio de borbulhas. Até mete dó olhar para ele... Tem cara de assassino... E então... Ele... Eles já lá estavam... na praça... à hora marcada... pontuais... à neve... dei as boas-noites e entreguei-lhe a mala. Não foi isto que me pediste?

E ele?

Agradeceu-me e acrescentou qualquer coisa acerca de um corvo que gralhará... na hora de qualquer coisa...

Olha que interessante.

Fiquei todo pele de galinha.

Também não é para tanto.

Não te rias. Aquele homem não pertence aqui.

Pertence onde?

Não sei. Sei lá. Eu só sei é que... Vê... Olha o que acontece só de me lembrar...

O Homem Pequeno arregaça a manga do casaco até ao cotovelo, desaperta o botão do punho, e mostra ao Médico Loiro os pelos eriçados.

Sente-se uma presença. Uma luz... Um cheiro...

A enxofre?

O Médico Loiro solta nova risada. Da boca do Homem Pequeno as palavras deslizam agora apressadas:

Goza, goza, tu não sabes, não falaste com ele, não sabes, não o ouviste, quando ele fala, fala a mesma língua que nós, embora com sotaque, um sotaque estranho, é verdade; no entanto, é outra coisa, é outra língua, e ele olhava-me enquanto falava, mas não era para mim, era através de mim, e ele olhava-me e, não sei, é como se visse, através das tripas, o lado de cá, e visse que tenho cá uma coisa, que ele viu, que ele viu à transparência, o que eu tenho no lado de cá, ele sabe...

Sabe?

Tu não ouves as coisas que se dizem por aí? Ele sabe!

O que é que se diz, diz-me lá?

Então... Depois deste ataque dos lobos, não se fala de outra coisa: o Mensageiro, e as visões, e premonições, e sonhos, e o raio que o parta! Não me perguntes por quê. Só oiço o que todos falam. Ele sabe o que vai acontecer. Está casado com o *Lúcifer*...

Genial!

Então?

O povo é muito bom a criar histórias.

Histórias?! Então e o militar encontrado morto na Floresta? Mãos, orelhas, olhos e pés arrancados? Os lobos fizeram-no tal como ele tinha previsto.

Ouve: Eu tenho dentes e estômago. Tu tens dentes e estômago. A fome faz doer. E há por aí muita gatinha com dores no estômago e saudades nos dentes.

O que é que queres dizer com isso?

Não penses que te vou dizer tudo o que sei.

Tu sabes mais alguma coisa?

As mãos do Homem Pequeno deformam o chapéu:

O Mensageiro foi preso.

Como?

Esta manhã. O Ministro Calvo confidenciou-me há pouco. E vai tudo correr bem, vais ver. Ele já tem o que queria, não é? Um exército fiel de prostitutas e operários. A mala.

O Homem Pequeno treme convulsivamente. Tenta articular, não consegue: as palavras saem-lhe desconexas. O Médico Loiro levanta-se. Aplica-lhe dois estalos. O chapéu amassado voa. Cai junto dos sapatos de verniz. O Médico Loiro abre a boca do Homem Pequeno e obriga-o a engolir dois comprimidos brilhantes. Depois enlaça-o. Faz-lhe festas nas costas.

Chhhhhhhhhhhiiiiiiiiiiiiuuu... Então... Vá lá... Vá lá... Acalma-te... Um homem desse tamanho não fica nesse estado de nervos... Eu sei... Estamos numa encruzilhada. Eu sei... Ou comemos... Ou deixamo-nos comer. Garanto-te que todos nós, sem exceção, não temos outras opções. Até o Ministro Calvo. Pensas o contrário? Ele também pressente coisas e anda nervoso. Anda nervosinho. Achas que estes jantares e festas organizadas servem para quê? Para renovar as baterias do poder e aliviar a carga do medo. Ah pois é! Pensavas que não? Tenho-os encharcados em comprimidos. Mas os químicos já não chegam. Sim. Eles pressentem. O Governo pressente. Já começam a sentir o perfume do incompreensível. Tal como tu.

O Médico Loiro desfazendo o abraço, segura-lhe o rosto. Aproxima a boca da testa oleosa e beija-lhe as rugas da apreensão. As rugas murcham com a pressão do beijo. Murmura:

Estou aqui, ao teu lado. E vai tudo correr bem, vais ver. Tens a minha palavra. Sabes que sou pessoa de palavra. Por isso, eu e tu decidimos comer.

O Médico Loiro passeia a mão cuidada pela nuca grossa de macaco, pelos cabelos oleosos. Desce a mão até à braguilha. Beija o Homem Pequeno. Após lhe largar a língua, dá-lhe um forte estalo e aperta-lhe os genitais.

És meio quilo de merda! Foda-se! Tiras-me do sério. Com esse tamanho, consegues cheirar tão mal da boca como um gigante. Peidas-te a torto e a direito. Tens essas unhas... O teu meio quilo de carne está podre... podre... Imundo... Eu até te chupava o penduricalho se soubesse que tomas banho com regularidade... Mas não... És meio quilo de merda... Vá! Deserta daqui! E leva as caixas de comprimidos para as trocas! E ouve com atenção! Ouve-me muito afinado: Tem cuidadinho quando fores ter com o

Diretor! Ele anda desconfiado e é capaz de te fazer perguntas. E se ele te fizer perguntas, não lhe respondas. A nenhuma! E amanhã: Quero-te pronto, limpo e lavado! Não me fudas! Não estragues tudo! Porque se fizeres merda... Se fizeres... Sabes que sou uma pessoa de palavra.

O Homem Pequeno, agarrado às partes baixas, escorrega da cadeira. Apanha o chapéu amolgado. Agarra no saco com os comprimidos. Pergunta, de lábios fracos:

E a Ruiva?

O Médico Loiro, já sentado na cadeira de veludo verde, abre a mão esquerda como o pavão abre a cauda. Os dedos mostram-se um a um. Com a unha do indicador aponta para o centro da palma da mão pedante.

A Ruiva? A Ruiva está aqui.



GYMNOPIÉDIE III

A Carne: breve smula dos mais importantes ditados do Ministro Calvo

Claro, a carne. A carne. A falta que faz a carne.

Veja-se esta maldade que o povo a todo o instante repete: Na mesa, tenho: cereais, leguminosas, vegetais (um sem-número de possibilidades nutricionais, de combinações, mas mesmo assim a maldade f-los dizer): passo fome. Passo fome? Por quê? Porque no passado o bife sangrava no prato a todas as refeições? E no que é que isto deu? Como carne, logo posso? Posso carne, logo sou? Todos os dias?

Será que ninguém entende isto?: uma coisa é a leve carência; outra, a fome bruta. Estar carente de carne não é igual a estar faminto. O esfaimado rouba, espanca, mata. O carente *quanto baste* concentra-se naquilo que há. No suficiente. E ninguém nesta cidade poderá afirmar, sem mentir descaradamente com todos os dentes que tem agarrados s gengivas que passa fome. É uma indignidade! Uma infâmia!

Como Ministro deste Governo, considero a leve carência necessária. A carência delicada deve ser lei fundamental para o povo. Pois coloca-o mais perto da humildade; no lugar certo. Conscientes daquilo que  necessário  sobrevivência tranquila. Sem esbanjamentos, nem desperdícios. Vocês sabem isto: O que sabe ficar-se pelo necessário é bastante rico.

O refrão do verdugo

Na sala anexa ao Gabinete de Persuasão, depois do balde de água gelada para sacudir sentidos, os verdugos forçam o Mensageiro a despir o uniforme laranja, camisola, cuecas, meias, sapatos.

Nu e combalido, o Mensageiro apresentava-se um morto de fome.

Do tronco magro destacavam-se as reentrâncias entre costelas: um harmónio de ossos. As pernas e braços, lamentavelmente finos.

O Mensageiro leva as mãos abaixo do umbigo para tapar pendurezas.

O Olho de Vidro dá-lhe com o bastão:

Tira daí a mão, ó verruguento.

Os verdugos riem-se como galinhas aflitas ao conferir o tamanho do pénis do Mensageiro. Dos movimentos soltos do riso, o Colarinho Cervical mete cara de dor e leva a mão ao pescoço:

Foda-se! Até o riso me faz doer...

Após arrefecer a temperatura do gozo, os verdugos convidam o Mensageiro a deitar-se na cama de ferro aparafusada ao chão no centro da sala. Para o convite recorrem à dureza gentil dos bastões. Enchem-lhe o tronco e pernas de marcas. Cospem-lhe em cima. O Mensageiro não oferece resistência: deixa-se convidar. Põe as mãos na cabeça: deixa-se bater. Sangue a saber-lhe na língua.

Deitado no estrado da cama, o Mensageiro fixa o tecto. Procura uma racha ou nódoa na textura de cal. Algo que o faça distrair. Ligar os olhos a outro assunto para sentir menos. Repara então numa aranha a tecer armadilha junto da lâmpada nua. Subitamente, a aranha interrompe a tecelagem, desce a seda sem pressa e, a balouçar como um alpinista pela corda fina, observa de perto o rosto maltratado do Mensageiro com oito olhos em simultâneo.

Os verdugos prendem os tornozelos e pulsos do Mensageiro às argolas de ferro presas ao estrado. Debaixo do estrado existe um mecanismo de roldanas e correias que obriga as argolas a moverem-se em sentidos opostos: os pulsos para oriente, os tornozelos para ocidente.

Depois de ajustadas e bem apertadas as argolas aos artelhos e carpos, o Olho de Vidro dá início ao mecanismo da cama.

Canta o refrão:

Esticar até estalar.

Esticar até partir.

Esticar até falar.

Esticar até abrir.

Cacofonia da tortura

Neva: lá fora, na Floresta, no Muro, na Cidade, e frio.

Frio mais fora que dentro.

Mas ali dentro, ainda assim, no frio, o Mensageiro transpira de dor.

A dor, como o prazer, faz descobrir um súbito verão no inverno que acontece. Produz calor, dá febre, suor ao corpo que antes tremia.

Os gritos zumbem na sala como a chegada súbita de um enxame.

O Diretor, que se ausentara para mais uma frustrada tentativa de urinar, aproxima-se da cama de ferro.

Um novo comprimido cor-de-rosa sob a língua: o coração domesticado.

Observa a boca aberta do Mensageiro: trémula; hálito pedinte; chiar de dentes; piruetas de saliva; e num vislumbre: a dança da glote.

Vê o arbusto queimado plantado nas íris. O glaucoma do medo a eclipsar a córnea.

Recua dois passos.

Mãos possessas, desarticuladas.

Gritos de ossos.

O Diretor fotografa e naquele espetáculo presente um nascimento com a placidez e calma de um obstetra experiente. É evidente: sob aquela pele retesada, Deus afasta-se e um outro corpo nasce ali, possuído por outra entidade, ou órfão de dono, de pai. Naquela cama de ferro nasce um outro homem. Um homem novo que identifica e resume o-para-quê-de-tudo-isto-afinal? Pois, quando Deus se afasta, os homens a si ficam entregues, às suas dores.

Na cama de ferro, as argolas estendem músculos, ossos, articulações, nervos. A escala tónica dos gritos altera-se conforme a engrenagem da tortura faz crescer no Mensageiro os centímetros recusados na adolescência.

Ao observar *aquela parto*, o Diretor admite:

Sim, ali só há dor. Já não há homem sequer. A dor é sempre tão sincera.

O Colarinho Cervical pergunta:

Podemos parar?

O Olho de Vidro trauteia:

Esticar até falar.

O Diretor olha as divisórias no mostrador branco do relógio de pulso, desliza a língua ao longo da fileira de dentes, pensa na Ruiva, e diz:

Só mais uns segundos...

Dez segundos pretos na cabeça de um, na carne do outro

Só mais uns segundos.

Repetiu o Diretor.

Enquanto o ponteiro preguiçoso avançou no mostrador branco, o Diretor viu a mulher, a Ruiva, a abrir as pernas ao Mensageiro. Depois, a outro homem. Viu homens, em fila, a porem-se em cima da Ruiva. A trabalharem a mulher como abelhas no favo. E a Ruiva de boca franzida, olhos revirados, rainha, a engordar-se de homens. A escorrer água viscosa das coxas. Mel oleoso. A sujar o chão e os lençóis com esse mel oleoso. O Diretor viu homens molhados da chuva da fornicção a lamberem o mel do chão e os lençóis. A puxarem as calças para cima. A bufarem obscenidades.

Sim, no mostrador branco, 10 segundos pretos para o Mensageiro; para o Diretor. Mas tanto na carne de um como na cabeça do outro não se apelidaram segundos nem se contabilizaram 10. A dor não é cronometrável; nem comunicável. Aqueles dois não tinham sofrido com o relógio. Sofreram, talvez, de um outro tempo, de uma outra dor-de-vida, que se situa algures: na eternidade? E a ofensa da dor não foi proporcional à distância percorrida pelo indicador mecânico. Aqueles insignificantes 10 segundos pretos camuflaram quilómetros de horas de uma *dor privada*.

O tempo e a dor não são cordiais; são insolentes.

Quando se encontram na cabeça ou na carne dos homens, não costumam olhar-se nos olhos, nem sequer dar as mãos para um passou-bem.

Apaixonar-se por uma mulher de costas dezasseis anos antes

Coisa simples, irónica: apaixonar-se por uma mulher de costas e depois não haver fuga. Não conseguir escapar ao gancho da beleza.

Mas é preciso paciência e olhar para a lua quando se trata de mulheres: as barrigas delas estão sempre a mudar.

Dizia, para consigo, o Diretor, quando pensava na Ruiva, numa espécie de salvaguarda.

O Diretor apaixonara-se dezasseis anos antes.

A Ruiva estava sentada de costas para o Diretor. De frente para o órgão da igreja entretanto demolida. Pele branca, vestido branco, cabelo vermelho, em contraste com a luz sombria da Casa do Senhor. Um anjo desavindo com as leis divinas, caído há nove dias e já decepado de asas, mas com um vulcão em erupção nas costas. O vestido, demasiado audaz e arejado para um lugar de temor. A uma missa não se leva um vestido branco. Mas até esse atentado estético ofereceu ao Diretor um choque no umbigo e a impulsão nas partes baixas.

Após o solavanco, o Diretor compreendeu:

Esta, de costas, é *aquela*.

Aquela que eu quero beber até partir o copo.

Sob a meia-luz dos frescos onde homens flagelados carregavam cruzeiros às costas e sorriam em carne viva, o Diretor disfarçou o volume nas calças com o chapéu, e tomou a decisão a que até hoje obedece...

Só semanas após o avistamento na igreja, e quando a convidou para um chá, dando aí início ao trabalho delicado da conquista, teve tempo e ângulo para lhe averiguar o rosto estupidamente pálido onde tudo estava certo: o desenho fino da boca, o nariz pretensioso, até as sardas traquinas que lhe sarapintavam as maçãs como pontos de canela. Também se surpreendeu com a força original do seu olhar bicolor: um olho verde, um castanho.

Era verdade:

O Diretor apaixonara-se dezasseis anos antes. Por uma mulher de costas.

Há treze anos a desposara.

Quatro anos depois, o corpo da Ruiva dilatou-se: nasceu o filho.

E há dois anos que a Ruiva não lhe abre as pernas.

O Diretor faz contas de somar e dividir. Cataloga o deve e o haver, no corpo e nos afectos, das marcas vívidas deixadas por essas nódoas negras experientes: os pontapés do tempo e do casamento. E apesar de todos estes cálculos, diariamente, sempre se repete o mesmo... Ao vê-la na cozinha, antes do beijo cumpridor, o Diretor interroga-se:

Quem é *aquela* que traz cabelos cor de lava e olhos discordantes?

A quem é que ela abre as pernas?

Porque insisto em amar o que não conheço?

Quando a quantidade faz inveja

A mão do verdugo Olho de Vidro procurou o botão. Fez o mecanismo suspirar. As máquinas também se cansam.

O Diretor aproximou o rosto barbudo da fonte donde os gritos escorriam. Do lábio de lebre, o Diretor, rente à orelha do Mensageiro, soprou:

Chhhhhhhhhhhhhiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiuu.

Respondendo ao estímulo sonoro, uma urina fumegante iniciou a descida em catarata, do bordo laminado da cama de ferro para o chão, escurecendo o linóleo.

Os verdugos recuaram para não molhar as botas.

Bufaram:

Mijão de merda!

O Diretor, surpreendido, afastou-se para observar com mais atenção a dimensão da poça de urina e o desenho que ali se formava. E o inevitável aconteceu. Sempre se repete o mesmo quando uma parte de nós é fraca e vemos exibido nos outros a dimensão da força que nos falta. O Diretor invejou o Mensageiro. Invejou aquela poça. Apeteceu-lhe um grito, mas não: guardou o lamento na cabeça:

Porra, até este, até este consegue.

Atestado de raiva, reformulou as quatro perguntas feitas anteriormente no Gabinete de Persuasão. Desta vez sem adoçante. Como resposta: só gemidos, suores, peidos, respiração arquejante. O Diretor passou a língua dormente pelos dentes e cabeceou um assentir. Os verdugos compreenderam e contornaram a poça.

O Colarinho Cervical fincou dois dedos nas narinas do Mensageiro e puxou-lhe o maxilar superior. O Olho de Vidro filou as unhas nas gengivas sob o lábio, alongou o maxilar inferior e, servido de alicate, entrou no reino da boca do Mensageiro.

Após vários puxões, o Diretor foi recebendo no centro da luva os corações de cálcio: desenraizados; ensanguentados.

Contou-os:

Um, dois, três, quatro.

Como o Mensageiro perdeu os sentidos ao segundo arrebatamento dentário não chegou a ouvir as seguintes seis palavras:

É justo: quatro silêncios, quatro dentes.

Dedos na lição

O silêncio estabelecido no escritório é interrompido.

A música é intensa e teima em vencer a arquitetura. Ultrapassa divisões. Rasga paredes. Sobe degraus. Desliza pelo chão do corredor como um patinador elegante. Para, depois de ultrapassar a porta fechada do escritório, entrar pelos ouvidos do Diretor, num volume magro mas ainda assim autêntico.

A música vem dos dedos coordenados do Filho: dez falanges em crescente a brigarem com as teclas. Acorde, mão esquerda. Melodia, mão direita. Notas de cópula feliz ocupam, como peças de mobiliário, os espaços vazios da casa.

O Filho está amarrado ao piano. Tem oito anos e olheiras de adulto: duas nódoas negras no círculo das órbitas.

Herdou do Pai o lábio fendido de lebre, os olhos apressados. Da Mãe, o cabelo vermelho, as sardas e a palidez.

Ligado de pulsos e tornozelos ao piano, como um doente à máquina que lhe segura a vida, o Filho repete até à perfeição um compasso quaternário debaixo da sombra impaciente da Mãe.

Sob a orientação da Mãe, prepara-se para o grande concerto quando chegar o verão.

A Ruiva sacode os caracóis alegres. Desfolha a partitura. Marca o compasso com o pé magro enfiado num chinelo.

Um, dois, três, quatro.

Um, dois, três, quatro.

A Ruiva vigia com olhos de mocho os movimentos de aranha dos dedos do Filho. Está atenta à precisão e à agilidade dos dedos considerados mais fracos: o quarto e o quinto. O anelar e o mindinho. E está pronta a puni-lo em caso de falha.

O Diretor, fechado no escritório, ouve a lição e castiga-se. Não consegue fazer nada. Impedir. Protestar. O Diretor sabe que as nádegas do filho veem a fivela do cinto quando os seus dedos tropeçam nas teclas como certos

bêbedos nas ruas. E não consegue fazer nada. Defendê-lo. Abraçá-lo. Não consegue travar a educação crua. Enfrentar a Ruiva para digladiar raciocínios acerca dos malefícios da austeridade.

O Diretor é o Pai, e pouco. A Ruiva é a Mãe, e muito. E caso houvesse diálogo entre o ser Pai e o ser Mãe, o Diretor tem como certo a falência dos seus argumentos, e talvez, o pior de tudo, a falha da sua coragem: o dom do Filho é uma tormentosa evidência e a música nascida daquela disciplina fria é beleza aterradora.

Ao ouvir o Filho tocar piano, o mal parece ficar de fora, excluído.

A música, o grande mistério, não vence só a arquitetura, derruba também os corações dos homens.

O Diretor pantomina os movimentos da mão direita do Filho. Desiste.

No sangue do Diretor, o deleite proporcionado pela música é substituído pela chegada de um sentimento qualquer que se situa entre o orgulho e a inveja.

O Diretor admite:

Estes não são suficientes.

O meu Filho, sim, tem dedos.

Assim evitamos as tendinites

A porta da sala range e o Gato entra. A Ruiva espreita sobre o ombro. Segue o passear presunçoso daquelas patas de algodão. O desdém miado. Torce os lábios e abana a cabeça. Os caracóis a dizer não. O Gato ignora-a. Aninha-se no tapete, junto da lareira. Boceja, trocista. Volta a barriga para o tecto. Alça a pata traseira. Começa a lamber o sexo. O fogo estala.

A Mãe leva o alguidar onde o Filho tivera os dedos mergulhados. Escutam-se estalos, gemidos da madeira a cada passo. Os dedos do Filho, suspensos de alívio, gotejam. O Filho fita os dedos engelhados que apontam gotas no soalho. E segura nos olhos as lágrimas verdadeiras. A severidade da Mãe impulsionara a dor a cair, mas fora a força do seu orgulho a devolvê-las à procedência.

A Mãe regressa.

Obriga-o a novamente naufragar os dedos.

O Filho protesta:

Não, Mãe. Mais, não. Está muito quente.

É assim mesmo. É assim que tem de ser.

Queima.

Vai fazer-te bem. Vais ver. É assim que tem de ser.

Aiii... Já chega...

Vai fazer-te bem. Tens que ser forte. Assim evitamos as tendinites.

Mas... Dói.

Não sejas piegas. Se ganhares tendinites a dor ainda é pior. Muito pior.

Não, Mãe. Se é para o bem não devia doer.

Tem de doer. Lembras-te do ano passado quando caíste e esfolaste os joelhos?

Sim.

Lembras-te da dor que sentiste quando a Mãe te desinfectou as feridas?

Lembro-me.

Tiveste de morder a toalha, não foi?

Foi.

E foi para o bem, não foi?

Foi.

Foi para não infectar.

Sim.

A Mãe não te vai mentir: eu sei que dói, mas assim evitamos as tendinites. Porque se um dia ganhares tendinites vai ser bem pior. Digo-te eu. Por isso, não te esqueças desta dor. Agarra-a bem. Agarra-a bem. Um dia ainda te vai ser útil, vais ver.

Mas...

Já estão prontos.

O Gato entreabre os olhos. Crava as garras das patas dianteiras no tapete. A Mãe pousa o alguidar no aparador e abre uma gaveta. O Gato boceja a monotonia. A Mãe retira da gaveta uma toalha de turco, a corda rude. O Gato arranha.

O Filho, sentado no banco, observa a estabilidade perigosa do regresso.

Estende-lhe os dedos escaldados e enrugados com a expressão da rendição.

A Mãe enxuga-lhe ternamente a habilidade das falanges. Depois, amarra-lhe os tornozelos ao banco pesado de madeira e os pulsos às pernas do gigante de cauda.

A corda tem o comprimento necessário para permitir os movimentos que o teclado e os pedais exigem.

Depois de bem apertados os nós, a Mãe beija o Filho na testa.

O Gato mia.

Os dedos já estão quentes.

O piano, receptivo.

O fogo estala.

A lição pode começar.

Algo não vai bem no reino dos afectos

Mãe e Pai, Ruiva e Diretor, zelosos das aparências, cumpriam diariamente o ritual que fazia o casamento permanecer oficial.

Os lábios rijos da Mãe entravam em contacto com os lábios dissimulados do Pai. As duas bocas uniam-se sem desejo, com a barreira da barba e do bigode pelo meio, num beijo seco mas cumpridor.

A hora e o local estavam previamente estabelecidos.

Ao Diretor competia a iniciativa da aproximação. À Ruiva, a recepção.

O gesto que mais denuncia a vulnerabilidade e o afecto entre duas pessoas é o beijo ilusionista. Não a fornicção. Por isso, as prostitutas não beijam. Um beijo sincero pode quebrar feitiços, levantar mortos. Pois ali convergem a música dos lábios, o desfibrilador das salivas, o tinir das línguas; e a união dá-se; o privado revela-se. Tudo o que escondemos vem-nos à boca.

Não era este o caso. Mãe e Pai, Ruiva e Diretor, há muito que não trocavam saliva. Nem as palavras necessárias ao diálogo. Nem o diálogo necessário ao afecto. Usavam apenas monossílabos que permitiam ao tédio do quotidiano continuar organizado. Ainda assim, aquele beijo, desidratado, cínico, acontecia. Diariamente. Ao pequeno-almoço. Perante os fumos das panelas e tachos. Perante os movimentos azafamados da Criada. Diante dos olhos encovados do Filho.

As luvas de camurça eram as primeiras a entrar na cozinha. A serem vistas através do movimento da porta. O gigante avançava. No centro da cozinha o *Bom Dia* telegráfico era atirado. O Gato entorpecido aos pés da Criada aguçava orelhas, abria mandíbulas e bocejava. A Criada interrompia o corte dos vegetais, ajeitava os óculos grossos e retorquia.

Assim que o Pai parava no centro da cozinha, a Mãe, até ali sentada, vigilante do entornar da sopa, da colher na boca do Filho, interrompia o controlo e levantava-se alisando a saia. O Filho, de boca entreaberta, devolvia o conteúdo da colher para o prato. E aguardava com um misto de repulsa e curiosidade a junção daquelas duas bocas.

A mão sardenta de unhas crescidas, pintadas de azul, compunha os caracóis ensonados. O gesto do cabelo era o sinal para avançar. O Pai aproximava-se da Mãe com o cheiro da sopa de lentilhas a alargar-lhe narinas. A Mãe fechava preventivamente o par de olhos dissonantes – olho verde, olho castanho – para o não fuzilar antes da consumação. E esperava. O Pai, sabendo de antemão da cegueira momentânea, desferia um olhar de esguelha para os movimentos das nádegas atarefadas da Criada. Baixava o tronco e encostava os lábios hipócritas aos da mulher, retirando-os de imediato.

Meio segundo apenas. Um meio segundo público bastava para que aquele casamento fosse selado e perdurasse.

Em vez de: no início era o verbo.

Substituir por: no início era o beijo.

Ou: o beijo como indício de início e fim.

A fornicação no meio.

Como cortar vegetais em tempos delicados?

A Criada dilata as íris atrás das lentes espessas.

Tenta distinguir através da janela da cozinha os contornos do cavalo. Estica o pescoço, olha o relógio. 14:17. Sim, está quase. Durante os próximos quinze minutos, o seu coração doente acelerará ainda mais, vítima da expectativa. O Militar Coxo passará defronte da janela, a cavalo. E a Criada preparara-lhe uma surpresa.

Desliga o botão do forno. Abre a porta. O hálito quente e doce do inferno obriga a cabeça a fugir. Com o auxílio da pega, retira quatro queques do tabuleiro para a bancada. Verifica a massa com um palito. Olhos animados do aroma provocador a gengibre. Desenformados, embrulha os queques num pano: dedos saltitantes. Olha novamente o relógio. A janela. Endireita os óculos na tentativa de que o desejo vença a miopia.

Lá fora os candeeiros prolongam o exercício noturno: permanecem acesos. São 14:20. E a luz pobre da tarde está envolta numa atmosfera de cerco: a presença do Muro. Durante estes meses de inverno os dias não são dias decididos mas sim, marionetas comandadas pelos fios das noites altas. Os dias são quase pretos. Parece que numa rasteira propositada o sol caiu de costas. As nuvens e o vento empurraram-no para trás do mundo e a neve tapou-lhe a boca.

O sol demora meses a soerguer-se.

A Criada desvia o olhar. Na bancada, expectantes e mudas: cebolas, cenouras, batatas, curgetes. Os vegetais necessários para juntar às lentilhas já cozidas. Agarra numa cebola. Despe-lhe o vestido castanho. O Gato salta do cimo do frigorífico para perto. Os pés enregelados da Criada agradecem o calor felino. A Criada pousa a cebola na tábua. Agarra a faca com a imagem do Militar Coxo a cavalo atrás da testa e a voz da Patroa agarrada aos ouvidos. A voz ralhada da Patroa sempre lhe chega aos ouvidos antes do corte dos vegetais.

A Patroa, um dia, repreendera:

Para que nunca mais te esqueças e eu não tenha que me repetir ou bater-te, é assim: estes tempos que vivemos são delicados. E tempos delicados pedem ações e gestos delicados. Se na tábua de madeira, de faca na mão, respeitares os veios energéticos dos vegetais; a orientação vital do seu crescimento na terra; a energia, minerais e nutrientes que, ao mastigá-los (se os mastigares trinta vezes), receberás será triplicada e totalmente absorvida. Sem desvios, sem desperdícios. Cortar uma cenoura ou uma cebola de forma errada pode diminuir a absorção dessa energia e dos nutrientes. Nutrientes primários e energia mínima, é verdade; energia invisível, podes dizê-lo; mas que marcará a distância após a soma de todas as partes na contabilidade da sobrevivência: na longevidade da vida. Percebes o que é importante e delicado? Então lembra-te disso antes de usares a faca.

A Criada abana a cabeça para expulsar a voz. Olha a janela. Nada. A faca na mão. Na tábua, a cebola, nua. Seguindo a preceito as indicações, a Criada executa, num golpe único, firme, o corte íntegro e respeitador. Golpeia a cebola longitudinalmente a pensar na Patroa. Depois outro golpe, numa das metades, a pensar no Militar Coxo. Mas a lâmina resvala e atinge-lhe um dedo. O Gato aninhado ergue a cabeça das patas e mia um segundo antes do corte. A palavra “merda” preparava-se para saltar da garganta como a língua do sapo para a mosca, mas a Criada engole-a a tempo. Sim, mais um corte. É o quarto em quinze dias. Ou aquelas lentes estão obsoletas ou então a Patroa terá razão quando a alerta para sua a fatal inclinação para infortúnios:

Está atenta, tens muita acidez no sangue. Convidas acidentes...

Variações da Criada

A Criada abana a cabeça. Olha o relógio, a janela, o pano morno de queques. Sai apressadamente da cozinha com o peso do sangue no dedo. E com medo de que o Militar Coxo e o cavalo passem entretanto. Sem dar conta, uma gota de sangue ansioso escapa da incisão e precipita-se para a tijoleira.

Ouvem-se passos no corredor e o clique-claque da fechadura do armário dos medicamentos.

O Gato interrompe a preguiça. Empertiga as patas. Apura as orelhas. Mia. Avança com o rabo levantado, em direção ao quadrado sujo. Cheira. Depois lambe.

O clique-claque denuncia o regresso.

Ofegante, a Criada reentra na cozinha com a mão colada à ferida. Vê o Gato lambe. Afasta-o. O Gato eriça-se, ofendido. Ela respira. Uma, duas vezes. Recupera o fôlego. Olha a janela. O Gato, reffeito, aproxima-se, vagaroso. Ronrona, pedinte. Alguns dedos da Criada coçam-lhe o alto da cabeça. Inesperadamente, ou talvez não, a pequena língua áspera lambe-lhe a ferida. A Criada dá-lhe nova palmada e o Gato escapa-se da cozinha. Retira do bolso do avental o frasco de mercurocromo e a bola de algodão. Tinge o dedo. Do mesmo bolso extrai o penso e coloca-o sobre o golpe. Agarra as pontas do avental lilás. Dá cinco passos. Fecha a porta.

Debruçada à janela a Criada pesquisa a rua sem cavalo com Militar Coxo. Merda, se calhar já passaram, diz para si. Volta para junto da bancada. Fecha o punho. E aplica três murros no pano. Amarfanha. Morde o algodão até à dor.

E atira o pano com os queques esborrachados para o lixo.

Junto à tábua de madeira, ajeita nervosamente os óculos. Dói-lhe a cicatriz. Agarra a faca. Aproxima a lâmina executora das lentes. O cheiro do sangue da cebola.

As pupilas crescem. Dá conta da presença da música.

A lição começara. Os dedos do pequeno pianista, na sala contígua, apertam com velocidade certa as teclas exatas e produzem o milagre. A Criada distingue com nitidez o matrimónio de sons. Acordes que anunciam uma marcha. O pisar da alegria. Há tantos meses que ouve aquela peça e ainda se emociona a cada vez. Embora o Médico Loiro a tivesse alertado:

Deve fazer exercícios ligeiros: andar a pé, de bicicleta; mas evite as emoções.

Mas como poderia ela não se emocionar ao ouvir o piano diariamente? Tem dedos de ouro, o Filho da Patroa! E, com a faca, desenhou no ar os gestos da batuta: numa gesticulação gémea da mão marcial da Patroa sobre o ombro do Filho.

Desta vez, era ela, a Criada, o maestro. E os vegetais, a orquestra colorida.

Através de gestos virtuosos, a mão da Criada conduz a lâmina afiada até às cebolas, cenouras, batatas, curgetes. A faca, afinada em dó menor, corta em: *Allegro*. E os vegetais, que se oferecem ao sacrifício, respondem, entregam-se de casca e polpa, na partitura da tábua, à variação da mutilação.

A lâmina termina o golpe.

A faca levantada. Síncrona com a mão do pianista suspensa sobre o teclado. Silêncio com batimentos cardíacos em desordem. A Criada desce a faca virtuosa para junto da orquestra vegetal. Põe-se à escuta com pele de galinha. O segundo andamento: *Adagio*.

A melodia atravessa o corredor.

Num gesto emotivo, desviando a tábua para o lado – alguns vegetais decepados rebolam –, a Criada inclina o tronco e as mamas capturadas pelo sutiã sobre a bancada. Cotovelos paralelos. Cabeça suspensa. Óculos a deslizarem na cana do nariz. O traseiro espetado para a porta fechada: frágil obstáculo de madeira que a melodia transpõe como ladrão experiente.

A mão invisível da música roça os ombros da Criada; alisa-lhe o cabelo; contorna-lhe a curva das ancas robustas; agarra-lhe os seios moles; desata-lhe o nó do avental; levanta-lhe a saia; desvia-lhe o elástico das cuecas; e lambe com a língua universal o interior das coxas duras. A Criada diz não com a cabeça, mas entreabre mais as pernas.

A Criada não evita as lágrimas ao sentir o tinir do clítoris e o espasmo do ânus. Deixa-se cair no chão rente ao desmaio. Agarra-se à cicatriz no

externo: um carril impresso na pele que lhe segura o coração exaltado.

Diz-lhe:

Chhhiuuu, não tenhas medo, não é o outro, não são as luvas, é só a música: acordes das mãos.



GYMNOPIÉDIE IV

A música I: breve sùmula dos mais importantes ditados do Ministro Calvo

Concordemos todos: o perigo que é ouvir pássaros cantarem melodias alegres. O perigo que é! Felizmente, o Muro serve de barreira, a Floresta fica longe, e os ramos das árvores. Mas não sejamos desprevenidos. A música não é apenas, como muitos julgam, mera organização matemática de sons. Ou: que bonito!, ou: que horror! A música também é medicamento: pode a eficácia inata de um poderoso ansiolítico, ou guardar fortes propriedades vitamínicas. Daí alterar estados de ânimo, compassos cardíacos. Pois, tal como uma arma de grande calibre quando empunhada, um violoncelo, um saxofone, derrubam, imobilizam, silenciam, amolecem, colocam lágrimas onde antes não as tínhamos. E, de igual forma, vocês sabem isto, um piano faz deslizar o corpo, ou levanta-nos de um pulo como um gafanhoto, ou põe-nos a correr com o vento da alegria a arreganhar a boca.

Posto isto, colocam-se questões indispensáveis:

Que música deve o Governo ouvir para se fazer mais forte, e irresistível?

E que música permitiremos nós dar a todas as cabeças silvestres e corações toscos que nesta cidade abundam, para que não lhes cresça na boca a espuma da baba raivosa?

Sem disciplina não há mundo

Os dedos do Filho, apesar de imaturos, estão definitivamente talhados para a matéria. Ainda não conseguem a agilidade do galope do cavalo, nem a graciosidade da valsa dos tentáculos do polvo, mas, com treino intensivo, com muito exercício, eles vão lá, considerava a Ruiva.

Enquanto cose as batatas, diz ao Filho:

A Mãe vai viver para lá dos cem anos. Sabes isso, não sabes?

Sim.

E por quê?

Por causa do arroz.

Sim, o arroz e mais?

Por causa dos vegetais e das lentilhas...

Sim, tudo isso e mais?

Há mais?

Há.

Porque não comes empadas...

Pois... Mas não é só...

Já sei: Porque mastigas muitas vezes...

Isso mesmo. Trinta de cada vez que engulo. E...?

Não sei.

Pensa bem.

Não me lembro.

Disciplina, não é?

Ah, pois, a disciplina.

Sem disciplina não há mundo. Sem mundo não há música. Já te tinha dito antes.

Sim.

Queres ser pianista, não queres?

Quero.

Muito?

Muito.

Sabes que a Mãe gosta muito de ti, não sabes?

Sim.

E sabes que a Mãe só quer o melhor para ti, não é?

Sim.

Então serás um grande pianista e a Mãe viverá para além dos cem anos...

Com?

Disciplina.

Isso mesmo. A Mãe faz isto para prevenir.

O que é?

Prevenir?

Sim.

É conhecer o que vem a seguir.

Ah... Está bem.

Não quero que te distraias. Perto do piano estás protegido. Um dia ainda me vais agradecer, vais ver.

O estágio das batatas

Para que a técnica inata do Filho fosse aperfeiçoada havia também o estágio das batatas.

A Ruiva tricotava duas batatas cruas, com pele. As batatas eram escolhidas consoante o tamanho. Teriam de encaixar na concha das mãos pequenas. A Ruiva tricotava as batatas adequadas com uma agulha e um fio grosso. Várias vezes. A seguir enleava as batatas, já cosidas, às mãos do Filho. Obrigando-o a agarrá-las com firmeza.

O Filho passava manhãs inteiras sem poder fechar as mãos. Ou usá-las para qualquer outra atividade que não fosse: mãos de batata, mãos em concha, mãos mortas. Inválido para brincar, ou tocar, sentava-se numa cadeira da cozinha, a balouçar as batatas, para cima, para baixo: um ioiô inesperado. Na espera inútil de que com a insistência mecânica do gesto alguma batata cedesse. E assim, ao admirar distraído a preguiça do Gato, ou a observar os afazeres da Criada, a gravidade não exercia mais força. Nem devolvia os tubérculos à terra.

A sua técnica pianística era aperfeiçoada.

Olhos azuis de rio profundo

A Criada míope pedala devagar.

O som das rodas e o afiar do vento.

O coração é débil.

A respiração excessiva.

Neve, poças de lama e água gelada sobre os pavimentos, alcatrão, paralelepípedos.

Ao chegar à praça dos cafés de toldos amarelos, na Zona Amarela, a Criada trava a marcha para recuperar o fôlego. Descalça os pedais, mas não desmonta. Pousa os sapatos grossos no chão para se equilibrar. Acalma a bateria do coração, diante do obelisco que fora mandado erigir pelo Governo após o Grande Desastre. A Criada gosta do obelisco. Tem uma inscrição esculpida na pedra. A Criada lê mas não compreende. *CAVE HOC ILLUDQUE*. Está escrita numa língua estrangeira. Talvez por isso goste tanto do obelisco. Não compreender é vasto, não acaba.

Levanta as golas do casaco, ajeita o cabelo, empurra a armação grossa para os olhos. Do bolso retira um queque. Trinca, mastiga, engole. Olha para cima. A bandeira hasteada com a estrela do Governo ondula conforme a birra do vento. A lua pestaneja entre as nuvens. A Criada guarda o queque mordido no bolso. Direciona o guiador. Volta com as botas grossas aos pedais.

Com a taquicardia na carótida, peito a inchar na camisola, acerca-se do posto fronteiro onde arame farpado foi plantado e cresceu com o vigor das ervas daninhas, de um dia para o outro, sem ninguém dar por isso. Sente um calor súbito subir-lhe do umbigo ao rosto à medida que se aproxima dos militares: o perigo iminente ruboriza.

Trava rente à barreira de segurança. Não desmonta a bicicleta.

O passe sai-lhe dos dedos gelados para as mãos de um militar. Tem olhos azuis de rio profundo. Fuma. O militar de Olhos Azuis puxa duas baforadas. Depois de verificar o passe, grita. Um outro militar, baixo, careca, sem boina, sai da casinha envidraçada pela portinhola. Após uma breve troca de

murmúrios entre os dois, o militar careca volta para dentro e o que tinha o passe carimbado na mão olha-a longamente.

Algum problema?

Tenho um familiar doente. Vou visitá-lo.

Sabe que horas são?

23:12.

Sabe que é perigoso para uma rapariga andar por aquela Zona...

Sei defender-me.

Não digo o contrário.

Tenho um familiar doente. Preciso vê-lo. Além disso este passe dá-me acesso a todas as Zonas, certo?

Apenas cumpro ordens. Compreende?

Compreendo. Mas tenho um familiar doente. Preciso vê-lo.

Já disse isso.

O Militar balança o olhar azul pelo corpo da Criada.

Tem aí uma bela bicicleta.

É uma bicicleta.

Em tempos tive uma parecida. Digo-lhe que é uma bela bicicleta. Quer um cigarro?

Não fumo.

A que horas volta?

Não sei. Mas não vou tomar nenhum café consigo.

Ainda não a convidei.

Mas eu já me antecipei ao convite.

O militar de Olhos Azuis sorri.

A Criada míope sente uma palpitação. A mão no peito. Do coração desgovernado escorre um rio fino que desce e a põe molhada. As cuecas úmidas.

O militar, sem tirar o azul das lentes grossas, agacha-se. Apaga a beata na neve derretida. Guarda-a no bolso das calças.

Aponta-lhe o cano da arma ao sítio do coração.

Dói-lhe aí?

Não.

De certeza? Acho que ele bate porque gosta de mim.

Não!

Não é preciso corar... Qual é a morada?

Como?

A morada do seu familiar? Não vai visitá-lo?

Rua nº 23, apartamento 408.

Muito bem.

Sim.

Estarei aqui quando voltar. Caso mude de ideias.

Não sou pessoa de mudar de ideias.

Às vezes... nunca se sabe: a vida tem surpresas.

Talvez tenha.

As melhores.

...?

Do seu familiar.

Oh, obrigada.

E tenha cuidado com os lobos.

Como?

O Militar piscou um olho azul de rio profundo, devolveu-lhe o passe e levantou a cancela.

O cobarde ato corajoso

Nessa manhã, por ordem do Ministro Calvo, um grupo de militares tinha visitado de surpresa a ala norte da Fábrica e levado o Mensageiro algemado para o Presídio.

Findo o turno, no apartamento 408, sentado na borda do colchão, com o revólver na mão, o Operário de rosto carregado de acne abre o tambor. Com a mira do olho verifica os compartimentos. Afina os lábios. Sopra um assobio. Enche o oco de melodia.

Introduz, com gentileza, a bala aleatória.

Fecha a barriga grávida.

Fá-la girar.

Uma traça cinzenta sobrevoa-lhe as mãos úmidas escapando à luz verde do abajur. O zunir metálico do cilindro dura o instante do voo desajeitado. O tambor cessa com a traça quieta no friso do guarda-fatos. Depois de armar o cão, uma abundância de segundos.

Trémulas, as mãos do Operário. Um gesto de cabeça, olhos no relógio.

23:19.

Ele diz:

Hora boa.

O Operário abre a boca. O cano frio colado à língua. O indicador no gatilho. A saliva a prosperar nas gengivas. Nas suas cuecas, o pénis ergue-se para rir. Anuncia que vai jogar. Jogar com a morte excita.

Ele diz:

Agora, tenta matar-me.

Ouve-se o trabalho negligente da falange.

Clique.

O Operário deixa-se cair de costas para o colchão sem pingo de sangue. Sem buraco no crânio, nem as porcarias da cabeça coladas à parede.

Com o revólver frio colado à mão, o Operário admira através da janela do quarto as luzes empilhadas da cidade que se encolhem perante a ameaça do fumo publicado pelas chaminés da Fábrica.

O Operário engole a saliva gerada para atropelar o vômito. O coração bate-lhe nas gengivas. As gargalhadas irrompem atadas à náusea. O Operário larga o revólver e puxa a almofada para si. Cerra os dentes. Afunda a cabeça. Depois do riso, é agora a vez de as lágrimas abdicarem dos olhos: o líquido do cobarde ato corajoso. A fronha molhada.

Batem à porta.

O Operário limpa os olhos, funga. Esconde o revólver debaixo da almofada. Levanta-se da cama. Sete passos pelo corredor. Espreita pelo óculo da porta.

Um par de olhos pequenos e longínquos atrás de lentes de vidro espessas.

Abre.

Abraça-se à irmã:

Eles levaram-no. E agora quem diz as palavras?

Xis vermelho

Depois de se certificar que dera duas voltas à chave, a Criada míope despiu de imediato a saia, as cuecas ensopadas. Entreabriu as pernas. Afastou os joelhos trémulos. Olhou os pés. Aproximou as lentes do soalho. Pequenas gotas de sangue pintalgavam-lhe a distância entre calcanhares. O gato mia no corredor, aproxima-se. Levou a mão à vagina dormente. Na cabeça dos dedos o fluido ilustre e quente: sinal do hímen recém-demolido. Não, aquilo não era sangue de regras.

O coração doía-lhe mais.

Batia, cheio de mais.

No ar vazio, ouvia-se o descarregar da metralhadora do medo.

Da gaveta da cómoda a Criada retirou uma toalha de bidé, um penso higiénico, cuecas limpas. O gato mia e arranha a porta, aflito. Não vou deixar-te entrar, sussurra. Dobrou a toalha de bidé até esta ficar com a largura de quatro dedos. Colou o penso higiénico para vedar a fuga, depois a toalha de bidé como cinto de castidade. Vestiu as cuecas. Deitou-se. O gato desistiu.

O fluxo tinha que estancar.

O coração tinha que esvaziar.

Extraiu do esconderijo do colchão o calendário e o estojo. O estojo continha doze marcadores de cores distintas. A Criada escolheu a cor certa e traçou um X no quadrado correspondente ao dia 23. Assinalou aquele dia. Marcou-o, não apenas porque o vencera; mas porque cometera um erro. E os erros devem ser assinalados a vermelho. Não querendo esquecê-lo, para mais tarde não o repetir, assinalava-o.

A Criada cartografou o erro mas também a maldade.

O dia 23 seria assim recordado.

Um X vermelho no calendário.

O pudor das coisas tristes

Sétimo dia após a detenção do Mensageiro.

Na Cidade não se ouve a voz da neve.

O pavimento é mole. Engole o tumulto.

Todos os volumes da arquitetura estão agasalhados pelo sobretudo de inverno.

Na Zona Castanha todas as ruas têm casas onde vivem operários-machos, operários-fêmeas, operários-crias. As vidraças estão acesas. As pessoas estão vivas.

A luz vem de dentro das casas.

O Operário vem pelo pavimento. Vê alguns transeuntes, sapatos cansados, cavalos altos. Armas a brilhar em mãos militares.

O Operário dirige-se apressado para a Fábrica e leva na mão uma mala. Dentro da mala transporta a farda e a merenda. Mas, dentro em breve, outra coisa.

Sem que ninguém repare, o Operário avança com ódio nas botas, e fé no sistema circulatório: aferrolha mãos, comprime dedos, morde o lábio até à incisão. A neve amortece o gemido dos passos. Permite enterrar mais as botas.

A fé e o ódio têm sido cuidados por si como uma flor delicada, e regados convenientemente. Enchendo de raízes promissoras o vaso vermelho que o Operário esconde atrás das costelas. E ninguém repara no perigo que é trazer um vaso escondido.

Já na rua nº 19, com o gorro de lã enfiado na cabeça, o Operário alarga a passada para não chegar atrasado. A rua nº 19, tal como a rua nº 20, nº 21, nº 22 e nº 23 desembocam na praça central da Zona Castanha. Para onde quer que ele olhe há branco e castanho. A neve bate-lhe no rosto brilhante de acne. Nas fachadas.

Após cruzar a praça que antecede a cortina de arame farpado, o Operário aproxima-se do posto fronteiriço: a mão esquerda liberta do bolso do blusão

o passe com o respectivo carimbo. Passe aprovado por olhos bélicos e um descer de sobancelhas.

Levantada a cancela, as botas do Operário pisam, finalmente, o chão enlameado da Zona Cinzenta.

As sirenes da Fábrica anunciam a mudança de turno. Com o rigor e a força inexplicáveis de uma oração. O Muro acompanha o ombro direito do Operário durante esta última parte do trajeto. A Fábrica, erigida na parte norte da Cidade, encontra-se acostada ao Muro como um grande transatlântico ali naufragado.

O Operário pára. Olha o relógio. Segundos pretos. Depois para trás. Ninguém. Pelas fossas nasais puxa o ar que tem facas. Um escarro quente atira-se-lhe da boca e agarra-se ao Muro. O Operário fica a vê-lo deslizar pelo betão como um pequeno caracol largando baba até o frio o paralisar. Retoma a marcha.

Côdeas brancas, infatigáveis, descem do céu.

O pudor das coisas tristes.



GYMNOPIÉDIE V

As Cores: breve s mula dos mais importantes ditados do Ministro Calvo

Não sendo possível colorir os pensamentos, para os identificar e fazer a ordem, este Governo apressar-se-  a demarcar em termos urbanísticos as várias espécies de cabeças existentes. E os aromas que delas se levantam. Após a sele o das cores a aplicar, bem como a defini o das áreas de fronteira, proceder-se-    pintura das fachadas e   planta o do arame farpado. Após esta execu o, efetuaremos a triagem: separando o *gado*, cabeça a cabeça a cabeça a cabeça. Povoando cada uma dessas Zonas coloridas com os pensamentos que a elas se mais adequam. Assim, ao longe, e, antes de atravessarmos as fronteiras que restringirão o arco-íris urbano, poderemos prever que, na Zona Azul, quem a habita possui ideias bem-nascidas: organiza o, clareza, sangue disciplinado, tranquilidade estável. E, por exemplo, a Zona Castanha alerta-nos de imediato para o que ali fermenta: imundície, incoerência, nojo, violência.

Sintomas e aromas

Os cheiros da morte e das empadas casam-se naquele local, mais do que noutra parte da Cidade, numa estranha e repugnante combinação. O Operário olha para cima. As duas chaminés – dois canos apontados à parede de Deus – continuam a cuspir rolos ininterruptos de fumo: a seda fina e amarela, oriunda dos fornos da pastelaria; a lã grossa e preta dos fornos da cremação.

Ao encontrar a liberdade do ar gelado, aqueles indícios de alimentação e morte unem-se num só novelo que se cola às nuvens permanentes, engrossando o cinzento.

É a reunião da indústria e a meteorologia. A condensação dos vapores de água e do fumo do lucro.

O Operário tem vontade de chorar. Mas não o faz ali, em público. Manda nas lágrimas. O Operário sabe que chorar no meio da rua é estar nu. Expor vísceras a olhos gulosos. Chorar sim, mas sozinho, num quarto com a porta trancada por dentro.

Porque há pessoas que não se alimentam apenas de carne morta. Matam a sede nas poças que as pessoas vivas fazem com os olhos.

A diferença entre alas – a joia da culinária

Na ala sul da Fábrica certos animais são abatidos. Limpos de pele e vísceras, e esquartejados. Com farinha, fermento, manteiga e sal faz-se a massa. Após o repouso, forra-se a massa levedada de carne picada já refogada em cebola e óleo. Após o toque final do ovo na junção da massa, untam-se os tabuleiros e... forno.

As empadas de carne crescem dentro dos fornos para calar certos estômagos. E servir de moeda de troca. Ao comer as empadas, os membros do Governo exultam esta *joia da culinária* que permite o avanço do motor económico.

Na ala norte da Fábrica queima-se a morte. Apagam-se os vestígios dos que já não se alimentam. Os antes comedores, digestores, entram ali já cadáveres como os animais da ala sul após a tontura do abate. Depois de despídos, lavados e pesados são introduzidos nos fornos da cremação para se reduzirem à humildade do pó.

Sem refogado, toque de ovo, ou manteiga a untar tabuleiros.

A diferença entre as duas alas, para além da perspectiva económica, dos ingredientes e utensílios usados, e dos aromas distintos que libertam, reside na potência dos fornos. Na temperatura usada para cada ação: cozinhar e incinerar; e no tempo dispendido na cozedura.

Para as empadas, a temperatura dos fornos ronda os 200 graus Celsius e bastam 40 minutos para que a massa estale nos dentes.

Na cremação, o ponteiro do termómetro sobe para perto dos quatro dígitos. 950 graus Celsius.

E há que aguardar 120 minutos até se reduzir um cadáver de 90 quilos a 400 gramas de cinzas.

A isto se chama cozinhar em banho-morte.

O poder de apalpar

Junto da guarita, seguranças vigiam a entrada e passam revista ao proletariado. O Operário aproxima-se no meio da multidão. Machos, fêmeas, crias, expatriados, estrangeiros, refugiados de guerra, trocam olhares de gado amansado.

O Operário observa, com ternura e rancor, as famílias que ali desatam as mãos e atiram beijos aliados.

À entrada da Fábrica desunem-se os dois grupos que desde os tempos mais antigos insistem em fazer durar isto: a espécie esquisita: os machos entram na porta esquerda; as fêmeas na porta direita; não é permitido que funcionem juntos; e só terminado o turno voltarão a encontrar-se para restabelecer a ordem natural das coisas.

Eles abraçam-se para nada...

Pigarreia, o Operário.

O amor...

E o resto da frase agarra-se-lhe no freio da garganta.

Isolados por uma parede pudica, machos, fêmeas e crias são perfilados. Revolvidos por mãos brutas ou suaves, consoante o desejo, ou inclinação carnal de quem tateia. Já tinha havido reclamações, tanto da parte deles, como delas, como das crias, dirigidas ao Responsável do Departamento de Segurança, onde, certos seguranças eram acusados de excesso de dedicação: um aproveitamento exagerado do *poder de apalpar*. Mas, todos esses reparos e notificações tinham sido lidos e amarrotados por quem de direito, fechados num saco de plástico e atirados para o fogo.

Reclamações que, após o vaivém das represálias, diminuía de intensidade até às cinzas do silêncio cúmplice.

Ver o teu corvo gralhar

Desde a adolescência, uma acne persistente forravalhe o rosto como papel de parede empolado. Sendo o rosto o cartão de visita, o Operário sempre imaginou que a sua imagem repugnante afastasse qualquer desejo de aproximação. Puro engano. O feio atrai tanto como o belo. E ainda bem. Aquele Segurança de figura suína tinha sido apanhado na rede.

O Segurança é homem roliço. Pescoço delgado. Pele vermelha e manchada como um chouriço. Diariamente, quando visa o Operário, já traz as mãos ansiosas e o arco da malícia no sorrir. O Segurança, com o dedo em gancho, diz *aproxima-te*. Umedece o bigode. Pisca o olho antes de apalpar o Operário com ternura de mãe: a certificar o lugar dos músculos e a inteireza dos ossos; mas, principalmente, a dureza das nádegas, e a grandeza dos genitais.

Terminada a função da ternura, e quando o Operário se presta cinicamente para iniciar o gesto de abrir a mala – como vê, não tenho nada a esconder –, o Segurança repele-o com a mão borboleta e o olhar babado.

Acontece assim desde que o Mensageiro deu ordem ao Operário para que este aceitasse o convite do Segurança.

Mas não era tudo. Uma vez, perante a desatenção dos parceiros de ofício, que de dedos esfomeados mediam outros centímetros e consistências, este Segurança surpreendera-o. Passou-lhe para as mãos um embrulho. Horas depois, terminado o turno, ao cortar o cordel e desembulhar o papel, deparou-se com duas empadas, uma maçã e um bilhete com a seguinte inscrição:

Quero voltar a ver o teu corvo gralhar.

O Operário não afastou o sorriso ao ler aquelas palavras. A referência poética à tatuagem da sua nádega esquerda não deixava de manifestar um sintoma. O instinto do Mensageiro fora uma vez mais flecha: para além de saciar o apetite da besta, esta troca de fluidos e gemidos com o Segurança anafado iria ser-lhes muito útil quando chegasse o verão.

E o Operário devorou de imediato as empadas e a maçã.

Na Cidade a fome não mostrava as cáries. Mas também, como se pode calcular o grau da fome? Que escala usamos para medir a carência? Os quilos do apetite ou os gramas da má nutrição? Antes, não havia abundância: desde o Grande Desastre, a carne era monopólio do Governo; o peixe rareava, o mar era longe. Mas havia vegetais e leguminosas para a sopa, e cereais para o pão. A comida, ainda que racionada, chegava ao estômago de todos.

Apenas aos habitantes da Zona Azul – militares de alta chefia, e principalmente, aos membros do Governo – era permitido acesso à nutrição da fruta fresca, bifes do lombo, iogurtes, e claro está, as empadas.

O que se faz por um olho novo

Décimo dia após a detenção do Mensageiro.

Fora da alçada dos Muros, no Hospital, o Médico Loiro segura no punho o espelho. Com dois dedos, a pinça.

De perna traçada na cadeira de veludo verde arranca as ervas daninhas.

O Médico Loiro classifica de ervas daninhas todos os pelos selvagens que teimam em crescer em locais do rosto considerados por si pouco estéticos.

O verdugo Olho de Vidro, sentado na cadeira de paciente, assiste embaraçado à operação. Tosse. Puxa de um lenço. Cospe para o tecido. Certifica.

O Médico Loiro, ao arrancar mais um pelo da curva perfeita, diz-lhe:

Deus não sabe desenhar sobrancelhas.

Nem sobrancelhas nem nada.

Então?

É mau arquiteto. Não soube desenhar as pessoas.

Pensas isso?

Claro! Então o Senhor Doutor veja: Quantas vezes andou *Ele* de elevador com a pomba, para cima e para baixo, para baixo e para cima – até a pomba deve ter tido tonturas –, só para castigar e punir, até se cansar, até perceber que não valia a pena? Quantas vezes?

O Senhor Doutor acha que se *Ele* soubesse desenhar o coração das pessoas teria este trabalho todo? Esta canseira de dilúvios e pragas e incêndios? Até o filho teve que pregar na cruz. É como lhe digo: nem sobrancelhas nem nada. É mau arquiteto.

Sim... Talvez tenhas razão... Bem, acho que estão. Que tal?

Não sei... Senhor Doutor...

Também devias fazê-lo. Aí no meio.

Eu?

Sim. A sobrancelha. Ficavas com duas, em vez dessa única: farfalhada. Mais bonito.

Bonito?

E já agora, aproveitavas e arrancavas essas ervas pretas que te saltam dos ouvidos e narinas.

Ervas pretas?

Sim. Os pelos. Qual é o problema?

Pois... Não sei...

Bom... Deixemos as ervas daninhas... Mande-te chamar, porque queria dizer-te pessoalmente que estou muito satisfeito contigo.

Sim?

Estou muito satisfeito contigo.

Que bom!

Fizeste bem o trabalho na Floresta. Vais ser recompensado. Acho que o mereces.

Ora essa... Pois... É o meu trabalho... Não custou nada... Sim... Quer dizer... Fiz apenas aquilo que Senhor Doutor me pediu... E agora vai arranjar-me um olho novo?

Calma... vamos ter calma... Sim? E fazer as coisas como elas devem ser feitas.

Mas o Senhor Doutor prometeu.

Prometi e vou cumprir. Sabes que sou pessoa de palavra.

Eu sei.

Sou pessoa de palavra.

Pois é, Senhor Doutor.

Sou, não sou?

É.

O que acontece... vá lá, a questão é: ainda não encontrei um dador compatível.

Não?

Mas vou encontrar. Não fiques assim. Sabes que sou pessoa de palavra. É só uma questão de tempo. Temos de ser pacientes.

Eu sou paciente.

Ainda bem. Garanto-te que, quando menos esperares, acontece. E ganhas um olho novo. Só que ainda precisava que fizesses outro trabalho.

Um reanimado ataque de tosse obriga o Olho de Vidro a dobrar-se sobre si. A levantar-se para respirar. Quando voltou à cadeira, engoliu saliva, para impedir o regresso da convulsão.

O Médico Loiro, aproveitando a tosse, guardou a pinça e o espelho na gaveta. E alisou com saliva a sobrançelha recém-desenhada.

Peço desculpa... Senhor Doutor... Esta tosse não anda boa.

Tens tomado os comprimidos?

Sim.

A horas?

De oito em oito.

Então vou dar-te um broncodilatador expectorante para ajudar na excreção do muco.

Um bronco... quê?

Um xarope.

Não é amargo? Se for amargo não consigo tomar.

Está descansado que é doce.

Ah, então está bem... Mas... Continue, Senhor Doutor, o que a minha tosse interrompeu.

Fizeste um mapa, não fizeste?

Fiz.

Depois daquilo.

Pois. Fiz. Depois daquilo. O Senhor Doutor pediu-me.

E assinalaste no mapa o local onde o enterraste?

Sim, com um X vermelho.

Ótimo. Então agora vais pegar nesse mapa e entregá-lo ao Mensageiro.

Àquele cabrão... Então, mas...

Agora vais pegar nesse mapa e entregá-lo ao Mensageiro. Vais fazer precisamente como te estou a dizer.

Então, mas... Como é que eu vou conseguir isso... Desculpe lá, Senhor Doutor, mas isso... Com o gigante lá... Não sei se percebe... Mas isso que me pede...

Diz-me lá: Queres um olho novo, não queres?

Quero.

Muito?

Sim.

Então?

Pois... Estou farto que a minha mulher me chame *zarolho de merda*. E que os meus filhos tenham medo de ver o meu olho nos olhos deles.

Vês!

Vejo.

Faz chegar às verrugas do outro esse mapa que desenhaste. E isto sem que o gigante saiba.

Pois... Isso é que vai ser difícil.

Não vai nada. Não digas isso. As palavras têm força. Abrem e fecham portas. Vai correr tudo bem, vais ver.

O Senhor Doutor acha?

Tenho a certeza. Não fizeste aquilo na Floresta?

Fiz.

E fizeste-o bem feito, não foi?

Se o Senhor Doutor o diz...

Entrega-lhe o mapa que desenhaste. O Mensageiro saberá o que fazer. E tu serás recompensado em breve.

Recompensado?

Sim.

Com um olho novo, Senhor Doutor?

Um olho lindo. Digo-te eu. Tens a minha palavra.

Envio-vos como lobos para o meio de cordeiros

Nos balneários da Fábrica, abre a porta do cacifo 161. O Operário, como os outros operários, livrava-se da roupa privada para vestir a bata branca. (Por que o branco quando a matéria-prima é sangue?) Depois de pendurar a roupa no cabide, guardar a mala, o Operário mirava o espelho. Usando os dedos abertos da mão esquerda como pente, empurrava para trás a franja loura. E já não era o mesmo homem.

Naquele gesto, aceite, simples, de despir um tecido íntimo para vestir um outro pano, uniformizado, havia uma transformação, não só de pele mas também de cabeça. O Operário deixava de pensar e agir como homem vulgar para atuar e decidir como carnicheiro. Irmão de outros irmãos. Que, vestidos de batas brancas, compunham a irmandade dos carnicheiros.

De bata imaculada, percorria o corredor na direção do hangar onde se situava o matadouro.

Era frenético o tráfego na hora da mudança de turno. Um barulho metódico elevava-se das centenas de solas de borracha dos operários que ao marchar gastavam o linóleo. Palavras imperceptíveis, numa zoadá constante, eram trocadas de boca em boca. Um alinhamento de luzes amarelas, presas ao tecto, imitavam luas cheias, sob as quais se passava o testemunho dos lobos disfarçados de cordeiros.

Às batas manchadas sucediam-se as limpas.

Acontecia assim: uns partiam, já lambuzados de sangue, enquanto outros chegavam, por ora ainda limpos e inocentes.

Envio-vos como lobos para o meio de cordeiros.

No final do corredor, o Operário prendia os elásticos da máscara atrás das orelhas. A máscara higiénica servia de barreira fina ao fedor corrupto. Finalmente, e antes de ocupar o seu posto no carrossel da matança, olhava uma última vez para a lâmina afiada e reluzente da sua faca de magarefe. Dali, já ouvia o guinchar dos animais que, pressentindo a coisa iminente, davam o último uso à condição de vivos.

A passadeira gentil

Não se lhes pede opinião. Os animais saem de dentro de currais metalizados em fila indiana como alunos obedientes. Cheiram os rabos uns dos outros. Cheirar o rabo é uma forma de orientação.

Manejando varas, os operários da sala conduzem-nos até ao início da passadeira rolante. A passadeira desliza devagar para que os animais nela não tropecem. E estes, de patas obedientes, ao pisar o caminho mecânico, já não podem voltar atrás; evitar o destino onde a passadeira gentil os conduz.

O destino é uma caixa grande.

Durante o percurso, e apesar do conforto da viagem, os animais guincham. Soltam grunhidos. Canções demoníacas.

A caixa grande tem duas portas.

À entrada, uma cortina de cabelos de plástico dá-lhes as boas-vindas, lambendo-lhes as peles. À saída, outra cortina igual deseja-lhes as boas-vidas, moldando os corpos tombados. Estas cortinas de cabelos de plástico equidistantes são as duas portas. E têm como função: esconder o que acontece no interior da caixa. O que se sabe é que ao entrar os animais ainda cantam melodias, enquanto à saída surgem mudos de paz.

Ouve-se um pequeno estalido a separar esses dois momentos.

O canto e a mudez.

Um estalido semelhante a um interruptor que se acende e apaga.

Entrar na caixa.

Estalido.

Sair da caixa.

O estalido faz toda a diferença.

O Ministro Calvo trinca uma empada

11:19.

Zona Azul.

Torre Governamental.

7.º andar.

No gabinete do Ministro Calvo, a temperatura ambiente passeia o pó a 22 graus Celsius. Ouve-se o murmúrio constante do ar condicionado.

O Ministro Calvo está bem-disposto. Pela temperatura amena que se faz sentir ali e pelo facto de, duas semanas após ter dado a ordem para a detenção do Mensageiro, já não se ouvir correr pela Cidade, nem o ruído da saliva alegre do boato, nem o apressado ritmo cardíaco da pura adrenalina. A população já não fala de lobos, nem do Diabo, nem de premonições. Com o silêncio e a ausência física do agitador metafísico, rapidamente a vida intramuros restabeleceu-se. E regressou à sua organizada aspereza.

O Ministro Calvo abre a gaveta. Retira uma tablete recheada de comprimidos azuis. Mete dois à boca. Engole um pouco de água.

A Secretária de olhos castanhos sublinhados pelo lápis preto entra no gabinete com uma bandeja forrada de empadas fumegantes.

O Ministro Calvo, após trincar uma das empadas crocantes, pede à Secretária:

Dança.

Agora?

Sim. Ver-te dançar ajuda-me na digestão. E a ter ideias para novas leis.

O molho das empadas escorre do queixo do Ministro Calvo para o casaco do pijama de seda.

A Secretária hesita. Das outras vezes, o Ministro Calvo ligara o rádio. Diz:

É difícil assim, Senhor Ministro, sem música... Posso ligar o rádio?

O Ministro Calvo pára a mastigação. A carne agarrara-se aos dentes. A língua réptil escarafuncha os intervalos. E entre novas mastigadelas, numa voz gordurosa, riposta:

Pedi-te para dançar. Não para ligares o rádio. No teu corpo há música suficiente. Basta ouvires com mais força. Por isso, peço-te, novamente: Dança, dança, dança, dança...

Os verdugos dialogam II: anteontem eram cinco

No Gabinete de Persuasão, o verdugo Olho de Vidro, sentado na cadeira de veludo roxo, tosse convulsivamente. Leva o lenço à boca. Analisa o tecido.

Depois de arranjar espaço livre nos pulmões, acende um cigarro. Puxa duas baforadas.

Diz para o verdugo Colarinho Cervical, que sentado na cadeira desconfortável, entorpecido, fita o aquário:

Queres?

Agora não.

Esta tosse ainda me mata.

Está feia, está.

Pois. Já viste esta merda.

Tens de ir ao médico.

Já fui.

E então?

Ando a tomar uns comprimidos amarelos e um xarope.

É doce?

Sabe a morango.

Sortudo.

Pois é. Eu disse-lhe que se fosse azedo não tomava.

Não tarda nada começa a fazer efeito.

Foi o que ele disse. Mas com *o não tarda nada* já se passou uma semana.

Isso já se sabe.

O quê?

Que demora... Demora a fazer efeito. Isso não é assim de um dia para o outro.

Sim. Mas já passou uma semana.

Pois é. Deixa lá. Deve estar quase.

Tu sabias que o gajo arranja as sobrancelhas?

O Médico Loiro?

E pinta as unhas.

Não confio nesse gajo.

Pois... Nem eu... Nem eu... Acredita que não... Queres uma empada?
Tenho ali meia dúzia. Arranjou-mas o Homem Pequeno.

Eu querer até queria, mas acho que a minha vesícula não concorda comigo.

O Olho de Vidro puxa uma longa fumaça.

Olha para o Colarinho Cervical. Pigarreia.

E tu... Vão melhor as vértebras?

Já tiveram dias piores.

Já? Então estás melhor.

Eu não disse isso.

O que é que disseste?

Disse: tiveram dias piores.

E então?

Porque o pior é mesmo de noite. De dia ainda se aguenta. Agora, de noite, não tenho posição na cama. Posição de estar. É dor quando vira para ali, é dor quando vira para aqui. É que não se aguenta. Tenho de tomar uma mão cheia deles para conseguir anestesiar.

De que cor?

Verdes.

Ainda por cima. É uma merda é o que isto é.

Pois é.

O mal é começar-se a enfiá-los.

Pois... É isso mesmo... É isso mesmo!... Eu sabia!... Eu sabia!... Já só são quatro! Anteontem eram cinco! É isso que está diferente!

O quê?

O aquário... Olha...

O telefone toca.

O Olho de Vidro apaga o cigarro na sola da bota, guarda a beata no bolso, atende:

Estou.

...

Sim.

...

Dentro de quinze minutos.

...

Certo.

...

Não é para trazê-lo cá para cima.

...

Sim, entendido.

Desliga.

No rosto do verdugo, o seu olho de vidro, morto, brilha mais que nunca.

Era o gigante.

E então, é para começar?

Não, já não vamos persuadir o Mensageiro.

Não?

Não.

Mas como?

Não sei.

Porquê?

Não sei. O gigante não disse. Tu já viste esta merda?

Porra... Então ainda ontem tivemos aquela discussão de duas horas para escolher a “bancada do tigre” como persuasão a seguir...

Pois... Já viste isto. Está a merda arranjada. É o que é. A merda arranjadinha. É que não se entende. Sinceramente. Está tudo maluco.

O verruguento deu-lhe a volta.

Achas?

Deu-lhe a volta. O gajo deu-lhe a volta. Estás a ver?

Pois. Pois é. É isso. Estás lá. É isso mesmo... Tu estás lá. Deu-lhe a volta, o cabrão.

Ou então ainda não consegue falar em condições por causa daquilo dos dentes...

Pois... os dentes... Ou... Ou o gigante acobardou-se por causa da conversa da Ruiva.

A Ruiva, pois é. Tal qual.

Ouviste o que o cabrão disse, não ouviste?

Os dois verdugos cruzam um olhar cúmplice.

O gigante não tem dedos para a Ruiva.

Soltam gargalhadas.

O Colarinho Cervical interrompe-se logo.

Já me esquecia desta merda...

Ah pois é, meu menino. Já devia saber isso. Aqui não se pode rir.

Não?

Não.

E como é que se faz isso?

O quê?

Não rir? Se tenho vontade...

Isso não sei. Olha... experimenta chorar. Não deve doer tanto.

Goza... Goza...

Claro.

Mas tu não achas estranho...

Não sei... O gigante é que sabe... Deve lá ter as suas razões...

Não, não é isso... É que eu tenho a certeza. Anteontem estavam cinco no aquário.

Cinco?

Cinco peixes. Tenho a certeza. Contei-os. E hoje só tem quatro. Falta um laranja.

Qual laranja?

Aquele laranja da barbatana torta.

Os defuntos chegam, as empadas saem

Acontece ali, agora.

Aconteceu ontem. Vai acontecer amanhã.

Acontece porque precisa de acontecer.

Diariamente os portões da ala sul da Fábrica abrem-se para deixar entrar a morte. A morte é a resposta definitiva.

Os defuntos chegam como as empadas saem: embalados em duas remessas: manhã cedo e antes do crepúsculo. Carrinhas cinzentas com a estrela do Governo estampada na cinzelagem estão encarregues da recolha, transporte e entrega.

Num dos gabinetes altos da Torre Governamental, convencionado para o propósito, os telefones tocam. A quem atende é anunciado o suposto óbito. Após o dizer mecanizado dos pêsames, segue-se um longo e pormenorizado questionário para abertura de um processo e é agendada a hora da recolha.

Antes da hora marcada – o atraso é motivo de punição – chegam quatro homens de uniforme cinzento, munidos de máscara e luvas e armas. Tocam às campainhas. Dão murros nas portas. Depois, um primo, uma tia, um irmão, uma avó, um sobrinho, uma viúva, uma sogra, um viúvo, um cunhado, um filho, rodam a maçaneta, as chaves, o trinco, e os quatro homens entram.

Sabem imediatamente para que divisão seguir: o choro contínuo. Um deles, o chefe da operação, ao entrar na divisão enlutada, afasta com gestos brutos os lacrimosos e grita. As cabeças e as lágrimas dos familiares, depois da ordem, empoleiram-se à ombreira da porta. Ainda que com a vista turva da emoção, não querem perder de vista os últimos instantes daquele ou daquela que está muito quieto.

O chefe da operação aproxima-se do corpo. Descobre o lençol. Verifica a postura. Abre as pálpebras do morto como se abrem janelas. Com o auxílio de uma pequena lanterna espreita as pupilas. Depois de observar a dilatação, fecha as janelas. Em seguida, retira do bolso uma seringa sem agulha. Injeta água gelada num dos ouvidos. Aguarda quinze segundos.

Agarra as orelhas azuis, e sacode a cabeça inactiva: esquerda, direita. De imediato, espeta uma agulha comprida no espaço apertado que sobra entre a carne e a unha. Da mão, ou do pé. É de relatar que todas estas operações meticulosas têm o dom de suspender, por breves instantes, a massa das lágrimas daqueles olhos perturbados que da porta seguem atentamente a performance. Trazendo também, àqueles corações, até há pouco mirrados, o sangue novo de uma expectativa. Como se algo de extraordinário estivesse prestes a acontecer. Expectativa insensata, a de que aquele ou aquela a quem eles tinham amado tanto ou odiado mais desse largas a um gesto inesperado e se levantasse num repente.

Finalmente, servido de um estetoscópio, o chefe da operação faz a auscultação. O exame final. O silêncio toca as paredes. Depois de ouvir o oco, pronuncia em voz aguçada:

Óbito confirmado.

Dois homens aproximam-se e envolvem o corpo no lençol. O choro e as lamúrias dos familiares amontoados na ombreira da porta reiniciam abruptamente a marcha como se o motor da tristeza tivesse estado em ponto morto à espera daquele sinal para retomar a estrada. O quarto homem entende o saco de lona e abre o fecho; ao lado da cama, ou no chão da sala. Onde o, agora sim, cadáver confirmado, é acondicionado e selado.

Um autocolante amarelo com um número e a hora da recolha é colado à lona. O chefe entrega um papel azul a um dos elementos da família enlutada.

Feita a assinatura, guarda o original, entrega a cópia, e os quatro homens saem dali como entraram. Exatos, céleres, profissionais. Agora com um embrulho pesado nos braços.

A morte para estes homens de uniforme cinzento é encarada como a mudança de móveis. É necessário transportar *a coisa* daquele ponto para outro ponto. Nada mais.

As carrinhas chegam à Fábrica.

Entram de marcha à ré para o hangar depositário. As portas traseiras abrem-se em par, e os embrulhos de lona são atirados para cima de macas vazias e perfiladas. Operários da ala sul, munidos de uma caneta, verificam o autocolante. Anotam o número e a hora num papel verde que é assinado pelo responsável da recolha, transporte e entrega.

As portas da carrinha fecham-se. A ignição é acionada. E o fumo libertado pelos escapes anuncia o futuro daqueles que, fechados nos sacos de lona, inertes e mudos, já não fazem mais perguntas.

Pois, já obtiveram a resposta, definitiva.

É assim:

Aconteceu ali, há pouco.

Também aconteceu ontem. E vai acontecer amanhã.

Aconteceu porque precisa de acontecer.

Um apertar de mão sem luva I: como fazer um lago daquela dimensão?

O Diretor teve ainda tempo para um fértil pensamento de ódio antes de entrar na cela. Ao percorrer o estreito corredor, ladeado pelo guarda, foi cavar à memória o desenho da enorme poça de urina no chão de linóleo. Como era possível? Um enfezadito daqueles fazer um lago daquela dimensão? Será que teria de se submeter à tortura para voltar a mijar como deve ser? E o tom irónico que ele empregara ao dizer *Ruiva?* E *Deixar?* E *Próteses?* Não era admissível!

Enquanto o guarda trabalhava a fechadura, o Diretor estava no entanto determinado em dar-lhe uma oportunidade, a última, de se explicar, antes de assinar a sentença.

Há que reconhecer: após a infeliz entrevista ao Mensageiro e conseqüente persuasão, muitas dúvidas basculantes martelavam o Diretor. À vez, usando cada um o seu próprio método, a cabeça e o coração revezavam-se na labuta de o arrelhar. A cabeça do Diretor era um despertador que ameaça. E o seu coração atravancado e constante tocava como um piano. A cabeça: tiquetaque tiquetaque. E o coração: pumplim pumplim. Tiquetaque em cima. Pumplim mais abaixo. E isto somado aos pingos da incapacidade... Convenhamos... Não era fácil entrar nos dias. Nem sair das noites.

Afinal:

Como é que o Mensageiro sabia da *perda*?

E que queria ele dizer com aquilo de *os recuperar*?

E a Ruiva? A quem é que ela abriu ou vai abrir as pernas?

Na altura, o Diretor memorizara com exatidão todos os seus gestos; e as mãos dele não tinham mentido. Foram sinceras. Sem a mínima hesitação. E agora, ali estava, novamente, de pé, a sentir-se despido, peito sem segredos, luvas atrás das costas, perante o mistério, o mal, o medo, sem saber como a eles se dirigir.

Echtava à chua echpera, Diretor.

Disse o Mensageiro, num novo sotaque, vítima da ausência dos dentes da frente, deitado no catre, de mãos atrás da nuca, cheio de provocação nos olhos.

Já chabia que vinha. E então? Vá, entre. Vai ficar aí parado e mudo? Pode entrar e fazer-me perguntach. Hoje vou rechponder. Não àquelach, do outro dia. Outrach. Perguntach novach. Vochê chabe quaich. E então? O quer chaber primeiro, Diretor?

O Diretor deu dois passos. Entrou na cela. Tentou controlar a respiração e os pulos dos nervos. O Mensageiro sentou-se na tarimba. Estalou os dedos. Deu umas palmadinhas no colchão magro: um convite amável. Tinha ainda no rosto as marcas da persuasão: golpes e sangue pisado.

Vá, não fique achim! Vamoch fazer um acordo? O Diretor fach-me uma pergunta. Chó uma. E eu dou-lhe a rechpochta cherta. Depoich o Diretor dá-me coisach em troca. É echte o acordo. Para já, chó lhe vou dizer uma dach muitach coisach que quer chaber. Depoich... che tudo correr bem, pode fazer-me outra pergunta. O que quer chaber primeiro, Diretor? Onde echtão och dedoch? Ou com quem vai a Ruiva? Vamoch fazer um acordo?

E estendeu a mão de dedos de verruga para o ar.

O Diretor fitava-o de cima:

Apesar das verrugas, é uma mão honesta.

Um apertar de mão sem luva II: vamoç fazer um acordo?

Ao observar aquela mão estendida, pousada no chão do ar, como se estivesse pousada no tampo de uma mesa invisível, a oferecer-se, o Diretor experimentou afiados maus instintos. E teve vergonha de todos os pensamentos que teve. Nojo, asco, de si, da cabeça. Nunca se conhece um homem. A maldade tem múltiplos disfarces. De súbito voltou-se e, num movimento guia de olhos e sobancelhas, mentiu ao guarda que estacava junto às grades, do lado de fora, dizendo-lhe: podes ir, tenho tudo controlado.

O Diretor aproximou as luvas do rosto enquanto admirava a mão magra, imóvel, macilenta, sem veias salientes. Cofiou a barba com um dos dedos falsos. Sentiu no rosto a pressão do dedo duro. E não sentiu o toque macio do rosto na dureza do dedo. Nunca em tantos anos se tinha dirigido a uma cela em posição de desvantagem.

O Diretor pesava agora as mais que reais probabilidades de sair deste combate vencido, em vez de vencedor. O Mensageiro, farto da hesitação, içou os ombros e mostrou o seu novo sorriso esburacado:

Não chabe o que perguntar primeiro, não é? Eu compreendo. É uma echcolha difichil: och dedoch, ou a Ruiva? Todach ach echcolhach chão dificheis. Eu chei muito bem icho. Também tive de echcolher. E não foi nada fáchil, garanto-lhe. Tudo tem um revercho. E o chegredo é acheitar o que nos cabe. Penche, Diretor... Chiga o meu rachiochinio: chem dedoch, cherá complicado ter novamente a Ruiva, não é? Mach che o Diretor och recuperar entretanto, quem chabe? Eu chei o que vai acontecer a chegar... Agora é conchigo... Che o Diretor quiser chaber primeiro com quem a Ruiva vai... Chó que achim adiará a recuperachão deches que tanta falta lhe fazem agora.

E ainda por chima já dechenhei o mapa...

Qual mapa?

O maxilar inferior do Diretor tombava do peso do espanto. O Mensageiro levantou o colchão e retirou um papel dobrado. Desdobrou-o como um ilusionista num número que requer convincente lentidão, e sorriu novamente.

Echte mapa aqui! Echtá a ver, Diretor! É aqui que elech echtão! Och que lhe pertenchem! O cheu tesouro! Mach calma que ichto é chó uma metade. A metade em falta entrego-lha quando o Diretor atender aoch meuch pedidoch.

Você é louco!

Chou?

Está a mentir!

Também não há razão para ficar tão exaltado. Olhe o cheu corachão...

Vou é assinar o processo, para que a sua nuca se encoste à parede cinzenta que está lá fora e enfrente o pelotão de fuzilamento!

O Diretor não vai facher icho.

Isso é o que vamos ver!

Tenha calma. Não che exalte. O Diretor não vai facher icho. Fachemos achim: um acordo: Leve echta metade do mapa conchigo. Entretanto pecho-lhe quatro coisas: Primeira: mude-me de chela; echta é muito apertada; e este colchão Deuch! Echperimente dormir aqui uma noite e vai ver em que echtado acorda a chua coluna. Chegunda: Arranje-me um dentichta: Para me repor eches que o Diretor guarda no bolcho. Guarda-och aí, não é verdade? Brinca com elech quando echtá chozinho como che fossem moedach? Mach, chabe Diretor, icho que guarda no bolcho não chão moedach.

O Diretor encostou a luva ao bolso direito. Sentiu três pingos soltarem-se da uretra. Uma forte ferroadada no períneo. O Mensageiro continuou a enumerar:

Tercheira: Quero a chua autorizachão para recheber uma visita de um Operário da Fábrica. Eu depoich echcrevo o nome dele num papel. Quarta e última: Arranje-me um livro chagrado. Che há lugar onde Deuch prechisa echter, é aqui. E pronto. Echte é a minha lichte. É juchto achim. O Diretor dá-me quatro coichach. E eu dou-lhe a metade do mapa em falta para achim poder desenterrá-loch. Quatro dedoch. E é melhor desenterrá-loch antech que chegue o verão. Che é que quer recuperá-loch a tempo... Como vê, Diretor, não echtou a exigir nada que não echteja ao cheu alcanche. Não

echtou a pedir chequer, que me liberte. Para já, chãó chó echtas coisas. Vai ver que tudo correrá bem.

Você está louco! Completamente louco!

O Mensageiro aproximou-se do Diretor. Ergueu o queixo. Escondeu a mão que segurava a metade do mapa, atrás das costas, e apontou-lhe a solta à altura do umbigo. Uma arma prestes a enterrar-se no abdómen.

O Diretor chabe muito bem que não chou. Apenas fui echcolhido.

Escolhido?

Chim. *Ele* echcolheu-me e eu não pocho fazer nada quanto a icho. O Diretor é inteligente. Por icho, aconchelho-o: Tire echas luvach. E aperte-me a mão como um homem. Fechamos o acordo. De mão na mão. E eu dou-lhe agora echta metade do mapa.

O Diretor fitou o Mensageiro nos olhos e não encontrou medo, nem raiva. Apenas uma irritante serenidade. E a sua mão, apesar de feia, era realmente sincera.

A manhã de uma nova lei

A mão grande da neve açoita a manhã.

As janelas dizem o inverno.

E no gabinete da Torre Governamental, o Ministro Calvo, de pijama de seda, sentado no sofá de pele, após analisar os números dos relatórios de produtividade da Fábrica e do índice de criminalidade registado na Zona Castanha, descruzou as pernas.

Indiferente à temperatura exterior, o Ministro Calvo boceja antes de tomar uma decisão sob o aparelho de ar condicionado: a aragem morna na calvície e nas ideias.

A decisão tem em vista uma nova lei para a redução da quantidade de maldade e preguiça existente no coração daqueles que habitam a Zona Castanha e trabalham na Fábrica.

O Ministro Calvo considera existir uma relação incestuosa entre a preguiça e a maldade. Entre as molas do colchão e a faca do crime.

Ao retirar bolinhas de algodão das frinchas dos dedos dos pés, e sentindo no cocuruto a aragem falsa, o Ministro Calvo sente-se preparado para começar o ditado. O Ministro Calvo prefere ditar leis e reflexões a escrevê-las com a mão própria.

Ele diz:

A velocidade da mão é insuficiente para acompanhar a passada larga do homem que pensa; é insuficiente para agarrar o fumo da imaginação. E os pensamentos azedam, a imaginação evapora-se, se a mão não for suficientemente rápida.

O Ministro Calvo, dotado da sua peculiar voz subterrânea, começou então a deitar os pensamentos cá para fora. O Assistente, sentado à sua frente, anotava-os num bloco, à velocidade da dicção, à velocidade atingida nas estradas das ideias do Ministro Calvo.

O ditado: onde o amor e a maldade fornicam entre si

Na Zona Castanha ainda há pessoas com tempo no coração. Pessoas com demasiadas horas livres para a prática do ócio e da preguiça. E isso entusiasma a maldade; além de desacelerar o avanço económico. Ainda, se essas pessoas albergassem, suspensos, entre costelas, relógios afinados em vez de corações com dentes.

Depois de escrever esta frase, o Assistente não evitou o sorriso para o Ministro Calvo. Que continuava a enrolar com delicadeza metódica as bolinhas de algodão – retiradas do entre-dedos-dos-pés – para depois as cheirar como se fossem flores.

Sim, relógios na vez de corações: mecanismos precisos feitos a partir de ligas metálicas na vez das artérias. Se assim fosse, tudo seria mais fácil. Mas não. Há homens que persistem em dar corda ao coração. Os corações dos homens são máquinas desafinadas, antropófagas. Máquinas de comer homens.

Quando uma certa pessoa, num certo dia, elege uma outra para a dirigir; quando uma certa pessoa faz um amigo, ou um amante, e festeja e bebe e ri com essa outra pessoa nesse mesmo dia certo, não pode querer esquartejá-la na alvorada da manhã seguinte. E é isto que se passa. E quanto mais tempo esta certa pessoa tiver para se dedicar à causa do vazio, da inércia, do sentimento volátil, pior.

As grandes filosofias nasceram da preguiça mas estimulam a apatia. E todos nós sabemos os despojos humanos que sobraram dos desastres resultantes da implantação das grandes filosofias no viver quotidiano. E há ainda o tempo perigoso – por muitos considerado prioritário – para dedicar à causa “família”. Isto, quando estatisticamente sabemos – os números estão aí para quem os quiser consultar – que a “família” é a casa eleita, de paredes nervosas e colchões insolentes, para o amor e a maldade pernitem diariamente.

Onde o amor e a maldade fornicam entre si.

Pergunto:

Quanto mais felizes, mais produtivas são as pessoas?

Será a felicidade produtiva?

E a família? Será um dos nervos vitais ao espasmo do músculo económico?

Querem enganar quem?

A família, o ócio, são farsas. Máscaras delinquentes. Há mais ódio e ressentimento guardado no branco do olho de certos familiares do que entre soldados inimigos que se encontram cara a cara na lama das trincheiras. Isto, porque dispuseram de minutos suplementares para se possuírem e maçarem; para se contaminarem de vulgaridade; vulgaridade que se agarrou aos ossos como caramelo; caramelo que por sua vez entope artérias e encrava a mecânica da produtividade. Isto tudo, porque certas pessoas dispuseram de horas extra para praticar a maldade do amor e o amor da maldade. Como tal, considero urgente a revogação da lei 175, referente ao horário estabelecido para o descanso semanal. E com força igual à aplicada na revogação, ordeno a criação célere de nova premissa legislativa que suprima de forma definitiva o único dia de descanso semanal para todos os Operários da Fábrica e habitantes da Zona Castanha. Para, assim, a produtividade aumentar, e a criminalidade diminuir.

Assim ditou o Ministro Calvo.

Assim escreveu no bloco dos ditados o Assistente.

Colocado o ponto final, o Ministro Calvo, com o dedo mindinho, escarafunchou o ouvido. Pegou no telefone e ordenou que a lei se executasse a partir daquele instante e rasgou do livro das leis uma página aleatória e limpou a essa página a cera recém-escavada da unha e atirou a folha amachucada para o cesto do lixo.

O Assistente saiu do gabinete do Ministro Calvo com a sensação do dever cumprido: um sorriso impecável, firme, e uma nova lei já promulgada debaixo do braço.

Oito metros de altura cinzenta

Para onde quer que se olhe: norte, sul, este, oeste, qualquer par de olhos enfrenta aqueles oito metros de altura cinzenta. O Muro impõe-se. Com ele não há horizonte. Há o que está entre nós e oito metros de altura cinzenta. E o que sobra para cima do ângulo de visão, mediante a distância.

Em todo o cerco, a consistência do betão é apenas interrompida por quatro portões de aço, estrategicamente alçados. Onde guarnições de homens, fardados de azul, armados de cinzento, asseguram a circulação vigiada de bens e pessoas.

Pela profissão que exerce, por habitar o lado azul, é fácil considerar o Diretor privilegiado. Num dos seus bolsos viaja o passe – como a todos os que se abrigam sob tectos azuis – que lhe permite transpor sem perguntas qualquer Zona e fronteira da Cidade. Entrar e sair do Muro, vezes e horas que apeteça.

Só que esta aparente liberdade não emociona o Diretor. Não lhe põe sorrisos na boca nem tristeza nos olhos. No que toca ao movimento, à escolha de uma rua, ou Zona, o Diretor situa a sua liberdade entre a do escravo e a do tirano. Isto, porque o Diretor sabe que ultrapassado este Muro, encontrará, adiante, outro: talvez mais alto.

E, depois de ultrapassado esse outro, surgirá ainda aqueloutro: talvez mais robusto. Mesmo derrubando um muro no lado esquerdo do mundo, no lado direito haverá logo valas de fundação, cofragem e betão preparado, e em quantidades para o aprumar de uma nova cortina dura.

Um mundo sem muros, sem cortinas, não é credível.

Porque não há mundo sem medos.

Os muros, as cortinas, são arquitetura do medo.

E o medo somos nós.

Reconhece o Diretor.

Aprender a ver – quando o inferno nos toca com a asa inesperada

O Grande Desastre dizimara mais de dois terços da população. Derrubara edifícios, leis e cabeças até ali consideradas bastante sólidas. Obrigando os sobreviventes – os insolentes do aleatório – ao confronto com o que sobra da gastronomia da destruição: pó.

O Diretor tinha nove anos e ainda sonhos quando o pai lhe pegou na mão, minutos após o *acidente*, e o levou em passeio pelas curvas dos destroços como a um jardim de plantas e árvores raras. Com a frescura dos gritos e a exalação dos fumos da devastação, o pai obrigou-o a não fechar os sentidos. Para que o filho fotografasse com o olho da memória as sobras da fragilidade e, ao mesmo tempo, da soberba humana.

Apertando-lhe firmemente a mão, o pai dissera-lhe:

Não tires os olhos. Vê e aprende. Para que nunca te esqueças.

Não é terno dizer, antes necessário: só quando o inferno nos toca com a asa inesperada é que abrimos os olhos.

De facto, aquela fora a primeira fotografia tirada pelo Diretor enquanto criança. Pois, quando retrocedia na bicicleta do tempo, quando rebuscava na biblioteca desorganizada do passado, as suas lembranças paravam ali. Naquela imagem estática e pura de devastação.

Fora no dia do Grande Desastre, guiado pela mão forte do pai, que o Diretor abria plenamente os olhos.

Aos nove anos de idade o Diretor aprendera a ver.

O amiguinimigo

O Muro fora construído após o Grande Desastre. E o seu pai, o engenheiro responsável. Portanto, no sangue do Diretor corre ainda a herança consciente daquela obra.

Todos, sem exceção, ao encararmos com admiração ou raiva aquela cortina dura que impede *certos* movimentos de *certos* habitantes, estamos também a prezar ou a insultar a cabeça e as mãos do homem que a projetou.

Sendo filho único e legítimo, o Diretor recebe ainda esses ecos do poder do carimbo do pai.

Para além do orgulho perante a herança, o Diretor não lhe dá a importância que outros lhe atribuem: o Muro faz parte da paisagem. E o Diretor habituou-se à sua sombra como à diária sopa de lentilhas, ou ao filho amarrado ao piano, ou à pouca ginástica das pernas da Ruiva, ou mesmo, com certa dificuldade, à perda dos dedos.

O Diretor considera o Muro um mal certo, inevitável.

Ele medita:

O problema não é o mal não vir só.

O problema é: vem muitas vezes, e muito bem acompanhado. E, dessas vezes, a companhia é ainda mais encantadora que o próprio, que não gosta de caminhar sozinho.

Por isso, em vez daqueles oito metros de altura cinzenta, ou de qualquer outra barreira exterior, a atenção e a energia do Diretor são canalizadas para o mais intransponível – apesar da fragilidade – de todos os muros: o *amiguinimigo* que transportamos em todas as horas: o nosso corpo mortal.

É verdade: o corpo mortal. Veja-se esta recente desfeita: a questão urinária.

Que importância tem uma parede de oito metros de altura, ao lado de uma permanente incapacidade de entornar *o cheio que não vaza?*

A escrita mutilada

Ninguém até hoje – exceptuando os peixes que se aborreciam de tédio na repetição do aquário – tivera o privilégio de assistir à execução hábil e mentirosa da sua escrita.

Era bizarra e, ao mesmo tempo, emocionante, a forma versátil como, só com aqueles três dedos emaranhados uns nos outros, o Diretor acorrentava a caneta e escrevia numa caligrafia perfeita. Ligeiramente inclinada. Desenhando as curvas dos verbos. Unindo com destreza pacífica as linhas dos substantivos às vogais.

É de duvidar se mesmo o maior estudioso da grafologia conseguiria distinguir naquela escrita livre o logro da mutilação: tanto do ato muscular, como do carácter do dono da mão. O caso é que o Diretor manuscrevia de forma fácil, rápida, sem hesitações: um falsificador de coração experiente.

Certificando-se da porta fechada, despia a mão canhota. A luva de camurça, inanimada, era pousada ao lado da mão viva. Nesse instante, os peixes no aquário paravam o bulício: beijavam o vidro do aquário e de olhos hipnóticos acompanhavam os movimentos laterais da mão defeituosa que riscava a folha na busca da palavra certa. Vida ou morte. Morte ou vida. O fruto ou o caroço. O caroço ou o fruto. Sempre a mesma melodia (oculta como um insecto mimético): no branco papel da existência.

Apesar de inválida, aquela mão ainda era poderosa.

Acontecia, por vezes, ao escrever, o Diretor ser atacado por uma vontade irreprimível de chorar; sem saber muito bem a causa.

A sua mão amoral escrevia de forma rápida, decidida, e o Diretor vertia lágrimas; e quantas vezes não desviou ele a cabeça da folha para que a água não esborratasse a tinta. Para que aquela água emocional não manchasse a decisão racional.

Mesmo sofrendo da mutilação, ao escrever, e apenas ao escrever, o Diretor sentia, por momentos, o corpo inteiro, livre, sem falhas.

O Senhor Diretor vai fazer-me mais perguntas? (o processo 1716)

Sentado na cadeira de veludo roxo do Gabinete de Persuasão, o Diretor finalizava processos e assinava sentenças. O Diretor era a penúltima peça do jogo da condenação. A peça que decide tombar, ou não, para fazer cair a última, e concluir. Ora, este processo, o 1716, fora de fácil resolução: execução por fuzilamento. Estas, as palavras escritas no canto inferior do processo. Nunca fora tão fácil ao Diretor escrever execução por fuzilamento.

A mulher em causa, habitante da Zona Cinzenta, de nariz de pássaro e unhas descascadas, retalhara o marido com vinte e uma facadas. Vinte e uma. E depois, com as mãos e as roupas sujas de sangue, afogara as duas filhas pequenas na banheira.

O Diretor fizera à mulher homicida três perguntas. As suas respostas convincentes, acompanhadas de gesticulação fidedigna, registadas no processo, foram estas:

1ª: Por quê? Ele batia-me com um sapato. Já não conversávamos. Não me fazia perguntas. Como o Senhor Diretor me fez agora. Ele não. Acha normal? Já não querer ouvir as coisas que eu tivesse para dizer? E não é tudo: não me comprava cigarros. E batia-me com um sapato quando eu lhe pedia um cigarro. Ele não me amava. Só ele é que podia fumar, o cabrão! Além disso, tinha a respiração estragada. Não me dava repouso: ressonava como um animal doente.

2ª: As minhas meninas... Não sei... Não sei... Não sei... Não aguentava mais. Não conseguia dormir. Durante meses, não dormi um sono inteiro, sem interrupções. Se uma começava a chorar a outra chorava por imitação.

E eu levantava-me. Era a única. Porque o cabrão só ressonava. E as minhas meninas não paravam de chorar nem de fazer cocó fora do bacio. As minhas meninas... Punham-me nervosa. Não sei... Acho que apenas quis que parassem de chorar e não fizessem mais cocó fora do bacio.

3ª: Quis encontrar o revólver. Virei a casa do avesso e não o encontrei. Ele escondeu-o de propósito. Ainda agora não sei onde. Aquele filho da puta não confiava em mim. Não me amava. Queria que eu lhe abrisse as pernas à força sem me fazer perguntas antes. Batia-me com um sapato. Veja o Senhor Diretor: Ele não me fazia perguntas. Acha normal? O Senhor Diretor vai fazer-me mais perguntas, não vai?

Cuidados a ter com o peixe I

Pescara-o com uma pequena rede do aquário do Presídio e trouxera-o em sigilo, no bolso do anoraque, a boiar num saco de plástico.

Ao chegar a casa, pedira à Criada míope uma terrina de porcelana.

Na manhã seguinte o peixe veio à superfície. Abriu e fechou a boca pedinte. As barbatanas dançavam esperançosas. A fome, apesar de amiga da morte, é melodia que pertence à vida.

Aproveitando os restos de um queque de gengibre e a técnica das tenazes, o Diretor esfarelou algumas migalhas para dentro da terrina. E, usando o dedo médio como um pequeno martelo, esborroou contra o tampo, um comprimido cor-de-rosa. Desfeito o comprimido, largou o pó na água.

O Diretor alimentava o peixe para o envenenar de seguida.

Eis o jogo: estas migalhas ou estas migalhas.

O queque ou o comprimido.

O alimento ou o ansiolítico.

O peixe escolhia. Tinha livre arbítrio. Tal como o Diretor escolhia entre a Zona Castanha ou a Zona Amarela ou a Zona Cinzenta. Só que o génio do destino é por vezes perverso. Como a maioria que acredita ter tomado uma boa decisão ao escolher entre esta direção e aquela, também o peixe, ao recusar as duras migalhas cor-de-rosa para somente ingerir as doces e amolecidas, mostrava discernimento. Infelizmente, e apesar de a escolha ter sido outra – o caminho recusado parece muitas vezes correr no nosso encalço – as migalhas declinadas acabariam por dissolver-se, infiltrando as suas propriedades tranquilizantes na água parada e posteriormente nas guelras do peixe-jogador.

O coração do peixe parou na manhã do segundo dia do jogo. E o Gato, depois de ter lambido os dedos de camurça, lambeu os bigodes e guardou os olhos de contentamento. Naquela manhã tinha tido direito a um pequeno-almoço incomum.

Após o qual dormiu, aninhado no cimo do frigorífico, durante dois dias seguidos.

Um discurso para o partido I: como educar o povo a partir do desastre

Já com os estômagos sossegados por um sem-número de acepipes, foram as mãos dos membros do Partido a reclamar a fome.

Na Torre Governamental os aplausos rugiram como leões.

Foi no nono andar, no salão nobre, o do candeeiro de lustre, quando soou nos altifalantes o nome do Ministro Calvo e este se levantou da mesa para se dirigir ao palco.

À medida que os sapatos de camurça do Ministro Calvo deslizavam na passadeira, foram desfraldadas, atrás do palco, duas enormes bandeiras azuis com as estrelas do Governo. E soltou-se o hino dos altifalantes.

Os membros do Partido, sentados às mesas, deram descanso aos copos de vinho para levantar as pernas e dar outro uso às goelas. Subido o degrau alcatifado, o Ministro Calvo agradeceu a ovação.

Chegado ao palco, com o auxílio da partitura – o discurso-ditado, previamente redigido pelo seu Assistente – pousou as mãos no tampo e o silêncio fez-se.

Caras amigas e caros amigos.

(Começa o Ministro Calvo, num tom grave, arrastado, de voz que fala do interior para fora da terra.)

É muito bom ver-vos. *(pausa)* É verdade. É uma alegria imensa estar hoje aqui perante os vossos olhos e as vossas cabeças. *(aplausos longos; o fluxo das palmas como chuva grossa a bater no vidro; as mãos do Ministro Calvo pedem calma às mãos apressadas dos membros do partido)* Obrigado. Quero começar este discurso por lembrar que desde o momento fatídico da história que obrigou este Governo e o nosso Partido à benévola reconstrução a partir dos pós do desastre, a nossa Cidade foi metodicamente pensada e arquitetada. *(pausa)* Limpa e desinfetada. *(pausa)* Não só do ponto de vista do equilíbrio urbanístico, dos volumes da arquitetura, mas também em termos da justa organização social, *(pausa)* industrial, *(pausa, com olhar para a esquerda)* judicial, *(pausa, com olhar para o centro)*

militar, *(pausa, com olhar para a direita)* comercial, do ócio, e do espectro das cores. *(pausa)* É verdade... Eu sei... Educar o povo é processo difícil, demorado. As pessoas são estranhas e destoam. E pretender fazer caminhar toda esta gentilha numa única direção mostra ingenuidade ou utopia. Aprendemos isto com o Grande Desastre. Vocês sabem. *(pausa)* Este Governo começou do nada. Mas de um nada organizado e diferente; que parte das vísceras do homem; que compreende e aceita as naturais diferenças: biológicas, orgânicas, celulares. Como tal, as nossas políticas corajosas, excluem, diferenciam. É verdade. Mas não concordam que é estúpido e hipócrita pretender a igualdade? *(alguns aplausos acompanhados por palavras como: Muito bem! É verdade!)* Vocês sabem isto. Vocês sabem. *(inflexão vocal dramática; acompanhado por uma gradual subida de tom)* Das nossas ruas: pobres e mendigos, famintos e doentes, aleijados e loucos, o lixo e os cães vadios, vocês sabem, toda essa escumalha, foi varrida pela vassoura competente deste Governo e depositados lá bem longe! Bem para lá do Muro! Onde os seus gritos e fluidos não cheguem perto para contaminar a nossa equidade social e higiene política! *(ovação tremenda, com levantar de rabos das cadeiras; e brindes convulsivos; o Ministro Calvo aproveita este despejar das emoções e o sujar das toalhas para beber um pouco de água e dar lustro à careca; aguarda pela acalmia e prossegue)* Sim, eu sei, vocês sabem isto e sabem mais. *(pausa)* Mas, há ainda, uma outra evidência. *(pausa, com arregalar de olhos)* E essa evidência é que continuo a ouvir em fundo um ruído, um burburinho, vocês sabem, um malévolos sibilar, de dúvidas e interrogações, receios e medos, comandados pela besta da insatisfação. *(pausa dolorosa com um olhar profundo que varre todos os presentes; esquerda, direita, centro)*

Um discurso para o partido II: o povo quer casar com a noiva? ou cavalos que mijem vinho?

Dizem-me alguns membros do nosso Partido, dizem-me nos corredores e elevadores desta Torre: o povo não está satisfeito. E eu respondo: não está satisfeito, muito bem. *(pausa, com gesto de mãos a desistir)* Dizem-me que são necessários, outros cálculos, outras políticas. E eu questiono: Outros cálculos? Outras políticas? E respondo: Com certeza. E volto a questionar: Mas quais? *(pausa curta seguida de exaltação crescente)* O que quer este Partido afinal?! O que quer este Governo afinal?! Governar com audácia ou ouvir as canções desafinadas do povo? Ouvir o povo cantar o lado B? Pergunto-vos, então: Qual a canção que o povo quer cantar? O que quer o povo afinal? O povo é um caos sumptuoso. Quer cantar? Dançar? Trabalhar? Comer? Beber? Dormir? Copular? Sim, isto tudo, e mais? Se me souberem responder, por favor, peço-vos... *(silêncio longo e incómodo com um sorriso denso a fazer vincos na boca do Ministro Calvo)* Algum dos presentes me diz o que quer o povo afinal? *(pausa curta, com abrir de olhos)* Serão bifes do lombo em molho de natas? *(risos retraídos)* Talvez, um inverno menos branco? *(algumas gargalhadas)* Porventura, um céu com amoras? Ou cavalos que mijem vinho? *(riso generalizado)* Não, não, deixem-me adivinhar: O POVO QUER A LI-BER-DA-DE. *(depois da séria e zangada dicção silábica da última palavra, a agitação recolhe e no salão nobre cai um silêncio de velório)* A LI-BER-DA-DE, não é? Pois claro: a liberdade. Essa noiva virgem, pura, casta, bela. Que permanecerá para sempre fiel. E o povo quer esta noiva para quê? Para casar e saltar o Muro, herói, com ela em braços? Ou, para com ela realizar um piquenique lascivo na Floresta? Ou será que o povo precisa desta noiva para decidir a cor mais adequada às paredes lá de casa? Mas digam-me, meus amigos e minhas amigas... Será... Será essa noiva pretendida... Bonita, apetecível... É verdade... Uma propriedade? Uma conquista? Será essa noiva, sequer, uma escolha? Como a liberdade de dizer: agora não morras; não podes; agora não adoeças; não quero. Ou então, poder dizer ao coração: não quero que

batas assim, nem aqui, neste lugar, entendido? *(o Ministro Calvo espeta o indicador em riste na direção da cabeça dos membros do partido)* Digam-me, então?! Onde mora o pai dessa noiva para lhe pedirmos a mão?! O que quer o povo afinal?! *(silêncio pródigo em pequenos ruídos: a sola de um sapato a mastigar a alcatifa; um estalar nervoso de falanges; ranger de dentes; um engolir em seco)* Pois é, Meus amigos e minhas amigas. Não é fácil, eu sei. Não é fácil... Mas eu digo-vos. Vou dizer-vos o que o povo quer? Meus amigos e minhas amigas... O Povo... Quer... O Povo... Quer... *(pausa prolongada)*

Um discurso para o partido III: o povo vai aprender a canção

... Eles não sabem. (*após o milésimo de segundo necessário ao raciocínio da anedota, a reação: risos tonitruantes e palmas*) É isso mesmo: ELES-NÃO-SABEM. (*a partir deste instante o talento oratório do Ministro Calvo arranca num andamento prestíssimo, num crescendo de notas emocionais, de variações tonais e gestos exaltados, até ao final apoteótico; não dando qualquer espaço de reação aos membros do partido*)

Meus amigos e minhas amigas. Sei isto: hoje o povo exige uma coisa, amanhã exigirá outra. Esta é a lei orgânica que os rege. Hoje são o que amanhã não querem.

E amanhã serão o que ontem não queriam. E o que não forem amanhã já anteontem o queriam ser. O tal caos sumptuoso. Não há no povo qualquer sinal de concordância, estabilidade, permanência. E o papel do nosso Governo e deste Partido é orgulhosamente este: o desafio habilidoso de tentar a estabilidade com base na organização. Na imposição de balizas. Regras. Humildade. Resignação. Não deveria ser necessário o acidente para estimarmos a vida. Recordo, a propósito, uma frase de um famoso escritor: *Existe esperança, claro. Mas não é para nós.* Só que o povo é estúpido. Não foi feito para perceber. Não percebem nada de nada. Mas têm sempre uma opinião. Uma voz. Um murmúrio. Algo a dizer sobre o que não sabem. E não é tudo: após o *Grande Desastre*, quem reconstruiu esta Cidade? Nós! Quem deu a todos tectos sólidos? O mínimo conforto? Quem criou milhares de postos de trabalho? Nós! Hoje todos têm acesso a cuidados médicos, à diversão, a ruas limpas; temos organização, segurança; a criminalidade diminuiu para números nunca antes vistos! Tudo aquilo que o povo exigia anteriormente. E a quem é que isto se deve? A quem é que eles devem tudo isto? A este Partido! A este Governo! E então, hoje, que têm aquilo que ontem exigiam, continuam insatisfeitos. A besta continua a falar. O burburinho malévolo. O ruído de fundo. Pois eu digo-vos: deixai-a falar, a besta. Deixai-a ladrar. Uivar se lhe apetecer. O nosso Governo e este Partido

não cederão a esses uivos pretensiosos; não cederemos naquilo que acreditamos ser a conduta certa de uma política construída para o bem comum! E mais: a arquitetura, o método, a organização, a desinfecção e os militares são os instrumentos da nossa orquestra! São a música deste Partido e deste Governo, para uma clara aprendizagem da canção certa por parte do povo! Uma canção moderna assente em princípios dos quais jamais abdicaremos! E que o povo vai aprender – eles vão aprender a cantar – ai vão, vão, acreditem... Demore o tempo que demorar! O povo vai aprender a canção! E a canção é esta:

Este Governo fez e faz de uma palavra: lei!

Este Governo fez e faz de um traço: betão!

Este Governo fez e faz de uma cor: organização!

Este Governo fez e faz de uma empada: economia!

Este Governo usou e usará o assobio da bala para sujar temporariamente o chão!

A borboleta dos cereais

A Criada mergulha os dedos na tigela e massaja os bagos. Acaricia o arroz.

O arroz não pode ser agredido, dissera-lhe a Patroa, uma vez, numa curva de voz que não se esquece.

A patroa Ruiva levava ao coração tudo o que envolvesse a questão: alimentação. Desde a escolha cuidadosa dos ingredientes à sua lavagem, passando pelo corte, tempo de cozedura, condimentos e gorduras, enfim, nada era posto de lado ou insignificante. À Criada custava-lhe assimilar tanta informação e cuidados, mas queria acreditar que os constantes reparos e reprimendas que ouvia eram o feitio da patroa a demonstrar afecto. Mais, a Criada suspeitava que este fundamentalismo cardíaco para com *a alimentação*, que a inconstância e caprichos eram a sua forma de amar; de a Ruiva se preocupar com os outros.

Talvez esta leitura humana deva muito às suas lentes grossas e fracos olhos. Pois, aquele que não vê bem tem maior inclinação para acreditar na bondade.

Quanto à lavagem do arroz integral, a Patroa dissera-lhe:

... não, não, não é assim que se faz, estás enganada; isto não é como a maçã, ou a pera, que se lava a casca de forma bruta. O arroz é delicado. Muito delicado. É a borboleta dos cereais. Não pode ser lavado sob a torrente agressiva da torneira, mas sim umedecido num banho de imersão. Assim, tens de gentilmente deitar o arroz (a borboleta) numa tigela com a mesma delicadeza com que deitas um filho adormecido na cama. E a água, doce e paciente, debes vertê-la de um outro recipiente, em pequenas quantidades, como num banho turco, no corpo do cereal (da borboleta). Isto, enquanto, a tua mão, bem-educada, massaja a casca dos bagos (as asas) com afeição. Num ambiente harmonioso, num silêncio calmo. Sem tensões que façam rugas na testa, nem gritos que façam frio nos ouvidos. Pois tal como uma esponja fiel, o arroz (a borboleta) absorverá essa energia má e emoções vizinhas.

E nós, ao mastigá-lo trinta vezes, depois de cozinhado, em vez de recebermos a energia fértil, receberemos os produtos feios do nosso temperamento. E, em vez de nos livrarmos do mal, voltaremos a ingeri-lo, a mastigá-lo, a absorvê-lo num círculo perfeito.

Assim dissera, tal qual, a Patroa Ruiva.

Assim tentava lavar o arroz (a borboleta), a Criada míope, obediente.

A hora da sopa com perguntas impertinentes

A Criada míope segura a colher expectante.

A Criança, mão a amparar o queixo, olha o chão. Distraído, marca um solfejo, dando pequenos pontapés numa das pernas da mesa. Sobre a toalha, no prato fundo, o que os separa: a mistela fumegante, verde e amarela. Um nevoeiro levantava-se do prato e da colher, para toldar os olhos da criança e embaciar as lentes dos óculos da Criada.

Está muito quente!

Eu sopro mais.

É de quê?

Tu sabes.

Lentilhas.

Sim.

O Gato surge debaixo da mesa. Cheira a planta dos pés pendurados. Lambe os dedos da criança como biscoitos. A Criança ri-se da provocação das cócegas e procura os olhos míopes da Criada afundados atrás do vidro grosso. O riso é contagiante e ouve-se longe. A Criada também mostra os dentes. Aproveita para avançar com a colher na direção da boca alegre. Aí, a Criança desiste do sorriso. Engole, contrariado, a mistela fumegante.

O Gato tem fome.

Ele já come.

O Gato não gosta de sopa.

Eu arranjo-lhe outra coisa.

Eu gostava de ser Gato.

Por quê?

Assim não comia sopa.

A Criança recomeça com o massacre de perguntas para adiar a próxima colher:

Vais morrer?

Que pergunta é essa?

Vais morrer, não vais?

Sim, um dia destes. Vá, abre a boca.

Está quente!

Eu sopro mais.

A mão da Criada faz um novo movimento descendente. Despeja o conteúdo. Percorre a borda do prato. Novo movimento ascendente. Sopra. A boca do miúdo escancara-se. A Criada vê-lhe o lábio fendido e as falhas na fileira de dentes. A Criança pergunta:

Já comeste empadas?

Já.

E gostas?

Gosto.

São feitas de carne, não é?

Sim.

Sabes de que animais?

Não.

Eu sei.

Sabes?

Ele diz-me que algumas são feitas da nossa carne.

Sim... Vá lá... Abre a boca.

Os lobos atacaram um homem na Floresta, não foi? Tenho medo de lobos.

A Criada para o movimento. A colher suspensa.

Como é que sabes isso?

Ele disse-me.

Ele... quem?

Ele...

O Gato deu um salto para cima da mesa. A Criada levantou-se. Com um grito enxotou-o.

A Mãe odeia o Pai e o Pai odeia a Mãe.

Que parvoíce.

É verdade. Eles odeiam-se. Dão aquele beijo sem barulho mas nunca se falam. Nem me abraçam.

Eles só fazem isso quando tu estás a dormir. Por isso não os vêes.

Isso é verdade?

Sim.

A Criada volta a sentar-se. Agarra a colher, ajeita os óculos, franze o sobrolho. Leva a outra mão ao esterno.

Dói-te?

Isto já passa.

É o coração?

É.

Um médico já te mexeu no coração, não já?

Já.

Tens uma cicatriz?

Tenho.

A mim, um médico também já me mexeu aqui, no lábio, vês? Nasci com ele aberto. Tenho uma cicatriz. O Pai também nasceu com o lábio dele aberto e tem uma cicatriz igual. Um médico também lhe mexeu. Os médicos acabam sempre por nos mexer em algum sítio, não é?

Infelizmente.

O Pai e a Mãe abraçam-se e abraçam-me enquanto eu durmo?

Sim. Mas não lhes digas nada. Fica só entre nós: um segredo.

A Criada pisca-lhe o olho, afaga a cicatriz no externo e volta a agarrar a colher:

Nosso?

Sim.

Está bem... Está a doer-te aí?

Sim, às vezes dói-me.

Vais morrer, não vais? *Ele* disse-me que sim.

Sim... Vá, agora está caladinho e come a sopa...

Está bem... Eu como... Mas tu vais morrer?

Sim. Um dia destes...

E eles, depois de tu morreres, vão levar-te para a Fábrica e depois guardam-te no Banco. Que é o sítio onde estão as pessoas que morrem, não é? O Pai prometeu levar-me lá um dia. Para visitar o Avô. O Avô está guardado no Banco.

Vá, abre a boca! Estás a fazer-me nervos!

E eu? Também vou morrer um dia destes?

A Criada suspende o movimento da colher. As pupilas dilatam-se. O coração irregular. Recusa pensar, mas não evita: Que acontecerá à Criança quando acontecer aquilo que ainda não aconteceu...

Já acabou?

Não...

Ainda me vais dar essa?

Vou... vou...

A sopa não é mais importante que a morte, pois não?

Não. Agora cala-te um bocadinho. E concentra-te na sopa como fazes com o piano. Está bem?

Está bem.

Depois de mais duas colheres, a Criança insiste:

Já falaste com *Ele*?

Quê?

Se já falaste com *Ele*? Tem uma voz bonita.

Vá, deixa-te de coisas. Cala-te um bocadinho. Ainda não paraste de falar desde que te sentaste à mesa.

Eu já paro. Mas sabes... Eu falo com *Ele*... E sabes...? Ele responde-me. Fala comigo. De dia só o ouço. Não lhe respondo. Mas de noite falo com *Ele*. *Ele* ontem disse-me que não devo comer sopa. *Ele* também a odeia.

A Criada suspira.

Mas a sopa é importante e boa. Para cresceres forte... para seres um grande pianista tens de comer a sopa. Além disso, se não comeres sopa a Mãe castiga-te.

E também te castiga a ti...

Pois.

A Mãe está sempre a falar na sopa e no arroz e no mastigar...

É porque gosta de ti.

É porque é estúpida.

Isso não se diz!

A Mãe mastiga trinta vezes e obriga-me a mastigar trinta vezes. Olha para a minha boca e fica a contar até trinta. Um, dois, três, quatro...

Está bem... Mas isso não se diz...

Tu não contas as vezes que eu mastigo, pois não?

Não.

Gostas de mim?

Gosto.

E gostas da minha música?

Sabes que sim. Tens uns dedinhos de ouro.

E tenho um segredo.

Tens?

Sim. Não digas à Mãe. Prometes que não dizes? Se prometeres que não dizes, eu digo-te.

Prometo. Agora abre a boca.

A criança engole mais uma colher.

Não toco sozinho.

Quê?

Quando estou amarrado ao piano, *Ele* diz-me as notas ao ouvido, os compassos. É fácil. É como se *Ele* entrasse nas minhas mãos e os meus dedos voassem... E eu deixo de...

Abre a boca e come a sopa!

A sopa... sempre a sopa... A sopa não é mais importante que a música...

Vá... Por favor... Faz-me este favor. Depois a Mãe... Contigo e comigo... Abre, vá. Isso. Só faltam quatro colheres.

Duas.

Três.

Ele também a odeia, sabes. *Ele* odeia sopa e odeia a Mãe e odeia o Pai. Diz que se vai vingar. Às vezes fala como o Diabo.

Ó meu Deus!... Vá... Só falta esta!

É a última?

É.

Se eu comer essa contas-me uma história bonita?

Bonita?

Sim.

E o que é para ti uma história bonita?

É uma história que faz sonhar. E que não tenha lobos.

E é isso que tu queres?

Sim.

Sonhar?

É.

Mas e depois, quando acordares do sonho?

Conta-me outra que me faça sonhar outra vez.

E se eu te disser que não há histórias bonitas. Nem feias. Há apenas uma única que se repete e que nem é bonita nem feia. É uma história *bonitafeia*.

É a única que sabes?

É a história que a minha mãe me contava.

Entram lobos?

Não há histórias sem lobos.
E vai fazer-me sonhar?
Depende de ti.
Conta-me essa então.
Está bem, mas, antes, abre a boca.



GYMNOPIÉDIE VI

Os pensamentos: breve smula dos mais importantes ditados do Ministro Calvo

Os pensamentos não são coloridos. Mas suponhamos que tudo aquilo que um homem pensa fosse tingido de cor e atirado para fora da cabeça como um fogo de artifício. Qual seria a decoração do ar das Cidades? Do céu das grandes aglomerações populacionais? Assim, através desse tom, dessa aura, dessa mancha levantada da cabeça, a compreensão *do outro* seria alcançável, visível. Teríamos algo a que nos agarrar. Poderíamos ler as nuvens. E dizer, consoante a influência do amarelo, do rosa, do verde, do azul, do roxo, do laranja, do castanho, do cinzento, do preto, sei como pensas, não preciso das tuas frases para saber se devo afastar-me ou aproximar-me. Toda a vasta culinária de pensamentos santos ou assassinos seriam pintados na tela da atmosfera e, mais importante, facilmente identificados.

Nenhum urso de pelúcia mutilado

Ninguém diz: é um quarto de criança.

Virado para a vertente norte, uma pequena janela recortada para o Muro, o quarto do Filho é lugar acanhado, pouco luminoso. Quatro metros quadrados onde a cama desengraçada, a estante de pinho, corrompem o lustro polido do chão de madeira.

Nenhum cavalo de madeira. Nenhum urso de pelúcia mutilado. Ou um soldado de chumbo de baioneta em riste, ou um pirata de pala desdentado, ou uma bola furada, ou um puzzle desordenado. Nenhum rasgo de cor nas paredes, imaginação ou desordem em qualquer das superfícies.

O quarto do Filho imita na frieza, certos quartos de militares, onde o dormir, o descanso efetivo, apenas esse, importa.

Porque a vida, a vida plena e desordenada com que uma criança intrinsecamente preenche qualquer compartimento onde respire, como um furacão saudável – essa vida, sem rédeas, ali não tinha entrado.

No quarto do Filho há rigor, asseio.

Ordem, disciplina, monotonia.

Coisas importantes na construção segura da coluna vertebral de uma criança.

O diálogo com o escuro: onde se ouve o coração coser

Cumprindo a preceito o relógio, o Filho deita-se por voltas das oito, oito e meia, todas as noites. Após a religiosa sopa de lentilhas, a Criada caminha à sua frente: sobe dezassete degraus, abre a porta, veste-lhe o pijama, apaga a luz.

Ordem, disciplina, monotonia.

O Filho deita-se sem Pai nem Mãe. Sem festas nas costas. Sem leite quente ou bolachas no estômago para o ajudar na tarefa do adormecer.

Assim que ouve o *não* metálico da maçaneta, o Filho cobre a cabeça com o edredão. Fecha os olhos e principia o diálogo com o escuro. O Filho aproveita a noite para falar com a voz que lhe habita a cabeça. Fala-lhe do Pai, da Mãe, da Criada, do Gato, do piano e da sopa de lentilhas. Se a Mãe soubesse, castigá-lo-ia. Mas ali, no esconderijo mais íntimo, a Mãe não pode entrar.

O Filho arrepanha o edredão. E relata os dias e medos, para o lado de dentro. Como se soprasse o maior segredo. A voz conhecida, como um vento caprichoso de palavras, responde. Em dois tons distintos. Um: doce, benévolo. Outro: amargo, austero. Por vezes: troveja. E pune no verbo os que merecem ser punidos: o Pai, a Mãe, a sopa de lentilhas. E aí, algumas lágrimas equilibram-se como um funâmbulo nos olhos do Filho. Não de receio, mas de alegria, perante a visão da punição. E, num domínio da emoção, igual ao domínio da coordenação dos dedos nas teclas, as lágrimas suspensas não chegam a cair. O Filho, sentindo-as chegar, devolve-as à procedência. Obriga os olhos a engolir lágrimas como a boca faz em relação ao cuspo. Os canais lacrimais aspiram-nas, inchando-lhe, depois, as pálpebras. Daí as suas olheiras permanentes: emoção recolhida e não aspergida.

Terminado o diálogo, a cabeça do Filho emerge, transpirada da aba do edredão. A boca seca. Olhos a cortejar o escuro. Deitado sobre o lado esquerdo, o seu coração martela as dinâmicas próprias da infância. O

coração do Filho cose como uma máquina de costura. O colchão, os lençóis, a almofada. Fora a Mãe que lhe dissera um dia: o coração é uma máquina de costura. Cose as pessoas umas às outras. Com as mãos presas aos ouvidos, o Filho aperta e range os dentes para o não ouvir coser. Enquanto ouvir o coração não conseguirá adormecer.

Por fim, encosta os calcanhares às nádegas vestidas de flanela, roda o tronco e deita-se sobre o lado direito. Olhos na direção do Muro, da neve e da noite que se debruçam à janela.

O Filho vê o Muro, a neve e a noite, mas não os ouve.

E é nesse silêncio visual que o Filho se distrai e adormece, esquecendo o coser do coração.

Um sonho do Filho em noite de inverno

O piano é um velho tronco coberto de musgo verde.

Ele fecha os olhos e prime as teclas úmidas enterradas nos intervalos da casca. O som eleva-se dos nós e poros. É uma melodia triste e melancólica mas, mesmo assim, o lobo ri. Mostra os caninos numa satisfação prodigiosa.

O frio queima e a certa altura os seus dedos começam a perder a amplitude e ginástica naturais. O exercício musical torna-se penoso, levando-o a falhar algumas notas.

O lobo de ouvido afinado protesta:

É melhor parares. Não tens técnica suficiente.

Depois de ouvir as palavras de desistência do lobo e num derradeiro esforço para terminar a execução, concentra-se de tal forma no coração que o ritmo cardíaco aumenta, levando a circulação até à ponta das unhas.

E aí, termina, numa nota exemplar.

O corvo assente no ramo e a rã do charco batem palmas. Ele curva-se para uma vénia. Até reparar na pausa séria e grave do lobo. Os olhos do lobo tinham adquirido vermelho:

Não. Não há nada a fazer. Talvez pudesses escrever livros. Isto que me apresentas não é suficiente. Nunca serás pianista.

E assim – para espanto do corvo e da rã – num movimento ágil, o lobo atirou-se-lhe.

Ver uma prostituta da janela: ouvir aqueles piropos

A neve refletida nos olhos bicolores da Ruiva.

Daquela janela antevê o começo da alameda e algumas fachadas dos edifícios circundantes.

A neve tapa tanto o belo como o feio. Entope as falhas. Os farrapos avolumavam-se infatigáveis uns sobre os outros num manto de farinha espessa.

A Ruiva observa os movimentos procedentes da rua.

Sete militares conversam, fumam, soltam risos. Gargalhadas desafinadas. Passam de mão em mão uma garrafa. Encostados ao Muro, levam o gargalo à boca e despejam o líquido que lhes dá febre. Ânimo.

A Prostituta Anã vem da alameda e segue em direção ao Clube. Desenha uma curva larga para evitar os militares. A Prostituta Anã vem coberta por chapéu, cachecol e sobretudo. Os militares reconhecem-lhe o vulto e a sombra. Assobiam. Atiram piropos até o vulto e a sombra serem entregues ao escuro.

A Ruiva, tal como os militares, sabe o que a Prostituta Anã faz no Clube. O que ela dá e faz com as ancas agitadas. A Ruiva bem se esforça, mas não evita o passeio da aranha no ventre. A mancha da inveja a tingir-lhe o rosto. A Ruiva sente raiva daquela mulher pequena. Do uso que ela dá aos volumes desproporcionados. Das mãos brutas que os apertam e moldam em novas formas. Dos pénis desconhecidos, duros e teimosos que lhe batem à porta e inundam. E principalmente, daqueles piropos.

A Ruiva pensa numa palavra ao ver a Prostituta Anã desaparecer na curva.

E di-la em voz alta:

Putá.

O olho verde é mais crítico

A Ruiva corre as cortinas azuis com desenhos de luas em todas as fases.

Na cómoda, abre a caixa de joias. Dentro, o anel enferrujado que durante os dias felizes encadeava no dedo. Tenta vestir o dedo. Depois de trilhar a carne – o dedo engrossara e engelhara como ela – lá consegue. Estende a mão como se a oferecesse, na esperança da chispa. Nada.

O Gato, aninhado aos pés da cama, lambe as patas, a barriga, o sexo. A Ruiva põe o dedo na boca e morde o metal. Encharca a aliança de saliva. Descose-a. Atira-a para dentro da caixa de joias. Despe-se.

A saia plissada, a blusa de lã, a camisa roxa, o sutiã preto, amontoam-se no soalho como peles de animais mortos. O Gato mira o despir da Ruiva sem mudar a expressão do focinho. Depois, quando a vê de cuecas reduzidas, desinteressa-se e retoma a higiene.

Arrepiada, a Ruiva, envolve-se no robe. Dá o nó ao cinto. Descola os caracóis da nuca que lhe caem num tumulto pelas costas. Pensa no filho. Recorda a lição.

Os dedos dele não podem falhar. Faltam trinta e três dias para o concerto. Mas já tinha faltado mais. Ainda há tempo, e vai tudo correr bem. Diz, para si, sem certeza.

Aproxima-se do espelho. Analisa a silhueta com olhar científico. Os lábios finos recolhem e estendem, consoante a expressão, escoltando os olhos na investigação. O olho direito, o verde, brilha com mais impaciência.

O olho verde da Ruiva é mais crítico que o irmão do lado, o olho castanho.

São minhas e andam sempre comigo

Num movimento de tronco as mamas conquistam vida. Ameaçam o pulo do decote. Com a mão em concha a Ruiva puxa-as para fora. Sustém-nas. Sopesa-as. Apalpa-as como fruta para adivinhar se doce. Estão firmes. Maduras. Alguns caroços. Ainda não caíram. Com mais anos em cima vão murchar e cair. Isso é certo. Espalmadas pela gravidade vão pender sobre as dobras da barriga mole. Por ora ainda conseguem apontar. Apontar para a frente. Já não para cima. Uma mão inteira não chega para as agarrar.

A cabeça inclinada sobre o ombro direito. Olhar de soslaio. Continua a massajá-las.

Diz, a Ruiva:

São minhas e andam sempre comigo.

Ninguém as vai roubar daqui.

Ao massajá-las, a Ruiva recorda a mão do Médico Loiro a experimentá-las. A detectar nódulos, caroços. A aproveitar-se. A Ruiva deixara. Soubera-lhe bem. Carícias. Tinha orgulho nelas. Brancas e cheias. Montanhas de alimento.

O mamilo castanho da mama direita eriça-se. O Gato ergue a cabeça das patas. A mão sardenta espreme. O Gato mia. Em vez de leite, uma gota de sangue. A Ruiva cheira o sangue. Pode não ser nada. Com certeza, qualquer coisa benigna. Só depois de sabermos o resultado dos exames. Foi o que disse o Médico Loiro.

Sacode a cabeça, caracóis rebeldes. Volta a hospedar as mamas. Recompõe o robe. Aperta o cinto. Olha a cama. O Gato boceja. Vai até lá. Faz-lhe uma festa na barriga. Levanta o edredão. Alça um joelho e introduz-se nos lençóis frios. O Gato aproxima-se. Salta. Aninha-se ao lado da Ruiva. A Ruiva cerra os olhos pestanudos e recapitula mentalmente todas as ações para o dia seguinte.

Hormônios e óvulos garimpam

As lições de piano, a escolha da ementa semanal, a aquisição dos alimentos, a coordenação dos afazeres da Criada, são, para a Ruiva, tarefas imperdíveis. Ocupam-lhe grande parte do tempo e energia diárias. Concentram-na e fazem-na andar em direcção àquilo que considera essencial. E, assim, absorvida, distraída, mantém-se afastada do tumulto das emoções. Da montanha russa dos distúrbios hormonais. Mas há dois momentos, em cada mês, onde a disciplina e a razão da Ruiva falham perante a genica dos hormônios e a força dos óvulos. E aí, não há raciocínio, nem foco, que valham; e a Ruiva desce, qual mineiro sem proteção, ao interior da mina emocional onde hormonas e óvulos garimpam, cantando a desordem.

Deitada na cama, arranjada para sonhar, a Ruiva estende o braço direito. Apalpa a parte desabitada dos lençóis. Sente as rugas da flanela em vez da pele. O calor do Gato em vez do Diretor. Geme. Um sabor amargo chega-lhe à língua.

Ele, o homem, Pai, Diretor, está fechado no escritório. Dorme sentado num sofá de veludo azul. À distância de seis paredes, três divisões e cinco metros de corredor. A Ruiva já não se recorda da última noite viscosa e partilhada. Mas o orgulho não permite que se levante e enfrente o frio do corredor para bater à porta do escritório. À Ruiva, tinham-lhe ensinado: ao homem compete o avanço. À mulher, a espera.

E ela esperava, ferida, seca, pedra.

O orgulho é um saco pesado, carregado de pedras por atirar e expectativas tristes. Arqueando as costas transportamo-lo com dificuldade. Ofendidos na nossa certeza, subimos e descemos ruas. Desfiamos horas, dias, luas e sóis, estações, anos, morte até. Antes isso que pedir a outro – ou pousar o saco no chão – para não dar parte do lado feio da fraqueza.

A Ruiva já carrega este saco pesado há demasiado tempo, interrogando-se:

Por que não vem ele ajudar-me?

O que foi que lhe aconteceu?
O que deixou ele que a vida lhe fizesse?
Onde se cansou o amor?
Onde se esgotou a paciência?
Por que não faz ele o trabalho?

A cada dia, aquilo que unira a Ruiva ao Diretor murchava, como a flor arrancada à terra para viver fora, na jarra. E tudo se iniciara após *a perda*. Quando o Diretor começou a usar as luvas de camurça. E deixou crescer a barba.

Peixe para o anzol

Tanto aquela ausência térmica de afectos como o anonimato físico e verbal começavam a deixar marcas. Era cada vez mais notório no comportamento da Ruiva que o Diretor não era assíduo. Não a frequentava. Não a assediava, como é da natureza do macho rondar e instigar a fêmea. E essa ausência, incomunicante, convertia-se a cada dia em ódio pesado e raiva dirigidos contra todos ao mínimo burburinho. Todavia, desse fulgor da ira, soltava-se também um aroma magnético, um perfume entendível para narizes inteligentes.

No Hospital, o episódio com o Médico Loiro fora exemplo. O adultério roçara pelo ombro da Ruiva. O adultério está para o casamento como o peixe para o anzol.

É uma questão de isco e paciência. E o Médico Loiro tinha obstinação de pescador. E, ainda mais: um nariz dotado de inteligência.

Embora conscientemente recusasse admiti-lo, esta não fora a primeira vez, nem seria a última, que a Ruiva desejava outro homem que não aquele que escolhera. Mas uma coisa é a consciência, e outra a carne palpável. A consciência mente, dissimula, ilude e deixa-se iludir quando convém; a carne, não; a carne é sempre sincera: come ou bate; mata ou morre.

O facto é que em singulares ocasiões, na presença física de *outros*, sob o lastro de convites provocadores feitos por mãos obscenas debaixo da mesa, ou soprados lascivamente ao ouvido, o sangue da Ruiva convergira abaixo do umbigo, e um calor cego, uma febre que doía, quase lhe desabotoara a vagina.



GYMNOPIÉDIE VII

O motor: breve smula dos mais importantes ditados do Ministro Calvo

O medo   motor indispensável   civiliza o.

Agente potente que, bem oleado, bem afinado, bem conduzido, permitirá o progresso econ mico. Não controlado, este movimentador de massas tornar-se-  adversário. Inimigo em vez de amigo. Uma bomba temível que fará a política resvalar para terrenos lodosos e encravar engrenagens. O Governo deve ter isto em aten o. E analisar com argúcia todos os seus componentes e peças: do pequeno receio ao grande terror; da cautela particular ao pânico geral.   necessário examin -los, test -los, p -los em movimento, a todos. Lubrificar o medo. Realizar experiências. Trabalho de oficina. Para do medo retirarmos o máximo lucro. E o rápido avanço. Está mais que provado: o amor   inútil, s  atrasa, não d  lucro.

E é talvez o maior adversário da boa política.

Assim e, antes de qualquer tomada de decisão, este Governo deverá ter sempre presente, como auxiliar formal e pedagógico às suas ideias e leis, os números, as tabelas, enfim: os consumos do medo.

O que mais teme o povo?

Deverá ser a primeira questão.

Habitação do pó: Deus no tampo da mesa

O escritório não é arejado. Só o Diretor tem permissão e chave para ali entrar e respirar aquele ar espesso de covil.

O Diretor está sentado à secretária. A cabeça inclinada pelo peso de perguntas:

E se o Mensageiro estiver certo?

E se aquele mapa?...

A quem é que a Ruiva vai deixar?...

O candeeiro de pé ilumina o tampo: as mãos despidas, as duas partes do mapa grosseiramente desenhado já coladas com fita-cola, as desocupadas luvas de camurça, a malga vazia da sopa de lentilhas. E na bifurcação de duas paredes, o sofá de veludo azul onde dorme.

Um relógio antigo de parede, pertencente a seu pai, desconta o tempo e fabrica pó. É sob o insistente roçar daquele ponteiro que nasce o pó, que o algodão floresce. Tapetes de pó vestem superfícies, agasalham recantos, amuam objetos. Inscritas no chão, estão também as pistas sobrepostas do percurso trilhado pelas solas dos chinelos do Diretor nestes últimos meses. Pegadas no pó branco como se fora neve.

O seu pai acertara:

Onde quer que habite um relógio, habitará também o pó.

Não acreditando em Deus, ao menos acreditamos no pó. Pensava o Diretor.

Deus é então essa coisa incorpórea e persistente que pousa aborrecido no tampo da mesa, ou numa prateleira, num rodapé.

O Diretor sai dos pensamentos. Ouve o tiquetaque atrás da orelha. Amarra os olhos ao mapa. O local está assinalado com um X vermelho. Ao antever a possibilidade de encontrar um *tesouro*, o seu lábio leporino espelha um quase sorriso. Dirige a unha crescida do anelar ao centro da barriga peluda. Extrai da cova do umbigo uma bolinha de algodão. Algodão que ali nidificou saído da fábrica do relógio. O umbigo do Diretor aumentara com o furto dos anos. Acompanhando a progressiva dilatação do abdómen. E com o

crescer da cova aumentou também o diâmetro da bolinha. A bolinha de algodão, empurrada pela unha do Diretor, voa distinta e tomba amortecida num dos trilhos de pó.

O Diretor ouve-se a dizer:

Onde quer que habite um umbigo, habitará também o algodão.

Afaga a barba. A borboleta do olho. O peso na bexiga. Se o Mensageiro estiver certo, tem de encontrar e desenterrar *aquilo* quanto antes. A neve começará a derreter ao primeiro espreguiçar do sol. E o disfarce que o gelado branco pode oferecer tem um prazo de validade. A estação quente aproxima-se. E o que quer que lá esteja, em breve a mão do sol irá destapar.

O Diretor levanta-se:

Tenho de ir fazer uns pingos. Já não acredito em jorros.

O amante imperturbável

O Diretor recusa a cama. Prefere ganhar um torcicolo, um problema de vértebras por dormir sentado no sofá de veludo azul a deitar-se ao lado da Ruiva na cama do matrimónio. Não por causa da cama em si, mas pelo ódio maduro à companhia. Apesar disso, todas as noites, sentado no sofá de veludo, o Diretor sente saudades da cama.

Uma das mais importantes relações existenciais que estabelecemos na vida é com aquele objeto horizontal: móvel para deitar ou dormir, constituído por um estrado onde se coloca o colchão; revestido por um lençol e cobertores, ou mantas e edredões, consoante a estação.

A cama é esse corpo horizontal, inerte, que recebe peso. E adapta-se. Todos os dias nos recebe de braços e pernas abertas. Sem queixumes em relação a odores, hálitos, humores, roncos, incontínências, tosses, mástensões ou tesões-daninhas. Passivamente, deixa que o peso e outras matérias do corpo se sirvam. Sem nada pedir em troca: o descanso, a cópula, o sonho ou a noite de insónia.

A cama é o amante imperturbável. Aceita cada corpo e passa de corpo em corpo sem tomar partido. E nunca morre para nos ver morrer. Para morrermos nela. Na vida, na morte, ao contrário de no amor, a cama sabe o que faz. O lugar que ocupa na escala da vida e a responsabilidade que daí lhe advém. E cumpre, cumpre. Cumpre, sempre. Acompanha-nos nos momentos pacíficos e eufóricos. Trabalha enquanto o corpo descansa. E repousa, enquanto aquele que se serve dela exerce fora o ofício de viver.

Conhece-nos carne, ossos, respiração. Sabe o ângulo e a posição precisa do antebraço em relação ao tronco. A mão que fica dormente. O ponto cardeal para onde cai a cabeça. Os devaneios do cabelo. O tom em que estalam joelhos. O suor dos pesadelos. O matraquear do coração. Mesmo quando os ocupadores, por inaptidão ou incapacidade, lhe urinam ou libertam odores e outros inconvenientes, a cama recebe-os. Absorve-os com compaixão invulgar, como se estes lhe pertencessem.

A cama é o mais fiel dos amantes. E este compromisso sem aliança eterniza-se até à consumação da morte.

O Diretor discorria isto da cama, mal sentado no sofá de veludo azul.

O mesmo não poderia discorrer sobre a Ruiva.

O bilhete nas mãos erradas: um acaso

Depois de selar o cavalo, ele monta: impulsionando o corpo com a força da perna boa no estribo.

Anos antes, a sua perna direita sofrera um acidente. Numa ação contra revoltosos, uma bala perdida perfurara-lhe o joelho. Desfeita em pó, a rótula. Coxeia desde então. E sempre que caminha, naquele andar inclinado, lamenta-se não ter conseguido prever o que o mundo lhe ia fazer.

O seu posto dista apenas dois quarteirões da imponente Torre Governamental. Diariamente, às 14.15 em ponto, junto das cavaliças, depois da continência de dedos na testa, os calcanhares das suas botas estalam desencontrados e os cascos do seu cavalo substituem os do cavalo do militar que o antecedeu no calcorrear da geometria urbana.

Numa quietude de chumbo vemo-lo avançar orgulhoso pelo perímetro das ruas e avenidas numeradas. Da organização ímpar daquela arquitetura pensada. Sentindo o poder que o animal lhe dá. Rédeas na mão e a estrela do Governo cravada no braço do impermeável.

A neve derrete apressada perante a iminente mudança de estação. O cobertor de nuvens, a que erradamente se chama céu, perde espessura: a cor da guerra. A lua foragida, cão de guarda da noite, ameaça soltar o latido para que o rebanho de estrelas se volte a reunir nas constelações certas e a brincadeira dos interruptores comece. Pois, ali, durante o inverno, parece haver uma avaria nos fusíveis cósmicos.

Mais tarde, já iluminado pela claridade fingida dos candeeiros que se demarcam de vinte em vinte metros do chão, o Militar Coxo, a cavalo, chega junto do Muro.

Ao sentir o freio, o cavalo estaca. A luz da cozinha está acesa. É prática, quando faz a ronda, a rapariga de óculos vir espreitá-lo à janela. Mas ele hoje atrasara-se.

O timbre agudo da sirene da Fábrica, a anunciar a mudança de turno, confirma-o.

Ele desmonta junto das sebes e dá três pancadas no lombo do animal. O cavalo puxa as orelhas para trás e resfolega. O Militar Coxo olha novamente para a janela na esperança de uma cabeça com óculos. Nada. Abre o botão do bolso do impermeável e retira o bilhete. Desdobra, relê. Não tem erros ortográficos. O cavalo revira a cabeça, relincha.

Sim, tens razão, vou fazê-lo.

Diz o Militar Coxo.

Abre o portão da casa. Sobe de viés os quatro degraus até ao telheiro. Como se num dos ombros carregasse mais ossos. A *perna adivinha* morde, dá sinal. Vem aí coisa. Aproxima-se cautelosamente da janela para espreitar. Dentro da cozinha, o Gato, a dois tempos, salta do chão para a bancada. E da bancada para o parapeito da janela. O Militar Coxo, num gesto instintivo, dá um pequeno pulo: a mão na arma. O bilhete cai. Cola o dedo ao gatilho. Faz mira à aparição. Depois, ri-se. O Gato dá pequenas marradas com rons-rons no vidro embaciado. O Militar Coxo apanha o bilhete e cola a mão no vidro fingindo o afago.

Vais ser o meu correio, murmura.

O Gato de olhos exaltados mia, entendido. E numa pirueta acrobata desaparece-lhe da vista. O Militar Coxo levanta os calcanhares da lama e espia a cozinha: na bancada avista um tabuleiro com queques enformados. Verifica as portadas da janela. Força uma delas. Introduce o papel na fresta. Volta-se. Desce os quatro degraus. Fecha o portão. Alça a *perna adivinha* e senta-se na sela. Toca com as rédeas.

Talvez a rapariga das lentes grossas o veja, diz ao cavalo.

Espero por ti nas cavalariças

Ela leu:

Esta noite. Espero por ti nas cavalariças.

Dali chegavam-lhe os acordes da sala. A lição continuava, com o Filho amarrado ao piano a exercer no teclado o talento dos dedos ágeis.

A Ruiva leu e releu uma dezena de vezes o bilhete. Passou a ferro aquelas palavras. Frente, avesso, costuras. Vítima de um pensamento primata, sente o incêndio subir-lhe ao rosto. Por momentos, não há distinção entre a coloração do cabelo e a pele afogueada. Recrimina o pensamento. E o rosto volta à palidez natural.

Esta noite. Espero por ti nas cavalariças.

Sim, era isto. O papel estava molhado, algumas letras esborratadas, a caligrafia torta. Mas era isto. A Ruiva olhou através das vidraças. Sob a luz desmaiada observou na lama as marcas frescas do andar coxo.

O carimbo da bota esquerda estava mais enterrado, mais fundo.

As botas denunciavam os homens que as calçam.

O Gato miava, teimoso, aos pés da Ruiva, na espera da recompensa. Tinha sido um bom correio. A Ruiva amarrotou o papel. Guardou-o no bolso. Pegou num queque de gengibre. Deu-lhe uma dentada. Esfarelou migalhas. O Gato apressou-se a lamber as migalhas com higiene competente. A sua língua áspera era uma esfregona apressada. A Ruiva mordiscou. Voltou com a mão ao bolso. A sua cabeça era um turbilhão de pensamentos contraditórios a chocar entre si. Releu.

Esta noite. Espero por ti nas cavalariças.

A Ruiva sabia: o Militar Coxo faz ronda na Zona Azul. Já se cruzara com ele algumas vezes. Dessas vezes, sentira no corpo o peso dos olhos que apreciam. O olhar comilão de quem não tem pensamentos limpos. A pujança com que certas mulheres bonitas são olhadas. E gostou de ser olhada assim. Uma mulher necessita ser olhada com força. Mas, sempre desconfiou que, a existir uma tensão, seria entre o Militar Coxo e a Criada. Uma vez, apanhara-os, desprevenidos, a beber chá na mesa da cozinha, com

a desculpa: o Militar gentilmente trouxera alguma lenha que entretanto se acabara.

Nesse dia, a Ruiva engolira a mentira, sabendo que se mentia. Sim, havia coisa no ar, e este aroma entusiasmante a gengibre poderia ser um indício. Mas e se, e se... o atrevimento fosse dirigido a si?

É tudo um negócio de olfactos

A Ruiva considerava o Militar Coxo, apesar do defeito na perna, um homem bonito, robusto. Havia nele considerável força física, coragem. E, montado no cavalo alto, o defeito não se via. O cavalo dava-lhe um poder extra. A maior parte do tempo, não era o seu andar desequilibrado, mas sim o trote do cavalo elegante, que o fazia avançar no perímetro das ruas. E, armado, enfrentava todos do alto. Admirando cocurutos.

O que a incomodara, dessa vez, na cozinha, quando os ombros dos dois rasaram, fora o seu cheiro particular. O olfacto susceptível da Ruiva detectara uma película invisível que o rodeava e se agarrara ao uniforme, ou à pele, como uma doença insidiosa. O cheiro do Militar Coxo era tão ou mais forte que o do seu cavalo. Talvez se devesse a isso mesmo: à constante proximidade com o animal; o facto de a pele mata-borrão absorver tudo o que a rodeia. Mas, para um nariz sensível e educado a essências finas, poderia ser considerado quase uma agressão. Uma invasão. Da propriedade privada que era o corpo da Ruiva. Ninguém, quer por desleixo quer por obscenidade, tem o direito de desordenar o olfacto, nem de avassalar o espaço que o corpo do outro ocupa. Pensava a Ruiva.

Como se isso não bastasse, diziam as más-línguas-fêmeas que o Militar Coxo era detentor, para além de força e temperamento, de um pénis enorme, pénis de cavalo, cor de barro, que por falta de pudor ou isenção de preconceitos, bastantes vezes, entre paredes, à luz de candeeiros, fazia brilhar ao olhar.

O Gato miou. O segundo andamento terminara.

Com a cabeça agitada, tornozelos trémulos, a Ruiva deu quatro dentadas no queque de gengibre. E engoliu o resultado das dentadas sem mastigar as religiosas trinta vezes.

Esfarelou para o chão as últimas migalhas.

Um sonho do Diretor em noite de inverno

A noite é espessa como gordura. Densa como as árvores da Floresta. Não se distingue o céu dos ramos, o escuro das folhagens. Nenhuma estrela ou lua.

O urso está à distância de três passos. Deitado de lado, respira ruidosamente.

O Diretor, de mãos nos bolsos, fita-o. A poucos metros da possível morte. Não vacila.

O urso sai do torpor em que se amarrara, ao mesmo tempo que levanta uma das pálpebras e estende os músculos num espasmo de preguiça.

O Diretor aproxima-se.

Sente pela primeira vez o odor quente do indomesticável; do que está para lá do humano; do que devora sem piedade.

O Diretor tem frio. Aninha-se junto da barriga peluda. Encosta a cabeça ao peito do animal. Ouve a fortaleza do coração carnívoro. Experimenta a segurança e o conforto das crias verdadeiras.

Um olho sensual olha-o sem comiseração.

Ele percebe que o urso se prepara para partir.

Não vás. Ainda não. Tenho uma coisa para ti.

E retira do bolso um lenço. Dentro do lenço, que desdobra com todo o cuidado, estão quatro dedos decepados. Azuis. Em bom estado de conservação. Estende-lhe a mão.

Tens fome? Podes comê-los. Encontrei-os no chão da Floresta. Não sei de quem são. Sabes que tenho um filho pianista? Ainda está a aprender. Tem lições. Mas estes não lhe servem. São grossos de mais. Não sei de quem são. Para sermos um bom pianista temos de tê-los finos e longos. Estes não lhe servem.

O urso aproxima-se com a baba a pingar das queixadas. E abocanha os dedos azuis sem o ferir. Lambe-lhe a palma da mão, vira quadris e parte. Embrenhando-se no toucinho da treva.

O desejo de esconder a aberração: preparativos

Dispostas sobre cada uma das pernas, as luvas.

Representam a parede fina que separa as mãos do mundo. As mãos do Diretor, num instante mau da vida, tinham perdido peso, ossos.

O Diretor veste as mãos: as luvas ainda são o refúgio possível contra agressões exteriores. Mas, também, o desejo de esconder. O Diretor não se atreve a sair deixando à mercê dos olhos alheios as suas mãos incompletas.

Sentado no sofá de veludo grená, o Diretor olha o mostrador. Pelos cálculos, em três horas estará de volta sem que ninguém dê pela falta. Não haverá lugar a erros. A segunda metade do mapa, que o Mensageiro lhe entregou após o acordo firmado entre os dois, indica o local exato onde se encontra *o Tesouro* e o traçado do caminho a percorrer.

O coração do Diretor não esconde a excitação perante a possibilidade da recuperação. Como medida profiláctica, e não querendo cometer erros por causa de um coração selvagem, coloca dois comprimidos cor-de-rosa a derreter debaixo da língua. Assim, está mais seguro.

Retira a lanterna da mochila. Tenta abrir o pequeno orifício situado na base do cilindro metálico. Não consegue. Deita a lanterna na secretária. Despe a mão esquerda. Agarra a lanterna com a mão enluvada e com a ajuda da unha do anelar abre a pequena tampa de onde escorregam as pilhas já usadas. Introduce pilhas novas no cilindro como introduziria balas na câmara de um revólver pronto a disparar. Se ele pudesse: prestes a disparar. Mas as próteses de madeira aplicadas nas luvas são um mero artifício. Sem o polegar, ele atestaria o tambor, mas não o poderia pôr a rodar. Ouvir o clique.

Quem sabe, em breve...?

Verificado o material, corre o fecho. Põe a mochila às costas. Apaga a luz do candeeiro. Permanece de pé, imóvel, atento a qualquer ruído até os olhos se aclimatarem ao escuro.

O silêncio é inatacável. A casa dorme. Abre a porta.

Quando o Diretor julga estar do lado de dentro, embora esteja do lado de fora

O Diretor conta 60 segundos. Dá nove passos e interrompe junto da porta do quarto da Ruiva. Encosta o ouvido à madeira. Nada. Já deve estar a sonhar, no negro sossego.

Como sempre acontece quando passa defronte da porta do quarto da Ruiva, uma parte de si diz:

Bate.

Bate e fá-la levantar-se.

Fá-la abrir a porta.

A seguir entra.

Abraça e ama.

Pede perdão.

Desmonta o coração.

Mas depois, a voz afasta-se, tal como o Diretor, em passadas largas.

Quando se trata de pessoas, uns e outros estão sempre do lado de fora. Mesmo que julguem que já entraram. Que fazer se o coração se esconde atrás das costelas e ninguém consegue vê-lo? As expectativas, o imaginar, as palavras alegres e as juras são coisas bonitas, mas pouco fiáveis. Todavia, uma porta fechada não é defesa intransponível. Com um encontrão, um pontapé, a madeira cederá, a fechadura. Mas, mesmo com o pontapé, o encontrão, a madeira fendida, será que ultrapassámos a porta? Sim. E será que chegámos a entrar? Não. Estamos sempre do lado de fora. O facto é este: a Ruiva não se encontra do outro lado da porta, a sonhar, como julga o Diretor. A Ruiva aproveitara a noite para, tal como o Diretor, recuperar algo que entretanto perdera. A Ruiva não está do lado de dentro como pensa o Diretor do lado de fora. É assim.

Mas não estaremos nós sempre demasiado ocupados na tentativa inútil de encontrar a explicação quando tudo nos foge? Quando estamos sempre do lado de fora? E o que nos resta fazer se não encolher os ombros e prosseguir de mãos vazias de certezas?

Adiante.

O Diretor desce em meias os dezassete degraus. No chão da cozinha, as botas. Puxa uma cadeira. Senta-se. Abre a porta do frigorífico, para que a luz fraca o ajude na operação. Iça o par de botas com a força das pinças: os pomos dos dedos médios a pressionarem as unhas dos indicadores. Depois, o som abafado de um salto.

O Gato boceja ao fitar o Diretor. Espreguiça-se. Esgueira-se por entre as pernas e ronrona o motor das carícias. Num movimento compassado de pêndulo, os olhos do Gato ora dirigem a atenção para o frigorífico, donde lhe chega um cocktail de cheiros, ora observa com rara compreensão a ginástica exemplar daqueles dedos castanhos. O Diretor põe-se de pé. E antes ainda de fechar a porta do frigorífico, pressentindo o início do miar pedinte, que no silêncio instalado teria o efeito de despertador, o Diretor pega num pacote de leite e deita uma porção para um pires.

Quando as botas excitadas do Diretor se lançaram aos pedais da bicicleta, lá fora, o Gato, com as patas dianteiras, esfregou o bigode. E com a língua rugosa lambeu as patas traseiras, a barriga, o sexo.

Tesouro privado

Quadragésimo sexto dia após a detenção do Mensageiro.

Guiado pelo feixe de luz da lanterna, o Diretor traz a respiração cúmplice do regresso. A ansiedade e a excitação do resgate tinham terminado. Mais uma vez o Mensageiro acertara. As audições de Deus, ou os sonhos premonitórios, ou os presságios, ou lá o que era, tinham conduzido o Diretor a um reencontro contente.

Já os carrega às costas, dentro da caixa dentro da mochila. E, em breve, dentro da arca frigorífica. São quatro. Azuis e intactos. Tinha-os encontrado. Eram seus, agora. Quatro.

Encontrado não é roubado, e o dono é quem chega primeiro. Lobos e ursos não os tinham farejado.

Ainda assim, a recuperação daquele *Tesouro* tivera alguns percalços. A dificuldade não fora localizá-lo na geografia horizontal, mas sim encontrá-lo na vertical, em profundidade. Demorara uma dúzia de minutos, em posição de genuflexão, a esgravatar neve. Como se isto não bastasse, ouvira ao longe a ária dos lobos e sentira-se lebre. Mas a proximidade do perigo contém uma virtude: põe-nos mais alerta e vivos que no instante anterior à ameaça. Os uivos deram um novo fôlego ao Diretor: catapultaram a pressa.

Percorre a orla do lago gelado. Uma fronteira de abetos e pinheiros circunda o trilho, rodeando o espelho de gelo. Um alinhamento militar de tíbias e perónios gigantes, sem fracturas, faz guarnição à trincheira. O vento afiado de leste investe como um touro sem indulto. O ar frio faz troça: magoa alvéolos sem pedir licença e sai pela boca numa nuvem espessa: puro ilusionismo biológico.

O Diretor perscruta com dificuldade a paisagem que se estende para sul. Doem-lhe os olhos. O capuz do anoraque está lasso. A dor aguda na parte inferior do abdómen avisa-o: tens de pelo menos tentar. Mas o Diretor não pode parar. Tem ainda quinze minutos de marcha. Até chegar à bicicleta.

O filho bastardo de um pensamento transversal

As pernas gigantes são largadas.

As botas nº 48 enterram-se. O foco trémulo da lanterna dardeja apenas os trinta centímetros gelados que antecedem o passo seguinte da bota sumida. E o Diretor já não sente os dedos enluvados da mão que segura a lanterna. Neste caso as próteses vencem aos pontos os dedos de sangue. Não há frio que entre naqueles ossos.

Troca a mão que lhe serve de farol. E ao fazer a substituição, sem motivo aparente – talvez a alegria imprevista do achado? –, e vinda sabe-se lá de que beco do inconsciente, uma imagem surge-lhe. Um instante de passado puro. Uma fotografia perversa tirada quinze anos antes. Precisamente no momento posterior a uma-bem-dada. O Diretor tinha entreaberto a porta da casa de banho. Nua, a Ruiva, sentada na sanita: o orgasmo estampado no sorriso juvenil, a vagina entupida de sémen fresco, mãos unidas entre joelhos apertados, unhas pintadas a apontar azulejos, calcanhares para fora, dedos dos pés embrulhados para dentro. Depois, o som desprezioso do jorro a sibilar contra a cerâmica. O ouro líquido a tingir o branco. O fumo ténue do choque térmico.

O espreitar vermelho, a púbis aparada no vinco das virilhas. E o dobrar do papel higiénico em três. O tronco inclinado guiado por seios redondos. O movimento êmbolo do antebraço, com a mão em concha atrás das nádegas.

Isto, quinze anos antes. No tempo em que as portas entre o Diretor e a Ruiva não se fechavam. No tempo em que o Filho era apenas uma metáfora pré-fabricada do espermatozoide que viria a ganhar a corrida. Isto, no tempo das mãos belas, inteiras. No tempo dos afectos nutritivos e das palavras abundantes. No tempo em que a firmeza da pele da Ruiva mandava a gravidade ir às urtigas. No tempo em que a Ruiva convidava os olhos do Diretor a entrar nos lugares mais íntimos. No tempo em que os músculos do pénis do Diretor inchavam ao mínimo assobio. No tempo em que urinar era fazer um rio. No tempo em que tudo isto – mijar, foder, comer, olhar, conversar –, tudo, mas tudo, era prazer. Sem amanhã, nem ontem. Era isto.

O Diretor desconhecia o beco onde se escondera esta recordação sem-abrigo. Recordar não é fácil. O passado é corrupto e a memória põe-nos mais junto da tristeza. Talvez numa outra ocasião lhe tivesse servido de estímulo benfazejo. Não agora. Após a recuperação do *Tesouro*. Mais estranho era o caso de este retrato sépia não descrever *uma-bem-dada*. Por mais esforços que fizesse, o Diretor não recordava a posição bruta. Nem os movimentos de atrito. Nem o terreno onde as línguas combateram. Nem as palavras trocadas: preparatórias ou subsequentes. Não tinha sequer na boca a lembrança do timbre da saliva de um beijo que desencadeara tudo o resto. Mas sim, e apenas, os pós-liminares. O pós-coito. A posição perversa na sanita. O rosto sardento iluminado por um sorriso distinto. O perfume, ao mesmo tempo doce e acre, da urina que escorrera de dentro dela para a rede de esgotos.

Talvez a culpa desta memória súbita fosse a dor oriunda dos seus dedos enregelados ou então a persistente vontade de urinar que o sacudia. O Diretor lera algures que no inverno é frequente afluírem à cabeça *os Filhos Bastardos dos Pensamentos Transversais*. No escuro, costumam dar à luz os efeitos colaterais de desejos açaimados. Pois, no inverno, pensa-se mais o lado de dentro. O frio obriga a uma tensão permanente. A fuga do sol acende apenas uma vela cá dentro. E todos os poros se contraem para não deixar escapar essa luz, ainda que fraca.

A verdade é que após a recuperação do *Tesouro*, o Diretor daria tudo, mas tudo, para celebrar mijando como deve ser. Sentir a força do jacto quente de urina recém-filtrada. Ainda lhe ocorreu tirar as luvas e tentar. Mas, com aquele frio era melhor não.

Tinha ainda cinco minutos de marcha pela frente.

Código morse: e se houver um Deus atrás disto?

Quatro pingos.

Um jactinho.

Mais três pingos.

Outro jactinho.

Dois pingos, a custo.

E ainda outro jactinho.

Que alívio! A coisa prometia.

O Diretor olhou orgulhoso para a sanita, disse:

Ao menos, já mijo em código morse.

Tapou o ralo da banheira. Abriu as duas torneiras no máximo da pressão. Usou os pés como termómetro e corrigiu a temperatura. Os dedos dos pés tamborilaram enquanto a água os submergia. Levantou o braço esquerdo. Cheirou.

A Ruiva dissera-lhe um dia:

O cheiro que um homem deita é importante.

Não há dúvida: esta noite, a Ruiva é o coágulo alojado no cérebro do Diretor a baloiçar a ameaça do derrame. O Diretor sacode a cabeça desejando que rebente.

O que é que interessa o cheiro?

Por que é que a Ruiva insiste em incomodá-lo?

Há pouco a fotografia perversa, agora a retórica biológica?

E tinha de ser precisamente esta noite?

Desmobiliza as mãos com a ajuda dos dentes. Fecha as torneiras, encolhe os joelhos, afunda o corpo. O pénis frouxo, a balouçar como um limo nas pequenas ondas da imersão. Deixa-se ficar dez minutos naquele conforto aquoso. A relaxar como manteiga em banho-maria.

Sai da banheira a gotejar. Abre a terceira porta do armário. Por entre frascos de comprimidos, tubos de pomadas, encontra o maço. Prende o isqueiro entre o indicador, o médio e o anelar da mão esquerda. Num gesto

exímio, faz girar a roldana metálica com o dedo médio da mão direita. A pedra solta a chispa. A boca assanha-se de fumo.

Volta à banheira de cigarro preso num sorriso. Fumar para comemorar uma noite proveitosa. Como há muito o Diretor não degustava. Afunda-se e fita as mãos. E não lhes chama: *Garras* ou *Tenazes*. É a primeira vez, desde a *perda*, que não sente tristeza ou vergonha; a melancolia da falta. Agora já os tem. Quatro. Não ali, no lugar desocupado. Mas dentro da caixa dentro da arca frigorífica.

Quem sabe, em breve...

O Mensageiro mais uma vez acertara. E o Diretor começava lentamente a ceder à evidência dos seus poderes.

Que raio de homem, aquele!

E se realmente houver um Deus atrás disto?!

E se os sonhos forem estradas de acesso rápido ao que aí vem?!

Depois de levantar esta hipótese, assaltou-o novamente a pergunta que fez desaparecer a sensação de bem-estar e encravar a sua maçã de adão.

Será que a Ruiva já deixou?

Um sonho da Ruiva aquando da mudança da estação

Tudo começa nas larvas. E termina nas larvas. Num jardim semeado por larvas.

Disse-lhe a grande fêmea, deitada sobre o tufo de erva seca.

Dezoito patas peludas e pretas. Metro e meio de comprido. Noventa quilos de peso.

A grande fêmea retoma:

Para chegar onde cheguei comi milhares que tal como eu aspiravam ao mais alto cargo. Devorei as minhas irmãs. A minha família inteira, e outras que não me eram nada. Não me arrependo.

A Ruiva olha ao redor.

Num raio de cinco, talvez seis quilómetros, todo o campo é amarelo.

E quanto mais ela olha, mais amarelo e longínquo. Poderiam ser girassóis. Trigo, ou cevada, mas não. São cigarras. Biliões de cigarras machos a cantarem para alcançar o sol. O canto másculo é devastador, tórrido. Um ruído maquinal, ensurdecedor, que se dilata a cada vez que a voz da rainha se faz ouvir.

A Ruiva transpira, fitando a rainha, que prossegue:

É no invisível, e não no visível, que a vida corrompe e dança. Por isso temos de cantar. Estes machos que aqui vêm hibernaram durante anos. Agora acordaram e cantam para mim. A guerra aproxima-se e é necessário fecundar. Todos eles me cobrirão, e eu gerarei de todos eles. Depois de me cobrirem, eu os comerei. Nascerão daí mais larvas, e outras larvas que se devorarão antes da próxima batalha. E eu aqui estarei, expectante, para gerar vida e dela me alimentar. Sou a mãe grande. O princípio e o fim estão fechados no meu ventre.

Concluído o discurso, a Ruiva afasta-se da rainha.

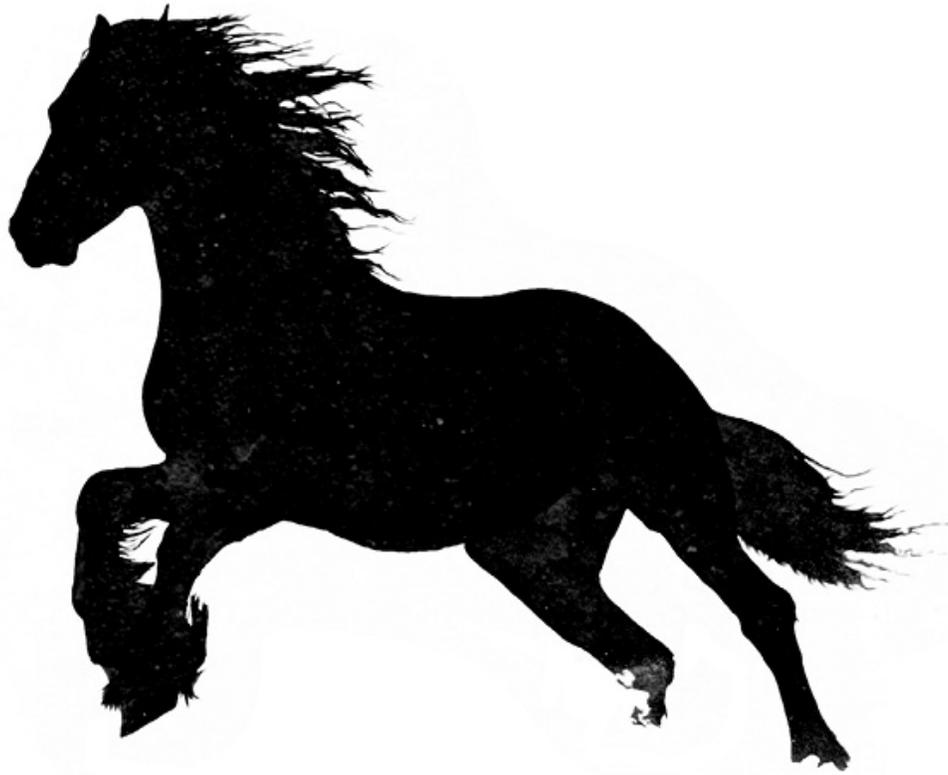
E, ao afastar-se, pisa. As plantas dos pés despídos mastigam matéria. Crepitam carapaças. Gritos de insectos.

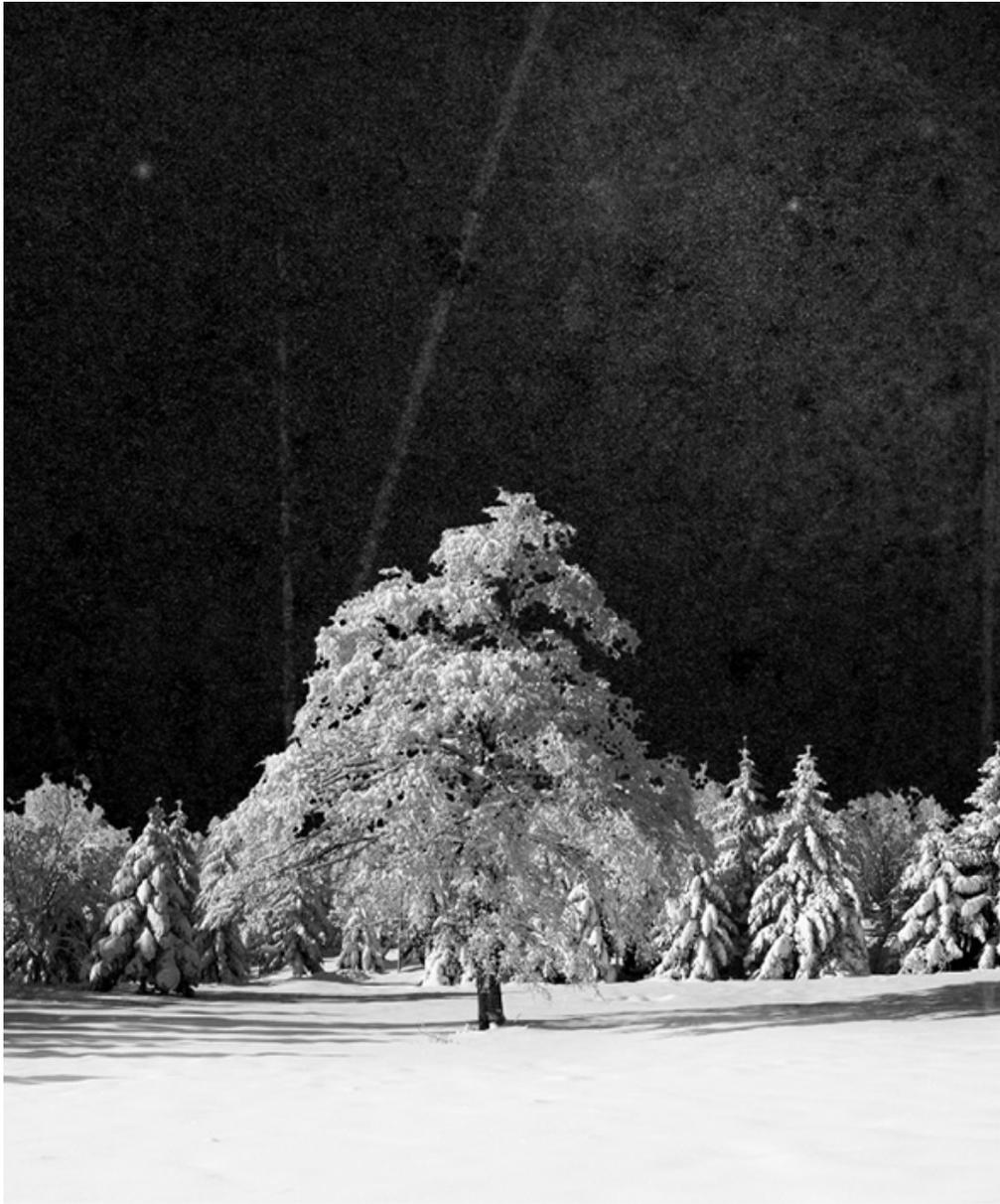
Os machos perfilam-se para cobrir a rainha.

O canto aumenta de volume.

Não há espaço livre no espaço.
Tudo é amarelo e todo o amarelo canta.

Concerto de verão





GYMNOPIÉDIE VIII

A música II: breve sùmula dos mais importantes ditados do Ministro Calvo

Todos sabem porque já experimentaram. E é preciso que se compreenda isto: a música, com facilidade, maravilha; e arromba o cacifo do coração; ou envenena o cão de guarda da razão; para nos roubar aquilo que é privado e pôr-nos uma poça de alma nos olhos. E pior: a música, quando executada com maus intentos e fígados, provoca emoções impertinentes, embacia o pensar. Leva-nos a acreditar em algo que não está aqui, perante os olhos. Assim sendo, o rádio que toca, nas casas, dia e noite, torna-se uma torneira aberta contaminada de milagres, feita de água perigosa para a saúde pública. E este Governo tem necessariamente de purificar essa corrente, ou cortar a água, de vez.

É urgente ser corajoso.

Este Governo vai legislar a música.

A mão a deslizar no ombro: é o nosso bebê

Amanhecia. Dois militares fumavam e jogavam às cartas na casinha envidraçada da fronteira. O casal chegou vindo da praça da Zona Amarela. A mãe a empurrar o carrinho de bebê e o pai com o braço apoiado no ombro dela. Sobre o Muro, uma raspa de sol espreitava, certa de que a sua rota se iria cumprir. O vento mudara de direção e pairava no ar um cheiro a incineração e a massa folhada.

A mãe trazia um olhar úmido. Apreensão e cansaço acumulados no rosto. De minuto a minuto debruçava-se e metia a cabeça dentro do carrinho de bebê. O pai aguardava pela vinda dos militares com o olhar perdido no arame farpado. A mão pousada no ombro da mulher.

O militar careca, sem boina, jogou o ás de trunfo, matou o cigarro no cinzeiro e arrecadou as empadas dispostas em cima da mesa. Sorrindo, disse ao outro:

Perdeste. É a tua vez.

O militar de Olhos Azuis saiu da casinha envidraçada, de cigarro na boca, a correia da arma a tiracolo. O fumo do cigarro, empurrado pela brisa, a sujar-lhe os olhos. Tirou-o dos lábios e deixou-o cair no asfalto. Pisou-o com a bota. Acocorou-se. Guardou a beata no bolso. Aproximou-se da barreira de proteção. Olhou para a mãe que abanava o carrinho de bebê.

Isto é que é madrugar.

Bom dia, senhor guarda.

Então digam lá.

É o nosso bebê...

Disse a mãe, apressada.

O pai apertou-lhe o ombro. Era a ele que competia.

Sim. É o nosso bebê, senhor guarda. Teve febre toda a noite. O xarope não está a fazer efeito. E na farmácia da nossa Zona não há outro medicamento.

O passe?

Sim... A questão é... Quer dizer... Queríamos pedir-lhe um favor... Sabe... É o nosso bebê... Tem febre muito alta... E na Zona Azul existem outros medicamentos. Quer dizer... É só o tempo de lá ir e voltar.

O passe.

Repetiu o militar de Olhos Azuis, sorrindo para a mãe. E afastou para trás do ombro as fitas coloridas que caíam da boina como se fossem longos cabelos.

O bebê ameaçou um início de choro.

A mãe, pronta, debruçou-se. O militar físgou-lhe o volume do peito. As lágrimas começaram o trabalho.

É o meu bebê, senhor guarda. Ele está...

O pai apertou-lhe firmemente o ombro. A mãe calou-se. O militar acariciou a arma.

Já percebi. E lamento. Mas vocês conhecem as regras. Sem passe com o respectivo carimbo, nada feito. Apenas cumpro ordens, compreendem? Entreguei o meu coração ao Governo.

Mas é só o tempo de lá ir e voltar. Se quiser, ou melhor, se o permitir, vou só eu. Quer dizer, vou a correr e volto num instante. Enquanto a minha mulher fica aqui a cuidar do bebê. Senhor guarda, nós não vivemos na Zona Castanha. Quer dizer, vivemos na Zona Amarela.

Silêncio.

O militar suspirou. Olhou para o outro lado. Fitou a casca de sol que a pouco e pouco superava o muro para exhibir a polpa. Afagou a arma. E disse, olhando para a mãe:

Esperem aqui. Vou falar com o meu superior.

O pai apertou o ombro da mãe, não conteve o sorriso.

A mãe encostou a cabeça no ombro do pai.

Observaram o militar a entrar na casinha envidraçada.

Sorriram um para o outro.

O pai disse:

Vai tudo correr bem, vais ver.

O militar de Olhos Azuis regressou com um novo cigarro aceso preso nos lábios.

Então é assim: Estive a falar com o meu superior e vamos abrir uma exceção. É de um bebê que se trata. Mas quero que percebam que estamos a pôr o couro em risco. A vida é longa para alguns. Embora para os estúpidos

costume ser curta. Percebem isto? Então é assim: O senhor vai, leva o bebê e volta. E enquanto faz o que tem a fazer, a senhora – e apontou com o cano da arma na direção das mamas volumosas da mãe – espera pelo seu regresso, ali, dentro da nossa casinha.

A mão do pai escorregou do ombro da mãe. O olhar dele desceu.

A mãe agarrou-lhe a mão antes que esta se partisse como um vaso contra o chão. E apertou-a, com a mesma convicção com que o marido lhe tinha apertado anteriormente o ombro. A mãe sabia que não se pode lutar contra a força das coisas quando assim vêm ao nosso encontro. E há escolhas que têm de ser feitas.

Disse:

Sim. É o nosso bebê. Tu vais, compras e vens. Trazes o medicamento. E vai tudo correr bem.

O militar de Olhos Azuis de rio profundo levantou a cancela.

O sol avança e todos querem ser I

O sol cospe luz, temperatura. A neve derrete.

As nuvens impeditivas dirigem-se agora em excursão para lá das montanhas voltadas a norte.

Arrastam o escuro, o silêncio.

A agitação tem início.

Com a chegada do verão, na Cidade, escancaram-se as janelas para arejar divisões. Desviam-se as cortinas. Sacode-se o pó dos cobertores e colchas. Desenterram-se das gavetas as roupas leves a tresandar a tempo guardado. Viram-se os colchões. Almofadas penduradas ao sol.

Os homens mal acordam, começam a transpirar, abundantemente. As mulheres, por sua vez, delicadamente. As axilas ganham visco, cheiro. As virilhas resvalam. Começa a sede. E as tonturas.

Então, os homens apertam as fivelas dos cintos, as mulheres deixam cair as saias.

Depois de o fazerem, saem.

Nas ruas, o sol golpeia-lhes as peles macilentas, couros cabeludos. O sol caramelo obriga-os aos chapéus, ou a usar a mão sobre o sobrolho para ver. Recorda-os de tudo o que se esqueceram durante o inverno. Os homens e as mulheres, e as crianças que já brincam nas ruas com bolas e pedras, olham para cima. Não só para a Torre. Não só para as duas chaminés da Fábrica. Têm finalmente um céu. Uma espécie de liberdade azul. E de noite, estrelas e constelações. Sem interferência de nuvens para lá do horizonte de betão.

Na Cidade, homens e mulheres e crianças são já um grande número.

E ainda não estão satisfeitos: querem continuar a ser.

A metamorfose: a barba e a mosca

Como certas transformações internas têm vocação a manifestar-se também no exterior, naquela manhã, ao deparar-se com o espelho, o Diretor decidiu fazer a barba. Ou melhor, pediu à Criada que a fizesse por ele. Após tantos anos de rosto tapado, após tantos anos de rosto camuflado, o Diretor já quase não se conhecia.

Depois de a Criada ter limpo os restos de espuma com a toalha, perguntou-se: Aquele ali? Sou eu? Constatou: Sim, sou eu, com menos peso na alma.

Desde a recuperação do *Tesouro* sentia-se mais confiante e solto. Até os jactinhos tinham regressado. Bem hajam, os jactinhos! E as dificuldades que a vida astuta e experimentada lhe tinha colocado à frente das botas já não lhe pareciam impedimentos assim tão intransponíveis. E o Diretor até estava bem servido de pernas. Se tanto, estes impedimentos eram caixas de papelão; algumas muito pesadas, outras vazias de conteúdo, que ao mínimo pontapé se punham a cavalgar nos ombros do vento.

E o importante era isto: dar pontapés nas caixas corretas; sem medo do que elas poderiam esconder; sem medo de partir um pé.

No entanto, neste novo e fresco sentir do Diretor havia ainda uma *mosca* por resolver. Quando olhamos satisfeitos para uma paisagem, qualquer que ela seja, há sempre uma *mosca* que a um dado momento nos vem interromper a delícia. E esta *mosca ruiva* e teimosa cirandava por ali. A atazanar-lhe o juízo. Como se a cabeça do Diretor fosse um imperdível torrão de açúcar, ou (para a mosca dá no mesmo; não é esquisita nas escolhas que faz) uma apetecível e fresca bosta de vaca.

Não tendo à mão um insecticida habilitado à morte deste insecto de qualidade resistente, o Diretor decidiu que em breve voltaria à cela do sábio Mensageiro. Para que este o elucidasse sobre o procedimento a seguir.

A Torre e a Ruiva

O verde da erva levanta o peso da terra para logo se tornar amarelo sob o peso do sol.

O sol apodera-se da Floresta, da Cidade.

Faz sombras.

A sombra pesada da Torre Governamental cai sobre os telhados, fronteiras, fachadas, pavimentos. Cai sobre o Muro. Cai sobre o cabelo cor de lava da mulher do Diretor que atravessa de saltos altos a alameda da Zona Azul.

Cloc-cloc-cloc.

A trote fino na calçada.

A competir com os cavalos.

Há roseiras falsas a crescer como heras no cimo do Muro. Roseiras desgrenhadas de arame farpado, que picam e fazem sangue a quem lhes quer chegar a mão. São emaranhados de caules estéreis e espinhos, pois não dão rosas. Os espinhos cinzentos dão apenas sangue.

A Torre Governamental é a mais alta construção da Cidade. A sua sombra gira sobre cada metro como um dedo gigante e protetor. É o dedo humano, levantado, que aponta. Anunciando a todos onde se encontra a força.

A Ruiva abranda o matraquear dos saltos finos. Trava o trote debaixo da sombra da Torre. Sente-se como se estivesse sob uma macieira: bicos de pés, calcanhares levantados, a desejar as maçãs mais rosadas penduradas num ramo alto.

Como todos os que se prezam humanos, a Ruiva quer ser aquilo que não é, e ter aquilo que não tem. E esses quererem variam consoante os dias e as luas. Hoje, por exemplo, a Ruiva olha para a Torre como para um homem elegante, charmoso. Mas havia outros dias, poucos, é certo, em que chispas lhe saltavam dos olhos só de ouvir as palavras *Governo* ou *Ministro* ou *Empadas*.

Mas hoje, a Ruiva quer fazer suas as paredes da Torre:

Dentro daquelas paredes o pó não entra e a temperatura é amena todo o ano.

É nisto que a Ruiva acredita e é com isto que sonha: acordar uma manhã sem observar pó deitado na mesa de cabeceira, espreguiçar-se de uma janela de onde possa avistar o longe.

A Ruiva ergue o pescoço de cisne, perfumado, e prende a atenção numa das janelas do sexto andar. Com a esperança íntima de que um dos membros do Governo a observe do outro lado do vidro. Ela nunca saberá se da janela, naquele momento, alguém a vigia. Esta dúvida fá-la sorrir, morder um dedo, ajeitar a saia.

A Ruiva traz boca e unhas pintadas de cereja. Lóbulos furados por brincos de fantasia. Entretém-se a enrolar com um dedo habilidoso, falaciosamente distraído, um dos caracóis da farta cabeleira contente. As barrigas das pernas mostram-se depiladas abaixo da orla da saia.

Num vaivém constante de pensamentos e desejos, ao olhar para a janela do sexto andar da Torre, a Ruiva é abalroada pela imagem do Diretor, do outro lado do vidro, a acenar-lhe de luvas de camurça. E o seu olhar bicolor ganha um ardor de fêmea maligna.

A Ruiva traz um fardo pesado de raiva acumulada desde há muito. E, de quando em vez, lá aparece, um resíduo, à superfície. A raiva da Ruiva, como outras coisas que ela empurra para baixo, parece adormecida. Mas isto é um engano. Acontece à raiva da Ruiva o que acontece ao lixo tóxico que escondemos sob o cobertor da terra para que durma; tendo nós a inútil esperança de que o tempo e a profundidade farão um dia o trabalho por nós.

Ele recusou o convite do Ministro Calvo para fazer parte do Governo.

Diz, a Ruiva.

E não se importa com a educação do Filho. É um fraco homem, e triste. Um cobarde que não assume o confronto. E se não tem dedos suficientes para governar, para combater, então, não os tem também para me umedecer. Se ele não usasse aquelas malditas luvas, estas paredes poderiam ser os ouvidos que me ouvem.

A Ruiva sabe que só através do Filho pode almejar subir à Torre. O Filho tem dedos capazes. Será através dos dedos do Filho que a Ruiva andará finalmente de elevador. Aquando do concerto de verão, irá ao salão nobre do candeeiro de lustre.

A Ruiva quer a maçã

Todas as manhãs o Ministro Calvo vem espreitar à janela. Mas nunca se deixa ver, como os Deuses. Vidros fumados cobrem parte da fachada da Torre. Não permitindo a transparência: o vislumbre do rosto ou os movimentos feitos por quem mastiga. As janelas escuras da Torre ceifam a curiosidade exterior. Permitindo apenas ao olhar interior uma contínua vigilância, e, quem sabe, punição.

O Ministro Calvo afaga a pele da maçã enquanto observa a Ruiva que, no meio da praça, na submissão da sombra, olha para cima. O friccionar persistente da maçã desenruga o linho das calças na extensão do fêmur.

O Ministro Calvo dá a maçã à boca. A maçã dura geme e espirra. Os dentes do Ministro Calvo mastigam a polpa enquanto os seus olhos fitam a Ruiva com violência.

Diz:

A Ruiva quer a maçã e não sabe como tê-la. Não consegue subir a esta árvore.

Contente, o Ministro Calvo come o caroço da maçã.

Arrota de nobreza e esfrega as mãos pegajosas.

Lá em baixo, a Ruiva abandona a sombra da Torre.

E apressada toma o caminho de casa.

Sente uma comichão irreprimível num local onde não devia.

Sumo de amoras de mulher

A Secretária de olhos castanhos sublinhados pelo lápis preto entra no gabinete do Ministro Calvo com uma taça de amoras silvestres servida em bandeja de prata.

O Ministro Calvo dá-lhe ordem para se sentar no sofá de pele.

Irá dar-se início ao ritual das amoras.

O Ministro Calvo vibra com a chegada do verão por causa das amoras. A Secretária já sabe o que fazer: senta-se no sofá, compõe a saia e, com delicadeza demorada, própria do erotismo, abre a boca e depõe cinco amoras à vez no tapete úmido da língua. Cinco vezes o roxo contra o vermelho poroso.

Durante o tempo do transporte, da taça para a língua, o Ministro Calvo ajoelhado na alcatifa, de mãos respeitadoras assentes nos joelhos da Secretária, observa com atenção de dentista a boca escancarada. Gosta de avistar os dentes do fundo: os molares cariados e pretos. A boca da Secretária não é totalmente saudável o que empresta ao cerimonial mais adrenalina.

Depois de moer as amoras, como a mãe-pássara, a Secretária leva o sumo até à boca expectante do Ministro-cria. O Ministro Calvo recebe com júbilo e excitação infantil aquele sumo de amoras de mulher. Fecha os olhos e bochecha o néctar, antes de o engolir; envolve todo o sangue na atenção ao palato; na mistura única feita de amoras silvestres e cuspo fêmea. Néctar, para mais, servido diretamente da fonte, sem intermediários ou qualquer processo de pasteurização.

Ao Ministro-provador, o que mais lhe agrada nesta degustação não é apenas a acidez característica deste sumo mas sim o predicado de o sabor diferir, senão de dia para dia, pelo menos de semana para semana. E isto não se deve apenas à qualidade das amoras mas mais à composição química da saliva da Secretária.

O experimentado Ministro Calvo consegue já distinguir naquele néctar os tons graves ou agudos da menstruação ou da ovulação.

Após a toma do sumo, o Ministro Calvo decide fazer uma lei.

A visita recomendável

O Diretor para de pedalar.

Desmonta da bicicleta atrás do gradeamento de um edifício específico da Zona Castanha.

O Diretor sobe, atleta, de quatro em quatro, os degraus até ao terceiro andar. Toca uma vez à campainha do apartamento 407.

A Prostituta Anã abre-lhe a porta com a boca esborratada. Os olhos enrimelados. O Diretor limpa as botas nº 48 ao tapete, inclina a cabeça para passar na ombreira, entra.

A Ruiva não abre as pernas ao Diretor há dois anos e meses.

Apesar do elo do matrimónio, tem esse poder: abrir e fechar as pernas. E, não conhecendo ele nem fórmula nem coragem para contornar a ruptura que se registava no terreno do desejo, e não podendo usar as próprias mãos – por falta de falanges – para cumprir o alívio, o Diretor visitava o apartamento 407.

A Prostituta Anã não desdenhava a visita nem o pagamento generoso em empadas. Mas, mal fechava a porta, dirigia ao Diretor palavras indelicadas, reclamando da hora imprópria.

Ela justificava:

Para descansar, deu Deus a manhã às putas.

A Prostituta Anã aproveitava o temperamento frouxo do Diretor ou a fingida paciência para se vingar verbalmente de tudo, e mais o resto. Via no Diretor o saco de batatas onde podia bater e bater e infernizar sem que houvesse dali retorno ou resposta. Apenas inércia de batata.

Na sua boca, as palavras *Cabrão do gigante* ou *Filho de uma puta alta* misturavam-se com o coalho matinal da saliva trabalhada pela noite.

O Diretor recebia aqueles odoríferos e matinais insultos, içando e encolhendo os ombros, e seguia-a pelo corredor. Não lhes dava importância. Eram latidos, apenas latidos, ela não ia morder. A prostituta é a menos perigosa das mulheres.

Além disso, o Diretor reconhecia na Prostituta Anã, coragem, frontalidade e inteligência. Ela fazia o que sabia, e sabia o que fazia. Sem inveja, medo, pudor. Sem perguntas. Mentia-lhe com o corpo e não usava palavras. Coisa que só revelava dignidade. A carne necessita trocar fluidos, não verbos. Assim, entre eles, o jogo era limpo, com as regras estabelecidas; e não havendo afectos, não existiam segredos; e assim estava bem.

Para mais, justamente, estes encontros proporcionavam ao Diretor instantes de enorme comicidade. Um dos raros momentos em que o seu lábio fendido se desamarrava para mostrar um sorriso dentário.

Ele era muito grande. Ela muito pequena. O alto da cabeça da prostituta chegava-lhe algures ao fecho da braguilha. Em assuntos de prazer e fornicção a envergadura e peso pouco importam, é certo, mas não deixava de ser irónica aquela desigualdade longitudinal. O gigante, impossibilitado de praticar o prazer, requisitava-o a uma Prostituta Anã. E a Prostituta Anã cumpria, invertendo papéis: em assuntos de gozo, na verdade, a Prostituta Anã era gigante.

Hoje, o Diretor trouxera-lhe, para além da dúzia de empadas, um peixe laranja a nadar num saco de plástico transparente.

A Prostituta Anã, segurando o saco de plástico, mostrava-se intrigada com a oferta. Nunca tivera um animal de estimação. Para bichos já lhe chegava os que lhe chegavam. Mas um peixe, aquele peixe lento, de espinha torta, tinha qualquer coisa de inculpabilidade. O seu olhar apático deixava transparecer uma indiferença inocente.

Sim, resolveu a prostituta, agradecendo a oferta: adoptá-lo-ia como confidente silencioso; como ser que não julga.

Colchão insolente

Ouvindo as repetidas e consecutivas queixas da Prostituta Anã, o Diretor alertara-a:

Não troques de cama. Esta cama é boa. É uma cama que fala. Vai ajudar-te no negócio.

Assim que o Diretor se deitava, as molas chiavam: guinchos de animal aflito. As molas protestavam do uso contínuo a que eram forçadas. A cama da Prostituta Anã não fora feita apenas para o descanso. Fora feita para trabalhar; para gemer; para ajudar a ganhar dinheiro com gemidos. Apenas com o peso anão, o colchão não reclamava. Mas com o peso de homens em cima do peso anão, acrescentado ao peso da força dos movimentos pélvicos, aí sim, as molas guinchavam tal como a Prostituta Anã; guinchos de molas metálicas e cordas vocais; um concerto de guinchos verdadeiros e guinchos fingidos, para que os homens se sentissem felizes, cumpridores, e pudessem regressar a casa satisfeitos, de mãos nos bolsos, a assobiar para o ar, descontraídos e leves, preparados para regressar outro dia; para pagar mais; para ouvir mais guinchos. O que eles desejavam era ouvir os gritos e gemidos; sim, conseguimos pôr uma mulher a guinchar como um animal, regozijavam-se; por isso voltavam, sempre, ao colchão que falava, à prostituta que gemia; pois, em casa, para além de a fornicção rarear, era silenciosa.

O Diretor desfrutava: finalmente, uma cama, reconhecia. Ainda que esta não lhe servisse a envergadura.

O Diretor acamava-se a todo o comprimento do estrado. Dobrava os joelhos na borda do colchão. Assentava o par de botas no chão. A Prostituta Anã, resolvida, montava os joelhos de bombazina do Diretor. Abria-lhe o fecho da braguilha. Curvava o tronco como os cavalos para comerem forragem.

Assim que a sua boca começava a agir, com lentidão e ternura, o Diretor abandonava o voo feérico dos cisnes no papel de parede lilás e fechava as

pestanas para pensar na Ruiva: a boca fina e fria que beijara antes do pequeno-almoço.

O Diretor pagava à Prostituta para se deitar numa cama e fechar os olhos; e ser amado por aquela que não lhe abria as pernas fazia dois anos e meses.

Os verdugos dialogam III: fiz uma coisa, tenho um segredo

O verdugo Colarinho Cervical cismava, ao olhar para o aquário, sentado na cadeira cadavérica.

Mas que raio é que ele tem feito aos peixes?! Já só tem um! E já teve seis. Eu lembro-me. Seis. Tenho a certeza. E agora um. Deve sentir-se sozinho, coitado.

Umedeceu um queque na caneca do café, levou à boca, mastigou.

A porta abre-se.

O verdugo Olho de Vidro entra. Permanece junto da porta.

Tira um cigarro do maço. Não o acende.

O Colarinho Cervical, adivinhando o colega, diz, sem se voltar:

Então? Já viste o sol? Até que enfim! Já chegou, o cabrão! Tenho sempre medo que o gajo não venha. É tanto o inverno. Mas depois, ao dia certo, aí está ele a pôr-se em pontas. Parece uma arma. Nunca falha.

O Olho de Vidro contorna a secretária e senta-se na cadeira de veludo roxo. O cigarro inteiro entre os dedos.

Então? Não dizes nada?

Pois é.

Com o sol, um gajo fica logo outro. Mais alegrete.

Pois... E o gigante?

Ainda não chegou. Queres café?

Já tomei.

E um queque? Olha que são fresquinhos.

Chocolate?

Querias... Nem sei bem do que são. Sei que são doces. Tenho ali...

Deixa... Ouve... Preciso de falar contigo antes que o gigante apareça.

Sim.

Mas come lá primeiro.

Então?

Acaba lá de mastigar isso. Não consigo falar contigo a ruminares dessa maneira.

O que é que tem?

Mastiga como deve ser.

O Colarinho Cervical ainda demorou no trabalho de maxilares, até que abriu a boca vazia, pôs a língua de fora:

Já está.

Ouve. Quero contar-te uma coisa.

Diz.

Uma coisa importante.

Sim.

Eu fiz uma coisa.

Fizeste?

Sim.

E não a devias ter feito?

Não.

É um segredo?

Sim. Estás a ouvir? Isto é importante! Não olhes para o aquário. Olha para mim.

Estou a olhar. Deixa-me só arredar a cadeira. Por causa do pescoço. Diz lá, então.

É um segredo.

E daí? Fizeste uma coisa. É segredo. É isso?

Sim.

Eu também, foda-se! Nem pareces tu a falar. Que coisa. Uns mais, outros menos. Mas chegado ao fundo, vai-se a ver, a merda é toda a mesma.

Sim. Mas o que eu fiz é uma merda mesmo grande.

E o segredo é muito grande. A culpa, a merda e o segredo ocupam muito espaço, estás a perceber?

Como?

É uma merda, isto tudo.

Sim, isso já percebi.

O que fiz, fiz só eu. Mas o segredo não é só meu.

Então é de quem?

É meu e de muita gente.

Então, mas isso não é um segredo. Se é de muita gente!

Tu não estás a perceber. Eu sabia que não ias perceber.

Então explica-te!

Perdi a vontade.

Por que é que ainda não acendeste o cigarro?

O Olho de Vidro atira o cigarro e o isqueiro por cima da secretária. O Colarinho Cervical, mãos de manteiga, não agarra nem um nem outro. Inclina-se para os apanhar...

Deixa lá a merda do cigarro. Ouve-me lá! Isto é importante!

Sim, porra, estou a ouvir... Olha que o gajo está mesmo impraticável!

O Olho de Vidro olha para a porta, e desce uma oitava.

Então é assim: É uma rede.

Uma rede.

Uma rede... do género... Era preciso muito tempo para te....

Uma rede de quê?

As pessoas nem sempre dizem exatamente o que pensam.

Sim. Mas uma rede como?

Tu não ias perceber.

O que é que tu queres dizer afinal? Desembucha, porra! É que a contares as coisas dessa forma está-se mesmo a ver que vou perceber! Estás a pôr-me nervoso! Somos companheiros vai fazer dezasseis anos. És um irmão para mim.

Eu sei. Tu também.

Ótimo.

O Olho de Vidro respira para ganhar fôlego, o coração pesa-lhe.

O que estou a tentar dizer-te é que as pessoas passam a maior parte do tempo a dizer e a fazer o contrário daquilo que pensam. Não acredites em nada do que elas dizem. Mesmo a sangrar.

O quê?

Tu tens de fugir.

Fugir?

Sim.

Tu estás bem?

Estou.

Tu não estás bem, porra!

Estou bem! Já te disse que estou bem! Foda-se!

O Olho de Vidro dá um murro na secretária para acabar com as dúvidas.

Está bem. Tu lá sabes.

Os verdugos dialogam IV: tens sapatos pretos?

O verdugo Colarinho Cervical, de olhos vidrados no aquário, segue o nadar presunçoso do peixe solitário. E, sem perceber muito bem como, uma associação mental surge-lhe, límpida. E uma grande paz toma conta dele. Tem uma espécie de epifania. Um momento de espantosa lucidez. Naquele instante o Colarinho Cervical percebe tudo sobre todas as coisas. Tudo o que lhe tinha escapado até ali é-lhe agora desvendado: Afinal, Deus não vê tudo. Deus não vê nada. Nunca tinha vindo. Nunca tinha estado. Nem tinha partido. E o seu colega estava preso numa rede. E o peixe preso no aquário. E ele próprio estava preso no colarinho cervical. E se Deus viesse entretanto, já vinha atrasado. Pois, ele próprio, aquele peixe e o seu colega eram a mesmíssima coisa. Como outrora, todos culpados.

Compreendeu que um é a continuação do outro. E o outro a continuação do outro. E quando um é outro, o outro é um. Em democracia, em teologia: todos culpados.

Contente com a sua lucidez, debruça-se com cuidado, de costas muito direitas. Apanha o cigarro, o isqueiro. Acende. O fumo a fugir das narinas. De repente, dispara:

Sei o que fizeste.

Sabes?

Falaste com o verruguento? Falaste com o cabrão, não foi?

Porra...

E ele deu-te a volta como deu ao gigante. Vê lá tu que até uma visita aquele gajo conseguiu.

Não falei nada com o Mensageiro. Quer dizer... Falei com *Ele*.

Ele, quem?

O que é que interessam os nomes. Eu não posso...

O verdugo Olho de Vidro é vítima de um ataque do pulmão. Dobra-se na cadeira. Cai de joelhos no soalho. Leva a mão ao peito. A convulsão parece não terminar. O punho fechado a vedar a boca. A rolhar a tosse. Puxa de um

lenço. Cospe para o tecido. Arqueja. Verifica. Tal como ele esperava: vermelho.

O Colarinho Cervical ajuda o companheiro a pôr-se de pé. A sentar-se na cadeira de veludo roxo.

Estás bonito, estás...

Queres ver?

Sangue!

Pois.

Então mas tu não tinhas ido ao médico?!

Trago aqui os resultados.

E então?

Tens sapatos pretos?

Ãaa? O que é que queres dizer?

Tens um par de sapatos pretos?

Tenho uns castanhos, já velhotes. Preto, preto, só as botas. Mas por que os sapatos?

Compra uns pretos. E um fato também.

Por quê?

Porque vais precisar deles em breve. Vais ter que fazer uma visita ao Banco.

O quê? Não!

Sim.

Então... mas o que...

Então, ó meu merdunço!: tenho um tumor. Está espalhado por todo o lado.

O Colarinho Cervical incrédulo, abriu e fechou a boca três vezes, antes de soltar:

Foda-se!

Sim, bem podes dizê-lo. Tenho um mês.

Um mês!

Olha para isto.

O Olho de Vidro mostra novamente o lenço ensanguentado.

Está a comer-me depressa.

Um mês? Então, mas...

Ouve: Tu sabes que és um irmão para mim.

Eu sei. Tu também.

Por isso, quero pedir-te...

Pede. Tudo o que quiseres. Pede.

O medo é tão grande que não consigo chorar.

Disse o Olho de Vidro, e pousou a mão no peito a tomar fôlego.

O Colarinho Cervical empalideceu. Não falou. Não se mexeu.

O Olho de Vidro, sentindo a pausa grave, retomou:

Não... Tu, tu estás aqui. Sempre estiveste. És mais que um irmão. Eu não me sentiria tão bem ao lado de um irmão de sangue. As coisas que vivemos e fizemos juntos.

Eu sei.

E outra coisa...

Estou a ouvir.

Não me faças perguntas. Aceita só. Pode parecer estranho.

Diz lá.

Tenho aqui um envelope.

Sim.

Sabes aquele militar que guarda a fronteira da Zona Amarela?

Que militar?

Aquele militar da Zona Amarela.

Que militar?

Aquele.

Que militar?

Tu sabes, porra!

Da Zona Amarela?

Sim.

Que militar? Eles são tantos.

O da Zona Amarela. Aquele militar que tem mania. O dos Olhos Azuis.

Ah, porra... sim... o dos Olhos Azuis! Já podias ter dito. Sei. O que é que tem?

Entrega-lhe este envelope.

O Olho de Vidro leva a mão ao bolso interior do casaco. E passa para a mão do outro um envelope fechado.

Não tem remetente.

Não.

Digo que vai da parte de quem? Da tua?

Não, da minha, não. Espera. Deixa-me só respirar um pouco.

O Olho de Vidro respira ruidosamente. Engole saliva.

Entrego-lhe o envelope e faço o quê?

Nada.

E o que é que digo?

Não dizes nada.

Não digo nada?

Não.

O que é que é que tem dentro do envelope?

Não sei.

Então mas que raio! Por que é que não o entregas tu?

Porra! Faz-me este favor. É a merda de um envelope! És mais do que um irmão para mim! Só tenho um mês!

A visita encomendada I: baixar as expectativas do bem

Porque estamos sempre voltados de costas, Deus raramente avisa o que nos vai fazer a seguir. E o melhor, o mais sensato, nessa ocasião, a primeira coisa a fazer quando sentirmos no ombro um toque delicado, é pensar no mal. Pensar na pior das possibilidades. Ou, pelo menos, baixar as expectativas do bem. Para, quando nos voltarmos, não sermos apanhados desprevenidos – a seguir à delicadeza vem sempre o murro bem aplicado. Caso contrário, Deus empurra-nos de forma bruta para um canto e espanca-nos com a força do eterno. Põe-nos a chorar, ofendidos, e a gemer:

Depois de tudo o que eu rezei, não é justo!

Que fiz eu para não merecer estar entre os eleitos?

O Operário sabia isto. Tinha a lição bem estudada e aceitou sem relutância a fatalidade. Não havia alternativa. Se se recusasse, poderia pôr tudo em causa. Além disso, ele não tinha medo da morte. A fé alimenta-se da morte. E ele conhecia-lhe bem o cheiro, as vísceras, a anatomia. Acreditava no bilhete de ida para o paraíso. Ida apenas, sem volta. Mas assim que chegou ao escritório principal da Fábrica, e um dos três militares que o observava lhe disse que teria de se apresentar no Presídio dentro de uma hora, apesar do caule da fé estar bem regado, ficou com o grito do medo encurralado na garganta. Acontecera alguma coisa. Ele bem engoliu em seco, mas o medo não cedeu. Ficou ali, atrás da glote, à espera da fresta oportuna. Acontecera alguma coisa, claro. Mas o quê? O Operário levantou algumas possibilidades. Não, não poderia ter sido o Mensageiro. Deus não teria permitido. *Ele* era o seu piloto na terra, e era mais forte que todos. Ainda questionou inocentemente o militar com mais peso nas divisas sobre a razão, como se a resposta viesse. Na vez da resposta veio a ordem: Apresente-se despido de bata, dentro de dez minutos, junto aos portões da ala sul da Fábrica para seguir viagem.

O Operário assim fez. E enquanto caminhava, dando passos sôfregos rumo ao vestiário, não evitou os incômodos ataques infligidos pela dúvida.

Teria sido o Homem Pequeno a dar com a língua? Nunca confiara nele. Ou a Prostituta Anã? Não... E se tivesse sido a sua irmã? Abriu a porta do vestiário. O coração dela era fraco. E um coração fraco é um coração mal-amado. Facilmente manipulável num momento de fragilidade. Junto ao cacifo, começou a despir a bata ensanguentada. Teria o gigante descoberto, num instante de distração, os mapas e os rascunhos do plano? O Operário sentiu uma forte tontura, ao vislumbrar esta hipótese. Como estávamos a meio de um turno, os balneários encontravam-se desertos. Para se recompor, encostou-se à porta do cacifo. Avançou cambaleante em direção aos lavatórios. Colocou as mãos no bordo da cerâmica, enfrentou o espelho, baixou o pescoço, abriu a torneira, largou as mãos sob a corrente, encheu a concha, elevou a água, olhou-se nos olhos, analisou a pele martirizada de acne que a água fazia brilhar, avistou uma borbulha madura, subiu os indicadores à testa, e apertando firmemente um contra o outro, a espinha de sebo projetou-se como um tiro, no espelho.

Fechou a torneira. Limpou o rosto à toalha. Chupou o indicador e calcou o poro ensanguentado. A tontura tinha passado. Agora sim. Já estava calmo.

A visita encomendada II: a ovelha muda perante os seus toquiadores

O Operário entrou na sala de visitas logo a seguir ao verdugo Colarinho Cervical. O Mensageiro estava sentado a uma mesa baixa. As mãos entrelaçadas, livres de algemas, pousadas no tampo.

Ao vê-lo inteiro e vivo, o Operário sentiu um alívio enorme. Uma sensação de mentol no peito. O coração mais leve, fresco. Os olhos espantados a brilharem. E prometeu a si mesmo que acontecesse o que acontecesse não iria chorar.

O Colarinho Cervical apontou para a cadeira vazia. Tentou fuzilar o Mensageiro com o olhar:

Não sei como é que conseguiste isto, ó verrugento. Mas coisa boa não foi. Conheço alguma coisa dos homens para saber que não és boa rês. Se fosse eu a mandar, bem podias... Já tinhas ido para um sítio que eu cá sei... Enfim... Têm quinze minutos.

O Operário sentou-se na cadeira vaga. O Colarinho Cervical olhou uma última vez para os dois homens e saiu. Se pudesse, tinha abanado a cabeça. Em vez, bateu com a porta. A forma encontrada para dizer: não concordo.

Mal se ouviu o estrondo o Operário olhou para trás. Olhou para o Mensageiro. E levantou-se, para o abraçar. As lágrimas corriam, pequenas, soltas, rápidas, alegres. Sentiu-lhe o cheiro. Beijou-lhe a cabeça rapada, as fronte. Deu-lhe os lábios a provar. O Mensageiro, com delicadeza, afastou-o.

Tem paciência. Não temos tempo.

Podemos falar?

Podemos.

É seguro?

Sim.

Tens a certeza?

Confia em mim.

Como é que conseguiste?

Algum dia duvidaste?

Não, claro que não.

Então sabes: *Ele* está comigo. Nunca me abandona.

Eu sei. Nunca duvidei.

Eu sei que não.

Os dois homens ficaram imóveis durante alguns segundos.

O Mensageiro estalou os dedos.

O Operário fitou as verrugas e deu-lhe as mãos.

Estás mais magro. Se soubesse que era isto tinha roubado umas empadas.

Não te preocupes. Estou bem. E tu?

Tenho rezado. Por ti. Por nós.

Estás com bom aspecto. A tua pele.

Ando a pôr uma pomada nova. Parece estar a fazer efeito.

O Mensageiro assentiu.

E as coisas na Fábrica?

Estão... quer dizer... Aqueles animais... *Ele* não devia permitir...

O Mensageiro puxou-o para si.

Não te esqueças: *Ele foi oprimido, mas não abriu a boca; como um cordeiro, foi levado ao matadouro e, como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca.* Já estamos perto. Não vale a pena.

Quando?

Em breve. Quando o corvo gralhar.

A visita encomendada III: o meu corvo quer gralhar

O meu corvo quer gralhar.

Cortou de imediato, o Operário, em resposta.

Pela primeira vez o Mensageiro sorriu. Elevou a mão ao nariz corcunda, apertou as narinas, fungou. O Operário, após ter dito a frase bem-disposta, sentiu no ventre o rastejar da lagarta. Para logo de seguida, sem transição, a lagarta esvoaçar como borboleta. Assim, de supetão, e numa sucessão de gestos convencidos: levantou-se, arredou a cadeira, voltou-se de costas, baixou as calças e as cuecas e espetou-lhe as nádegas: duas luas magras onde numa delas um corvo tatuado abria o bico.

Vês? Ele quer gralhar. Para ti.

Gostava muito de o ouvir. Mas não temos tempo. Tem paciência.

O Operário sentiu vergonha de não ter controlado o ímpeto. Os olhos atestados de culpa. Porventura estava a ser egoísta e desobediente. A querer muito, quando aquele pouco deveria chegar. Quando ainda há minutos, aquele pouco, seria tudo. Mas quando se trata de um coração faminto, uma só migalha não sacia.

Tentou recompor-se o melhor que pode. Recuperar a dignidade.

Sentou-se e cruzou os braços.

O que é que fizeste aos dentes?

O Mensageiro largou um sorriso tolerante. Estalou os dedos.

Cáries. Tive dores horríveis. Tiveram de mos arrancar e puseram-me estes, novos.

Mas esses não nasceram de ti! Foram eles, não foram? Estes cabrões de merda!

O Operário abana a cabeça. Lágrimas grandes, lentas, densas, infelizes. Chiuuu...

Soprou o Mensageiro, caridoso.

Guarda-as para aquele dia. Falta pouco. Tenho tudo controlado. Vai tudo correr bem, vais ver.

Estás a sempre a dizer isso...

É porque é verdade.

Sim, mas nunca chega...

Garanto-te: quando menos esperares, acontece.

Não tenho feito outra coisa senão esperar, esperar, esperar... *Ele* não devia permitir...

Tens de ser paciente. Confia em mim.

O Mensageiro elevou o rosto para o tecto e olhou a cal como se olhasse o mais longínquo céu.

É difícil adivinhar os pensamentos *Dele*. São muito altos.

Eu sei, eu sei. Tens razão. Desculpa. Estou a ser egoísta.

Somos todos. Vá lá, põe outra cara. Já falta pouco. Já faltou tudo, lembrás-te?

Lembro-me.

Então vá: Distribuístes o maná?

Sim. Estamos prontos. Apenas precisamos do teu corvo.

E a tua irmã, contou-te mais alguma coisa?

Do gigante?

E da Ruiva.

Ontem chegou a carta. Tem-me escrito todas as semanas. Nesta, ela conta que foi dar com o gigante na cave, inclinado sobre o cesto da roupa suja a pescar cuecas.

Da tua irmã?

Da minha irmã e da Ruiva.

Para as examinar e cheirar, claro.

Como é que sabes?

O Mensageiro olhou-o, complacente.

O Operário solta uma risada.

Desculpa, foi uma pergunta idiota.

E o tesouro?

A caixa?

Sim.

Ele já a tem.

Ótimo. Vai tudo correr bem, vais ver.

Eu sei. Eu acredito. Nunca duvidei.

Ouve.

O Mensageiro agarra-lhe as mãos.

O quê?

Para. Ouve só.

O Operário semicerrou os olhos e deu ouvidos ao silêncio.

Corridos os instantes necessários ao escutar.

O que é?

Não ouves?

Não.

Música.

O sol avança e todos querem ser II

Com a chegada do verão, na Floresta, os insectos despertam do sono branco para bater asas e experimentar voos. Nos charcos recém-formados preparam as armas. Afinam as peças dos segmentos. Libertam-se da terra úmida, cantos de abdómenes. E, das epidermes distintas, feromonas com vista às cerimónias da procriação.

Na Floresta, os insectos são um número maior que homens e estrelas juntos.

Mas não estão satisfeitos: querem ser mais.



GYMNOPIÉDIE IX

A fórmula: breve sùmula dos mais importantes ditados do Ministro Calvo

A fórmula de aproximação na natureza entre x e y , fêmea e macho, salvo exceções óbvias, que as há, é esta: vocês sabem isto:

x espera um movimento de quem escolhe: entre y^l e y^{354} .

Quando está preparada para receber esse movimento, fornece o sinal ao escolhido: $x^2 = x + \dots$

Depois do sinal dado, é ver o esmero, a diligência, a rapidez daquele que é escolhido (por vezes, por proximidade); um exemplo:

$$x^2 = x + y^{l2}$$

E este y^{l2} é o sortudo. Ou o azarado. Vocês devem saber isto.

Num quarto onde a cama não erra

O calor ergue pó.

Em duas notas distintas, a língua dos grilos e das cigarras rompe o ar. Os grilos e as cigarras falam da neve que as aprisionara. E do Sol que as libertara entretanto. O falar dos grilos e cigarras ultrapassa o Muro. Corre em todas as ruas. Entra em todas casas. Mesmo nas que têm as janelas fechadas.

Numa paralela à rua nº 22 as pernas elegantes do cavalo param.

O Militar Coxo escorrega da sela. Amarra as rédeas à vedação gradeada. Ouve o restolhar descompassado das botas no saibro.

O cavalo relincha nas costas.

O Militar Coxo, ao afastar-se, diz-lhe:

Sim, no verão, ao contrário do inverno, não são as pegadas mas o som do pisar que trai um homem.

Após subir os cinquenta e sete degraus, de respiração ofegante e bagas de suor agrupadas em cachos na testa, o Militar Coxo toca duas vezes à campainha do apartamento 407. Olha para os dois lados do corredor vazio. Tapetes abandonados à frente das portas numeradas dão as boas-vindas ao pó quente e lento que baixa.

Em bicos de pés, no cimo de um degrau de madeira, a Prostituta Anã espreita pelo olho da porta. Está maldisposta. O seu humor matinal é azedo como um sumo de limão tomado em jejum. Está exausta. Trabalhara toda a noite no Clube e merecia descanso. Na boca, a saliva da noite ainda lhe sabe a sémen. É certo que não tem por que protestar: o seu trabalho é aquele. Mas ela estava esgotada, lassa, dorida. A precisar de um reparador sono de beleza e energia. Todavia, apesar do cansaço armazenado na carne, a Prostituta Anã sabia que ao fazer este Militar Coxo, o seu trabalho tinha um outro sentido e alcance. Um espírito de missão. Ela ouviu internamente o sussurro das palavras sagradas ditas pelo Mensageiro.

Sereis o meu exército de corações intactos e mãos inocentes.

Fazei dos vossos inimigos uma estrada para os vossos pés.

Amontoem os seus cadáveres e esmaguem as cabeças ímpias.

Deem aos soberbos o castigo que merecem.

E estas palavras fizeram-na libertar a correia da fechadura de segurança, descer o degrau de madeira, afastá-lo com um pé, e abrir o trinco com unhas compridas pintadas de verde.

O Militar Coxo sorri. Retira a boina. Enxuga o suor. Entra no apartamento 407 com a perna boa. O Militar Coxo acredita: entrar numa casa com a perna boa dá sorte.

A Prostituta Anã, de robe amarrotado, cabelos desarrumados, maquilhagem destruída, olha para cima e vê-lhe a nuca escanhada. A correia de cabedal da arma a tiracolo. O Militar Coxo sorri novamente. Já farejou o odor calejado da Prostituta Anã: perfume que destapa a sedução e esconde a sudação.

Ao chegarem ao quarto, as cortinas de veludo castanho velam a luz exterior. Este choque de percepção somado às essências estagnadas das sobras da fornicção provocam uma tontura no Militar Coxo, que logo se senta na cama.

A cama geme.

Num quarto uma cama não erra. Numa cama uma prostituta não erra. Sentado na cama de uma prostituta, um homem simplesmente soma, e é somado. Deixa de ser militar, médico, ministro, operário; perde qualquer estatuto ou poder. Na cama de uma prostituta, um homem nada mais é: um *um* acrescentado a outros *uns* de uma contabilidade diária.

Num quarto com cisnes e um peixe

Apesar de armado, o Militar Coxo sente-se fraco. Uma leve fadiga invade-o. A mulher é o combate mais perigoso. Pede uma bebida. O álcool sempre resgata a coragem.

A Prostituta Anã abre o robe e sai na direção da cozinha. O Militar Coxo acompanha os movimentos do tecido leve a delinear os volumes grossos e desproporcionados. Aquela carne compacta à qual os ossos não permitiram que esticasse.

Atira a boina para cima do aparador. A boina cai perto de um pequeno espelho derrubando algumas peças da já de si confusa artilharia de cosmética.

O Militar Coxo coça o crânio rapado e visa o papel de parede. Num fundo violeta, em bando, cisnes brancos levantam pescoços e voo rumo ao tecto de estuque. Agarra na arma. Fecha um olho. Na mira, um cisne. Depois outro. Finge disparar, o som a sair da boca. Repara então no aquário redondo postado no aparador, onde um peixe lento, de espinha torta, pavoneia uma barbatana murcha.

Aponta o peixe.

A Prostituta Anã regressa com um copo na mão.

Ele baixa a arma. E bebe, sem retirar os olhos do aquário.

A língua varre o bigode. Pergunta:

Um peixe?

Um presente.

Estranho.

Tem a espinha torta.

Não é isso. Parece que o conheço.

O peixe? Parece-se consigo: só que coxeia na água.

Não é isso. Já o vi antes. Não me lembro onde.

Ah sim?

Tenho a certeza. Não me lembro onde.

O Militar Coxo faz um esforço: puxa pelos elásticos da memória.

Que parvoíce, os peixes são todos iguais.

Diz a Prostituta Anã para fechar o assunto.

Despe o robe. Abre o espectáculo das sedas, ligas, rendas. Carne quanto baste.

Um par de pequenos e bicudos seios ilumina o rosto do Militar Coxo.

Perante a visão, o Militar Coxo deixa de cismar no peixe, pouso o copo, mergulha.

Ela agarra na careca úmida, acostando a boca do Militar Coxo ao umbigo. Sussurra:

Quase não o reconhecia...

Deixei crescer o bigode... E tu pintaste o cabelo.

É normal. Chegou o verão. Tenho de mudar. Se não farto-me. Os homens não se fartam com facilidade. Mas eu farto-me.

E pintaste também aí em baixo?

Com a unha verde, a prostituta puxa o elástico das cuecas. O Militar Coxo espreita.

Não, rapei.

Muito bem.

O sol traz mudanças.

Numa cama onde a puta é santa: com troca de mercadorias

A Prostituta Anã afasta-se para junto da cómoda dando-lhe a visão das nádegas grossas.

O conhecimento e a experiência adquiridos sobre o lado fraco e frágil dos homens, aliados à erudição do corpo e das leis que regem a vontade; os entalhes e deslizes do prazer diziam-lhe: foge um pouco, o desejo tem de ter tempo para salivar.

Distraidamente, retoca o batom:

Trouxe o que lhe pedi?

Vá lá, continua...

Primeiro responda-me.

Deixa-te de merdas.

O que é que quer desta vez?

Tu sabes...

Não, não sei.

Não te faças de parva.

Não, faço de puta.

Tu não mudas.

Sou santa.

Santa e puta?

Putas e santas. Puta: porque entrego isto que aqui vês, em troca de um preço, a homens como tu; para que nesta vida existam momentos em que o prazer dure mais que a dor. Santa: porque nesses instantes, tu e outros, através de mim, têm um vislumbre do céu. E enquanto estão aqui a foder-me não estão lá fora a derrubar garrafas e a encher de pancada e nódoas negras as mulheres e os filhos.

Tu não mudas. Fazes-me rir. Puta Santa.

Perdão: rir e vir, senhor. É a vossa desvantagem. Aí não podem mentir.

Vá lá, já chega, continua o que paraste...

Trouxe o que lhe pedi?

Dou-tos no fim.

Não, primeiro o pagamento, depois a mercadoria.

Para que é que precisas deles?

Dos comprimidos? Para dormir quatro dias seguidos quando me chegarem as regras.

Regras?

Quando me vem o sangue.

Ãaa? Não, não era isso, referia-me aos passes.

Para que colegas minhas mudem de ares, de cores e pichas. Nesta Zona, quando o vento ajuda, o cheiro da Fábrica torna-se insuportável. E já que não podemos saltar o Muro...

Está bem. Desisto.

Acho bem.

O Militar Coxo, com um sorriso resignado, retira do bolso seis passes com o carimbo que permite o livre acesso a todas as Zonas da Cidade, e uma caixa de comprimidos.

Estão aqui. Como me pediste. Agora... Já podes continuar?

A Prostituta Anã inicia o movimento de aproximação à cama. O desejo já se babara o suficiente.

Merece um chupa-chupa. O que é que quer desta vez?

Há coisas que gostamos de repetir. Tu és boa a repetir.

Então, quer que lhe sirva o prato preferido do Ministro Calvo? Quer que dance?

Vá, chega de gozo... Vê lá se queres levar um balázio...

Pronto, bruto, não é preciso enervar-se. Vamos lá acalmar essa fera. Deixe-me mostrar-lhe de quantas assoalhadas é feito o céu.

Os quilómetros do onírico: uma gaivota na Floresta

Apesar do gordo colchão da sua nova cela, dos duzentos abdominais e das cem flexões de braços, das catorze voltas diárias ao perímetro do pátio do Presídio, o Mensageiro tinha tido uma noite extremamente agitada. Acordara encharcado em suor. Ofegante. De músculos doridos. Extenuado de sonhos. Há sonhos que obrigam a um esforço físico mais intenso do que aquele que é gasto em certas provas de atletismo. De facto, naquela manhã, ao abrir os olhos, o Mensageiro comportava-se como se tivesse corrido, secretamente, e durante toda a noite, um percurso de quarenta e dois quilómetros e mais alguns metros no mundo onírico.

O Diretor entrou de rompante, de rosto limpo. Com um sorriso a esticar a visível cicatriz do seu lábio leporino. E sem convite prévio, sentou-se de imediato, no catre, ao lado do ensimesmado Mensageiro, como um velho companheiro de cela.

Apalpando com a luva direita a espessura do colchão, disse:

Já viu a sua sorte: nem eu tenho uma cama tão boa!

O Mensageiro não lhe respondeu. Nem mostrou surpresa pela visita do Diretor. Como tantas outras coisas, também esta já ele tinha previsto. Mas havia algo no tom usado, até na maneira como o Diretor se movia, que se alterara. O Mensageiro sabia quão importante era esta visita. O quanto nela se devia empenhar. Mas a noite passada tinha nele deixado marcas bem fundas. E foi assim que, de forma preguiçosa, quase apática, com o dedo indicador da mão direita a massajar os seus novos dentes da frente, deixou o Diretor falar, enquanto tentava montar o fio narrativo das imagens dispersas dos sonhos que percorrera.

O Diretor falou ininterruptamente durante quinze minutos. Do monólogo, o Mensageiro espremeu o importante; reteve as palavras: mapa, xis, neve, lobos, caixa, dedos, arca frigorífica. Não houve qualquer novidade. Tudo correria como planeado. Talvez por isso, o Mensageiro aproveitara parte desses quinze minutos para se interrogar acerca de um dos sonhos que tivera. Por que lhe endereçara *Ele* uma gaivota, para se encontrar com ele

bem no meio da Floresta? Não um anjo, não os lobos, não um urso, não o ansiado corvo, não a irritante pomba, não uma baleia, mas uma gaivota. E esta gaivota crocitara do alto de um abeto e lançara-se contra ele. Atacando-o. Que queria isto dizer? Como deveria ele interpretar esta mensagem divina? Este ataque da gaivota em plena Floresta?

O Diretor terminou e bateu com as luvas nos joelhos, levantando-se.

E foi isto que aconteceu.

Disse.

O Mensageiro tirou o dedo da boca e umedeceu uma das verrugas da mão esquerda. Olhou para cima.

Suponho que me queira fazer uma nova pergunta, Diretor.

Sim. Você sabe qual.

Sei.

E então?

A resposta à pergunta que me quer fazer é: Vá ter com o Médico Loiro.

O Médico Loiro?

Sim, o Médico Loiro. Vá ter com ele.

Exame médico I: com pergunta idiota e um coçar do lóbulo

Efetuada o toque rectal, a Enfermeira liberta as mãos cuidadas do Médico Loiro das luvas apertadas de látex. O Diretor tem calças e cuecas sobre os tornozelos. As nádegas cabeludas, escancaradas.

O Médico Loiro, com o dedo examinador alisa agora, com o auxílio de saliva, a sobancelha despenteada. A Enfermeira atira as luvas de látex para o cesto forrado com um saco de plástico verde. Sai para lavar as mãos. A porta fecha-se sem barulho.

O Diretor desce da maca e fita o Médico Louro. Puxa os tecidos do pudor para se tapar. Apesar de saber muito bem o que o trouxera ali, não consegue esconder o embaraço e a humilhação a que fora sujeito. E agora, para mais, tinha de formular a pergunta idiota. Fatídica. A pergunta sacramentalmente pateta. A pergunta humilhante que não merece ser feita: o corpo era seu e andava sempre com ele. E ninguém deveria saber melhor como repará-lo, do que aquele que o carrega. Era injusto! Digno de revolta! Mas após o tempo necessário para puxar o fecho da braguilha com a junção do indicador e o médio enluvados, da garganta do Diretor, lá se soltou, a custo:

É grave?

É preciso fazer mais exames.

Mas é pedra nos rins?

O Diretor senta-se na cadeira de paciente.

Responde o Médico, na de veludo verde.

É próstata. Talvez uma hiperplasia benigna.

Próstata? Tem a certeza?

Não lhe efectuei o toque só para brincar, Diretor.

Não?

Está aumentada, a glândula. Cresceu com a idade.

O Diretor avalia as mãos do Médico.

Não me interessa o que é. Vou voltar a mijar como deve ser?

Não se preocupe. Caso seja benigno, como suspeito, com a medicação indicada, vai voltar a urinar como deve ser.

Muito bem.

O Médico Loiro abre os dedos da mão cuidada e penteia o cabelo para trás. Olha para o Diretor e sente que chegou o momento de jogar o trunfo. A ideia passeava-lhe na cabeça desde que soubera da marcação desta consulta.

Inclina-se e abre uma gaveta.

Já tenho aqui os resultados, Diretor.

Quais resultados? Ainda não fizemos novos exames.

O Médico Loiro exhibe um envelope amarelo com o carimbo do Hospital.

Os resultados dos exames da sua mulher.

Exames a quê?

Rotina: Mamografia. Papanicolau.

Papanicolau? O que é que ela tem?

É confidencial.

O que é que ela tem?

É confidencial.

O Mensageiro estava certo: aquela puta e este cabrão, pensa o Diretor.

Dê-lhe o recado para vir ter comigo com a máxima urgência.

Para a apalpar outra vez?

Não, para a sua mulher abrir o envelope. Para falarmos dos resultados.

É tão fácil ser médico.

Como diz?

É tão fácil... O Senhor Doutor aproveita-se de ter o código de acesso ao corpo.

Qual código?

Você sabe.

Sei?

Não se faça de parvo. Veja o meu caso, o poder que tenho: no entanto, chego aqui, baixo calças e cuecas.

O Médico Loiro ensaia um sorriso sinistro.

O Diretor esquece-se de uma coisa.

Que coisa?

Não é um código.

Então?

Há uma bata entre nós.

O que é que isso quer dizer?

O Diretor não usa uma bata branca. Eu uso a bata branca. Fiz um juramento. Quando visto esta bata não sou um homem vulgar.

Coçou o lóbulo, Senhor Doutor.

E então?

Coçou o lóbulo. Está a mentir.

Que absurdo!

Coçou o lóbulo. É tão fácil apanhar o descuido. A sua mão direita atraiçoou-o. Se o Senhor Doutor fosse mulher, seria mais difícil. Sabe: as mulheres mentem melhor quando precisam. As mulheres sabem sempre mais do que aquilo que demonstram e escondem sempre uma parte importante daquilo que exibem.

Candidíase: uma flor por abrir

A Ruiva sacode os caracóis tristes:

E tinha de ser logo agora que tudo tinha de se precipitar. Quando faltam apenas cinco dias para o grande concerto.

A Ruiva acredita que desde a noite passada nas cavaliariças com o Militar Coxo os seus caracóis tinham perdido alegria, cintilação, corpulência.

O roupão de seda desliza na pele.

Elegante, aterra aos pés da cama.

A toalha está estendida sobre a coberta. A Ruiva alça o joelho. Põe-se de cócoras com o boião de vidro a postos. As molas do colchão refilam da posição pouco ortodoxa à qual não estão habituadas. Rangem sussurros, acompanhando os gemidos de articulações, o roçar de rótulas, até os joelhos da Ruiva encontrarem um equilíbrio estável.

Antes de iniciar a operação, a Ruiva sorve alguns goles de chá. Engole dois comprimidos castanhos. Olha para a fechadura da porta. Sente comichão, ardor. Não pode correr o risco de ser incomodada. Surpreendida naquelas poses.

A Ruiva introduz uma pequena porção de iogurte natural na vagina. Não usa luvas. Desinfectara previamente as mãos. E limara os cantos das unhas para não se magoar. Usa um dedo. Sente o alívio breve provocado pelo contacto do frio com a febre. Espeta dois dedos ao fundo do boião. Transporta um pedaço maior. O ardor é meigo.

O prurido, insuportável. Parece ter ali, na carne de baixo, formigas incansáveis, trabalhadoras. Centenas de patitas pretas, em permanente sapateado.

É preciso, pois, afogá-las. Asfixiá-las em leite fermentado. Os *acidophylus* vão matá-las, mais cedo ou mais tarde.

A Ruiva enche o buraco primordial com aquele pudim branco. Trémulo, fresco. Uma, outra vez.

De pernas arqueadas, mão delicada na púbis, a Ruiva fecha-se. Usa os dedos como rolha. Para que a cura não escorregue. Abandona a incómoda

pose de rã e estende-se na cama.

A Ruiva puxa a almofada. Enterra a cabeça. Concentra-se no falar dos grilos e cigarras. É necessário reter o iogurte e estar confortável o maior tempo possível, dissera-lhe o Médico Loiro. Para que as bactérias benignas iniciem o inevitável e moral combate contra o mal.

As cabeças dos dedos tiquetaqueiam à entrada.

Esta operação de entupimento lácteo excita.

E os pensamentos da Ruiva esgueiram-se novamente para o interior das cavaliças. Para o interior daquela noite em que o Militar Coxo a conheceu. E ela deu-se a conhecer. E ao conhecer este homem coxo, de cheiro e pênis exuberantes, a sua flora vaginal alterara-se.

Candidíase é o seu novo nome.

Nome que ganhou após a noite passada nas cavaliças.

Candidíase é nome de flor.

E a Ruiva sente essa flor a abrir pétalas dentro de si.

Exame médico II: quando outros se põem a jeito e um outro código de acesso

O Médico Loiro tomou o seu tempo para digerir aquelas palavras. E tentar compreender aonde queria o Diretor chegar, para não dar passos em falso e tropeçar no escuro da incompreensão. Fala:

Se acredita no que acabou de dizer por que é que aqui veio, Diretor? Se duvida das minhas capacidades...

Ao contrário, tenho em muito boa conta os seus conhecimentos técnicos. Já os seus instintos... são outro assunto.

Que assunto?

Permita-me que lhe explique. Os instintos são os fundamentos primordiais para a construção desta casa que é o Homem. São as fundações onde os pilares das capacidades e aptidões e inteligência irão assentar. Caso os instintos sejam movediços, caso os instintos sofram de uma infiltração, por mais robustos que sejam os pilares, a coisa tem tendência a deslizar. A casa sai torta. O Homem, percebe?

O Médico Loiro não responde. Ganha tempo.

Vou repetir-me: não tenho o código de acesso ao corpo. Só à alma. E como bem sabe, o corpo vence sempre a alma. Se dependêssemos apenas da alma seríamos imortais...

Há quem acredite nisso.

Eu não.

Já percebi que está perturbado e lamento o facto de a sua mulher ...

Não seja hipócrita! Eu sei o que se passa!

Sabe?

Sei.

E o que é que se passa?

O Diretor perdia a paciência:

Ouçá. Não me faça gastar palavras. Mais vale deixar cair a máscara. Tanto você como eu sabemos muito bem o que se passa aqui. Vou confessar-lhe uma coisa. Apesar de tudo o que se passou, ainda amo a

minha mulher, sabe? Há dezasseis anos atrás eu pus-me a jeito e deixei-a escolher. E ela escolheu-me. Deu-me muito trabalho ser escolhido, percebe? E não gosto que outros se ponham a jeito.

Temo não estar a seguir o seu raciocínio.

Então, vou elucidá-lo, da seguinte forma: Proponho-lhe um acordo.

Um acordo?

Sim. Parece-me que o Senhor Doutor conhece muito bem as palavras com que se carimbam os acordos. Ou estarei enganado?

O Médico Loiro é atingido pela seta da insinuação. Não estava à espera daquilo. A pele do rosto perde a cor saudável. Esconde as mãos atrás da secretária.

As regras são simples: Eu dou-lhe algo e o Senhor Doutor retribui.

E o que é que tem para me dar?

Pergunta o Médico, com a voz a fechar-se-lhe de medo.

Algo importante.

Como assim?

A sua vida.

Como?

Sabe: eu tenho o código de acesso à morte.

Oh...

Sim. Dentro de duas semanas haverá uma sessão de fuzilamento no Presídio. Sessão essa que será presenciada pelo Ministro Calvo e outros membros ilustres do Partido. Onde todos aqueles que foram acusados de subversão, todos aqueles que cometeram infracções graves ou que confessaram ter atentado contra o Governo serão executados sumariamente.

Eu não fiz nada de que me possa...

Vou fazer-lhe uma pergunta: O Homem Pequeno diz-lhe alguma coisa?

Quem?

Vamos lá. Ponha as cartas na mesa. Estou a mostrar-lhe o jogo.

O que é que quer que lhe diga?

Antes pergunte: O que é que quer que lhe faça?

Oh...

Sim, mostre-me as suas mãos. Quero ver as suas cartas.

O quê?

Mostre... O Senhor Doutor tem umas mãos tão bem cuidadas... Uns dedos tão elegantes.

Não posso...

É claro que pode. Pode e vai. Como bem sabe entregaram-me um mapa com um X assinalado no sítio onde estava enterrado um tesouro. E eu fui lá cavar o tesouro. Gostava que avaliasse a qualidade e pertença desse tesouro. Pois, se este tesouro não servir, temos um problema. O Senhor Doutor terá de me arranjar um outro que sirva, compreende?

Mas...

Sim, é isso mesmo. Mostre-me as suas mãos. Agora vamos jogar.

Vão cair ou subir sorrisos?

Abre a torneira.

A banheira enche.

O Operário unge a água. Diz a oração.

Afunda a bata suja e trá-la à superfície, repetidas vezes: como a um delator a quem se quer arrancar segredos.

De joelhos no chão, concentra a força nos nós dos dedos. Descasca do algodão o sangue incrustado. Após fricção insistente, as nódoas dissolvem-se. Retira a tampa do ralo.

A água cor de groselha é sugada pelo cano. Aplica lixívia nas nódoas ainda resistentes. Enche novamente a banheira. A bata boia à superfície: um afogado lívido já enfunado pelo mar.

A pele de carnicheiro que o Operário usa diariamente está assim limpa e o pecado redimido.

Felizmente, em breve, nunca mais.

Já no quarto, a luz da tarde penetra pelas frinchas. Ilumina aos soluços o aparador onde repousa o livro sagrado. O Operário sobe a persiana. Abre a janela. Por causa dos oito metros de altura cinzenta não consegue antever a pele do horizonte. Mas, no céu permitido, contempla a escala de cores que se entornam do ocaso: lambuzadelas lilases, línguas laranja-fogo, esboçam no azul o enterro do dia.

Há movimentos na rua. Exercícios de vida.

Crianças pálidas, de mãos dadas, correm com grandes sorrisos e ganham. Um jovem casal empurra um carrinho com um bebê. Uma velha, à sombra de um alpendre, segura um pedaço de pão que treme. Três jovens raparigas, de roupas curtas, mostram finalmente aos olhos a sensualidade sequestrada durante os meses pretos. Funcionários do Governo, envergando coletes azuis, varrem estradas e passeios. Outros, no cimo de andaimes, servidos de trinchas e rolos, retocam as fachadas dos prédios aleijados. Militares suam sarjas, montados em cavalos de respiração arquejante. Bicicletas enferrujadas perseguem-se. Tudo e todos se cruzam, entrecruzam e

cumprimentam, numa euforia inteira, de riso sem memória. Como se ainda hoje não tivessem vivido. Nem houvesse outro viver amanhã.

O Operário olha com asco aquela alegria efémera.

Diz:

Aqueles sorrisos vão cair.

Ainda não aconteceu, é certo, mas vai acontecer.

Em breve, o corvo vai gralhar.

Baixa a persiana.

Fecha a janela.



GYMNOPIÉDIE X

A Morte: breve smula dos mais importantes ditados do Ministro Calvo

A morte, desnecessariamente, diga-se, ocupa imenso espaço físico. E  estúpido, para não dizer coisa pior, desperdiçar metros e metros de superfície com cruces, túmulos e anjos de pedra, caixões, ossadas e crânios ociosos; já não falando nas larvas.

Matar flores apenas para agasalhar os mortos, para confortar aqueles que já não podem produzir  também um ato de pura maldade e desperdício.

Com uma lei fundamentada na obrigatoriedade da cremação após o passamento, ganham-se muitos metros no perímetro urbano. Uma pequena caixa de 20cm por 20cm  espaço suficiente para guardar os borralhos e ao mesmo tempo servir a memória. E mesmo com a morte a não cessar de acontecer, o espaço da Cidade não necessita de ser ampliado para além do Muro. Depois,  escavar a terra como a toupeira. E arquitetar, num campo subterrâneo, um Banco de Cinzas, onde os vivos e viúvas, órfãos e todos aqueles a quem a morte toca no ombro, possam encontrar os que muito amavam e magoavam num pequeno cofre numerado. E cada um terá acesso à chave correspondente à sua caixa e ao seu morto. Para lhe falar num ambiente distinto e organizado.

Uma aranha, oito patas e o Gato

A Criada descalça o sapato. Bate três vezes, mais uma. O tacão grosso atinge a aranha que fugia na tijoleira à quarta tentativa.

A aranha dá um salto de gazela. Uma das oito patas é separada pelo tacão. A aranha chia. Um grito de seda. Mousse amarela.

Das sete patas, ligadas ao abdómen, seis estão quietas. Há uma, a sétima, que ainda se agita; autônoma e arrogante; dir-se-ia que fugia ainda, indiferente à morte. As outras seis já tinham percebido.

A quinze centímetros de distância, a oitava pata, a que se separara do corpo aquando do esmagamento, também se agita. As duas patas convulsam em simultâneo. Uma, presa. Outra, já livre. Ali ainda há energia. Dura quinze segundos esta dança.

Ao observar o espasmo da oitava pata, afastada do resto da aranha, a Criada recorda um quadro de infância. Revê o cutelo descer da mão da mãe sobre o pescoço do galo no toro de madeira. Revê a cabeça pinchar como uma rolha. Revê a mãe a pousar o galo decapitado no chão, para uma última corrida pelo quintal de gravilha.

Deve ser triste morrer separado do corpo onde sempre se esteve, pensa a Criada. E, com nota de repulsa, pega na oitava pata, e poussa-a junto da carapaça esmagada.

Sai da cozinha para ir buscar uma vassoura e a pá.

O Gato, vigilante, salta do frigorífico. Aproxima-se, pata ante pata, a lambar bigodes. E, de pupilas dilatadas, mastiga a aranha completa.

Antes de se bater à porta: o coração troça da razão

Há muito tempo que não trocavam um número de palavras exigível para ser certo chamar a essa permuta: uma conversa; e isso inquietava-o. Um muro de minutos que se fizeram horas, e horas que se tinham feito anos, erguera-se entre os dois com heras de silêncio e rancor a cobri-lo. E as poupadadas palavras magras trocadas entre ambos durante a construção da barreira muda não tinham sido mais que pássaros órfãos que ali pararam, por breves instantes, para descansar asas, afiar o bico, beber uma gota de orvalho, e partir novamente em busca do bando do qual tinham perdido o sul.

Era certo, o Diretor e a Ruiva tinham desaprendido a comunicar. E, cada dia somado ao passado de silêncios acumulados tornava mais difícil a tarefa de recomeçar; de ganhar músculos e convicção para poder ultrapassar o muro.

O Diretor bem quis ter preparado o discurso; todas as tentativas resultaram infrutíferas. Sabia o que queria, ou pensava saber, mas as ideias não se lhe ordenavam. As frases que lhe acudiam lutavam umas com outras, bárbaras, de lanças e facas, pela primazia. Digladiavam-se entre si. Primeiro deveria dizer isto. Não, não, isso só podes dizer depois de teres dito aquilo. Então, vou dizer aquilo, e só depois digo isto...

Era evidente: o Diretor tinha enferrujada a linguagem do matrimónio. As palavras de marido. Mas não ia desistir. Isso é que não. Ainda para mais agora. Iria enfrentar a Ruiva como nunca antes na vida. E dizer-lhe certas coisas... Não sabia bem quais.

O coração troça muitas vezes da razão.

Depois de se bater à porta, entra-se: o falar dos grilos e cigarras

Com o indicador de camurça da mão esquerda o Diretor bateu. O toque saiu macio. Quase um sussurro. Ainda assim, a Ruiva ouviu. Ergueu-se da cama. Deu duas voltas à chave, rodou a maçaneta. Esticou o pescoço de cisne. Afrontou-o com as sardas a brilharem como estrelas. A menina do olho verde a crescer.

O Diretor baixou os olhos, coçou o rosto.

Precisamos de falar.

Até que enfim.

O quê?

Fizeste a barba.

O Diretor insistiu.

Precisamos de falar. Posso entrar?

A Ruiva não lhe deu resposta. Deu-lhe os caracóis revoltados e dirigiu-se à cama, decidida. Os caracóis, de tão espessos, pareciam feitos de ninhos de pássaros. A janela do quarto estava entreaberta. A luz do verão, casada à voz das cigarras e grilos, entrava pela fresta, atravessava as luas das cortinas, e ali ficava, a arrumar o silêncio.

Não quero gritos.

Decidiu ela, já sentada na cama.

Apertou o robe no peito. Cruzou as pernas. Fechava-se.

As cigarras e os grilos não estavam entre aquelas paredes, estavam longe. Mas pareciam estar ali mesmo, debaixo da cama. A falar debaixo dos pés.

O Diretor inclinou a cabeça e ultrapassou a porta.

Fechou-a.

Ficou de pé, estático, muito calmo. Ligado a uma paz maciça. Os ansiolíticos tomados antes eram o chão tranquilo que segurava o Diretor à vida. E mesmo que ela formulasse o convite para se sentar, ele iria recusar e permanecer de pé. Queria olhá-la de cima e queria que ela o visse como ele era: um homem muito alto. Demorou-se. Sabia que quanto mais durasse o

silêncio, mais a enervaria. E isso poderia ser bom. As pessoas nervosas, quando abrem a boca, costumam deitar fora mais do que aquilo que querem.

O diálogo tantas vezes adiado I

O Diretor reparou na barriga da perna cruzada cujo robe de seda não conseguia tapar na totalidade. Era forte, branca, luminosa, uma bela curva.

Ela ainda é uma mulher bela, cheia de curvas para derrapar, e eu ainda a amo, pensou.

A Ruiva reparou que ele reparava e tapou-se. Não lhe ia permitir aquela paisagem.

O Diretor não entrava naquele quarto há muito tempo. Do que se recordava, tudo parecia manter o lugar, a organização. Mas o cheiro. Aquele cheiro que se libertava da Ruiva e se agarrava às narinas era novo. Um verdadeiro banquete para o nariz. O Diretor imaginou-se a afundar o nariz nas axilas da Ruiva para se embriagar naquela essência arrebatadora. Queria morar dentro daquelas axilas. Mas o passeio da imaginação e olfacto foi logo interrompido.

Ainda sabes como se faz?

A barba?

Conversar. Há quantos anos não batias naquela porta? Fazes ideia?

Não.

Eu também não.

Dois anos?

Não sei. Perdi a conta.

Precisamos de falar.

Já disseste isso.

Queres falar?

Tu é que bateste à porta.

Já percebi para onde estás a ir. É assim: eu preciso de falar contigo. Queres falar comigo?

Não sei.

Então, deixaste-me entrar para quê?

Não sei.

Quem é que sabe?

Deixar-te entrar não significa nada. Nada, ouviste? Se queres falar, fala.
Silêncio.

Mas ele não ia desistir. Não se ia pôr a correr como das outras vezes. Não agora.

Pensava que não gostavas de iogurte...

Largou o Diretor ao reparar no boião vazio pousado na mesa de cabeceira.

Não gostava.

Agora já gostas?

Há muitas coisas sobre mim que desconheces.

Talvez.

Talvez, o quê?

Talvez.

Então diz lá aquilo que queres dizer para acabarmos com isto de vez.

É isso que queres?

Acabar?

Sim.

Talvez.

Na voz da Ruiva, aquele *talvez* soou mais áspero e duro do que a incerteza da palavra parecia indicar. E descruzou e voltou a cruzar as pernas, agora com a perna que antes servira de muleta a exhibir-se. Tinha a comichão e o iogurte a entupi-la. Ao descruzar e voltar a cruzar, aliviava o desconforto, apenas por breves segundos.

O Diretor interpretou aquele gesto como um passo de sedução. Cravou os olhos nela e, livre do incómodo peso na bexiga e sem a borboleta do olho, mais confiante que nunca, disse:

Não vale a pena. Já sei que abriste as pernas a outro.

Já sabes?

Já.

Deves estar feliz.

Feliz?

Conseguiste o que querias.

Que era?

Que eu fosse com outro.

Não me faças rir.

Deixa-me triste saber isso.

O quê?

Que eu consiga e tu não.

Ir com outras?

Não, fazer-te rir. Tu já não me fazes rir.

Mas chorar, talvez consiga.

Não sei.

Então isto ainda não acabou. Pelo menos há lágrimas.

Não contes com isso. As lágrimas servem de pouco.

O Diretor aguardava por elas: um número emocional de lágrimas circenses e arrependimento; mas tal não aconteceu. Coçou a patilha bem desenhada. Escutou os grilos, as cigarras...

Gostava de o ter sabido por ti.

A Ruiva, seca, com o rancor todo no olho verde:

Excitava-te mais?

Se me excitava?

Se fosse eu a contar. Com detalhes.

Talvez.

Bem me parecia.

Agora não me interessa.

Então vamos em frente.

O Diretor decidiu esperar um pouco. O caminho que aquela conversa seguia estava prestes a derrapar para aquela berma, íngreme e lodosa, bem conhecida de todos. A raiva da Ruiva era obstinada, não recuava. Procurou em vão o par de olhos bicolores. Respirou fundo, iria tentar outra abordagem.

Por que é que me odeias?

Isso é uma pergunta infantil. Pareces uma criança.

Somos crianças, sempre. Até ao fim.

Então crescemos para quê?

Por que é que me odeias?

Deixaste-me fugir. Não me agarraste.

O diálogo tantas vezes adiado II: não consigo ouvir os grilos e as cigarras

O Diretor:

Vamos, não estás a ser razoável.

O que é isso de ser razoável?

Tu sabes.

Não, não sei.

Muito bem... Há uma coisa que quero partilhar contigo.

Até que enfim.

O quê?

Que decides contar o segredo que trazes.

A Ruiva levantou uma unha pintada de amarelo e apontou para as luvas de camurça.

Estás enganada.

Estou?

Não confio em ti. Não confio em mim. Não confio em ninguém a não ser no nosso Filho.

Disse o Diretor, a engrossar a voz.

Parvalhão de merda! O nosso Filho não é para aqui chamado! Se isto é conversa que se tenha! Depois de tudo! Vai-te embora!

Disseste que não querias gritos. Estás a gritar. Não consigo ouvir os grilos e as cigarras com os teus gritos.

Vai à merda! Parvalhão!

A Ruiva levou as mãos pálidas aos olhos incrédulos, aos caracóis desatinados, aos lábios sumidos, aos joelhos trémulos.

Acalma-te lá.

Acalmo-me, se quiser!

Já tivemos esta conversa antes.

É isso que é o casamento, parvalhão! A repetição.

Tu não percebes. Nunca irias perceber.

Tu é que não percebes!

As pessoas precisam de segredos.

Para morrerem mais pesadas?

Não é isso, porra.

O Diretor pousou nela os olhos. Transpirava. Uma veia pulsava-lhe na têmpora:

Não é isso... Se eu contasse o que aconteceu naquela noite não iria alterar nada, já os tinha perdido... Se eu contasse como tudo aconteceu, com pormenores, tintim por tintim, tenho a certeza de que perderia o controlo. Se eu contasse como tudo aconteceu deixava de haver o mistério necessário. E não iria alterar nada, o mal já estava feito. Cometi um erro. E tive de pagar por ele. Eu, percebes? Apenas te quis poupar.

Poupar? Não acredito! Poupar? És tão inteligente... A poupar-me, perdeste-me na mesma.

Estás a falar a sério?

Estou.

Não compreendo.

Nem eu.

Quem és tu?

E tu, quem és?

O que é que queres afinal?

Tu é que disseste: precisamos de conversar.

Muito bem! Finalmente uma conversa. É isso?!

É. Conversar é bom. É cada um por si.

Chega de ironia, merda!

O Diretor perdia as estribeiras. Mesmo apoiado nos dois comprimidos cor-de-rosa, o coração bufava-lhe na boca. Apontou o indicador de camurça na direção da constelação de sardas:

Vê se entendes de uma vez por todas: Isto está mesmo a acontecer! Decidi bater àquela porta para conversarmos. Dei o passo. Vim aqui desarmado. Queria que me ouvisses. Pensava que me querias ouvir. E que querias falar também, que eu te ouvisse. Que queríamos ouvir o que cada um tem para dizer ao outro. Talvez não tenha dito as frases certas, as palavras justas, eu sei, mas pelo menos tentei. Fiz a tentativa. E o que é que eu recebo em troca: hostilidade, raiva, ironia. E isto quando ainda há dias abriste as pernas a outro?

É o que há. E tens muita sorte.

Sim, sem dúvida. Sou um corno sortudo, então?

Tens muita sorte... De só ter aberto agora, e não antes. E só ter aberto a um. Portanto, és um unicórnio. Um animal mitológico. Queres mais sorte que esta?

Não acredito no que acabas de dizer.

Por quê?

Como é que és capaz?

Sou inteligente.

Não acredito que o tenhas dito.

O Diretor abanou a cabeça. O seu pescoço abandonava a luta ininterrupta contra a gravidade. O queixo tombava. Os ombros renunciavam. Poderia dizer-se que naquele instante os mais de dois metros do Diretor perdiam centímetros.

Atirou-lhe a Ruiva:

É bom que acredites. É o que há.

Não, enganas-te. Há outra coisa.

Que coisa?

Não me deixas outra opção.

Já sei: agora vais confessar que comeste a Criada debaixo dos meus caracóis.

Não te iludas: não sabes tudo.

E tu sabes?

Só sei o que tenho aqui no bolso.

E o que é que tens aí no bolso? Os dedos que perdeste?

Não, os resultados dos teus exames.

O quê?!

Sim, a mamografia e o papanicolau.

A Ruiva pôs-se de pé.

O Diretor levantou a luva da autoridade. Ela parou. Já não havia espaço vazio no quarto para se ouvir o falar dos grilos e cigarras.

Podes sentar-te.

Aconselhou o Diretor.

Ela não recuou, nem avançou. Esticava mais o pescoço para o enfrentar.

Tu não me digas o que é que eu posso ou não fazer! Dá-me o envelope!

Chiiiiuuu. Menos e devagar.

Tu não tens esse direito! O Médico Loiro não tinha o direito! Os exames são confidenciais! É o meu corpo!

A Ruiva, com lágrimas nos olhos e a tremer.

Eu falei com ele. Sei de tudo.

O quê?!

Estás doente.

Nããaaa!

Gritou a ruiva, agarrada às mamas. A esvaziar-se para o chão como um boneco insuflável a quem alguém arrancou o pipo.

O Diretor aproximou-se.

Vá. Precisamos de conversar. Ele disse-me que tens de fazer a operação.

Nããaaa!

Sim. Vais fazer a operação. E vais ficar boa, vais ver.

Nããaaa!

O Diretor ajoelha-se.

Não és tu que queres viver para lá dos cem?

Eu nããããã querooooo! Elas são minhaas!!

Eu vou contigo. E vou ficar ao pé de ti. Vou agarrar-te. Não te vou deixar fugir, nunca mais.

Nããaaa!

Mas quero que me prometas uma coisa.

Nããaaa!

Promete-me que a partir de amanhã não voltas a amarrar o nosso Filho ao piano.

Como se mata uma Criada I: a ditadura do pó e do arroz

Toda a manhã exercera a função guerreira da limpeza. A diária luta contra a ditadura do pó. Arredara os móveis. Vistoriara os cantos. Subira ao banco para afastar cortinas e chegar aos varões. De joelhos no chão, puxara o lustro aos rodapés. Atentara aos mínimos detalhes. Aproximara as lentes grossas das coisas. Nenhum centímetro podia escapar. Nenhuma superfície a deixar ao desleixo. Pois, a patroa Ruiva: sofria de síndrome de asseio agudo. E vistoriava a limpeza, de indicador nas superfícies, como um general na revisão ao barbear apumado das tropas.

A Ruiva vinha esbaforida. Com os olhos inchados do choro. Cortou para a cozinha.

Encarou a Criada, e interrogou-a:

Para que é que deixaste a janela do meu quarto aberta?

Para arejar.

Arejar?

Sim.

Ao entrar ar, entraram também moscas e pó.

Tem razão. Vou já fechá-la. Precisa de mais alguma coisa?

Põe água a ferver.

A Criada, interrompendo a lavagem do arroz, obedeceu. Riscou a cabeça do fósforo. Acendeu o bico do fogão. Encheu a chaleira com água. Pôs a chaleira ao lume. Voltou ao arroz.

Enquanto assistia ao desempenho da Criada, a Ruiva não perdeu a oportunidade de lhe medir e avaliar os contornos das ancas. A grossura das pernas. O volume das mamas. Num olhar longo, nocivo, de quem procura até encontrar o defeito.

O que é que estás a fazer?

Isto?

Sim.

Isto aqui?

Sim. Isso aí.

Estou a lavar o arroz.

A lavar o arroz?

A Senhora disse que se deve lavar sempre o arroz antes de...

E foi assim que te ensinei?

Pois... A Senhora disse que se deve lavar sempre o arroz...

Mas não disse que o devias lavar debaixo da torneira, pois não?

Não?

Lembras-te da borboleta?

Qual borboleta?

Dos gestos delicados em tempos delicados?

A Criada não respondeu. Agarrou o avental lilás. Amarfanhou as pontas. Corou. As auréolas de suor que se distinguiam na blusa, sob as axilas, aumentavam de umidade e diâmetro.

Então?

Desculpe, Senhora, acho que me passou.

Cabeça de avelã.

Como?

Cabeça de avelã.

Repetiu a Ruiva e avançou dois passos e aplicou um estalo à Criada, incrédula. Os óculos saltaram para o chão no momento em que os acordes do terceiro andamento chegavam da sala. O Gato, sob a mesa, até ali enroscado num novelo de preguiça, farejou à distância o que aí vinha: miou e escapou-se da cozinha. Percorreu o corredor. Subiu as escadas. A porta do quarto da Ruiva estava entreaberta. A janela escancarada. E foi por ali que o Gato saltou. E foi por ali que entraram duas moscas azuis.

A Criada ajoelhou-se a tactear azulejos.

Sem os óculos, o mundo era baço.

Tudo era longe.

De gatas, a Criada foi tacteando o branco dos azulejos com a escolta do fulminante olho verde. Sem os vidros grossos para ampliar o mundo, encontrava-se indefesa.

O olho verde da Ruiva jogava com a Criada ao: frio, quente, morno. Reduzia ou aumentava a menina do olho consoante o frio, quente, morno.

Quando as mãos da Criada se aproximaram da armação, a Ruiva afastou-a com um pontapé.

Então confessa lá.

Eu já lhe pedi desculpa.

Não é isso. Por que é que da outra vez fizeste queques de gengibre?

O quê?

Não te faças de parva.

Qual vez?

Não te faças de parva.

Diga?

Tu sabias.

Eu?

Não te faças de santa, ó minha cabrona!

Eu não estou...

Tu fizeste os queques de gengibre de propósito!

Gengibre?

Diz-me a verdade. Tu sabias, não sabias?

Sabia o quê?

Puseste gengibre nos queques de propósito!

Mas os queques... Juro que não, Senhora... Eu não fiz...

A Ruiva agarrou a Criada pelos cabelos. A Criada gemeu. O coração irregular. A ir-se embora. Os dedos a largarem o avental lilás.

Eu não te disse para fazeres queques de cenoura? E tu puseste lá gengibre para quê, minha sonsa?

Para dar gosto...

Para dar gosto.... Para dar gosto... Para dar tusa!¹

Disparou a ruiva, com uma vontade indomável de se coçar.

Ou pensas que sou parva? Deves pensar que sou parva, não? Pensas que eu não sei que o gengibre dá tusa? ãã? Pensas que eu não sei que andas a abrir as pernas ao Militar Coxo... Aquele que cheira a animal enjaulado... Aquele que tem uma picha de cavalo. Ou tu julgas que eu não sei que te roças no meu marido. ãã? Minha cabrona sonsa! Eu só não dou cabo de ti agora porque o concerto já está próximo. Mas depois do Governo fazer anos... Depois do concerto... Podes esperar por mim. Que eu vou...

A Ruiva não chegou a terminar a frase, pois a chaleira apitou estridentemente. A Criada desfaleceu.

Levanta-te!

A Criada não se levantou.

A Ruiva agachou-se. Abanou o corpo estendido, quieto. Soergueu-se. Meteu as mãos nas ancas. Aproveitou o desmaio para compor os caracóis e coçar-se. Foi até ao fogão. Apagou o lume. A chaleira bufou. A lição entrava no último compasso. Três por quatro, em Fá menor. As duas moscas azuis, depois de um passeio feliz pelas redondezas, resolveram aterrar junto da boca semiaberta da Criada para descansar voo e lavar patas. A Ruiva afastou-as num gesto veemente. Não podia crer que a Criada deixara a janela do seu quarto aberta. Agora era só moscas e pó, pensou. Aproximou o ouvido da boca pálida. Esperou. Colou dois dedos à carótida. Esperou. Por fim, abanou os caracóis:

Era só o que faltava.

¹ Em Portugal, expressão que significa, literalmente, "dar tesão" em alguém (N. E.)

Estava a cozer o arroz: o telefonema

Da central do Presídio, passam a chamada.

O Diretor arregala olhos. Franze a testa. Dá permissão. Podia esperar um telefonema de todos, menos da mulher. Já não falavam há dois anos e agora, num repente, tinham uma conversa e um telefonema?

Ele detectou de imediato na voz um ligeiro tremor, ainda que a Ruiva segurasse o tom habitualmente rude e seco.

Estou? Estou?

Sim, sou eu. Diz.

Preciso que venhas a casa. Aconteceu uma coisa.

Estás bem?

O Diretor teve medo que esta primeira frase lhe tivesse saído com demasiada ânsia.

É a nossa Criada...

Sim.

Morreu.

Como?

Não sei... Estava a lavar o arroz... Sentiu-se mal... Desmaiou... Caiu no chão.

A lavar arroz?

Sim, é isso que ela faz... fazia.

Mas bateu com a cabeça?

Sei lá.

Já a auscultaste?

Já.

E?

Não se ouve nada.

Sim... Mas como é que a lavar arroz...?

Como é que queres que saiba. Morreu, pronto.

E o Filho?

Ficou no piano. Não nos podemos dar ao luxo de interrupções. Era só o que faltava. Temos só três dias até ao concerto. Se é que isso te interessa...

É claro que...

Não lhe disse nada. Nem acho que lhe devamos dizer, percebes?

Ele vai perceber.

Só se tu estragares tudo.

Ele vai ter que ir à cozinha.

Não, não vai. Fechei a porta à chave e vim de imediato ligar-te. Dizemos-lhe que adoeceu.

O Diretor fez uma pausa e olhou para o peixe no aquário.

Há quanto tempo foi isso?

Que merda de interrogatório! São perguntas destas que fazes aos outros? Vens para casa, ou não?

Sim, vou. Ainda não sei quando... Tenho de ver aqui uma coisa... Não mexas em nada. Deixa estar tudo como está... Eu ligo para a Torre... E depois... e depois...

E não chegou a fechar a frase.

A Ruiva desligara.

Quando a comichão interrompe a leitura

As sirenes tocaram a mudança de turno.

A Ruiva de pé, junto da janela da cozinha, viu a carrinha do Governo estacionar defronte da casa. Saíram quatro guardas. Tocaram à porta. Após os quatro homens de uniforme cinzento terem embalado o corpo no saco de lona, saíram. Óbito confirmado, foram as únicas palavras proferidas por um deles.

A Ruiva chegou à janela ainda a tempo de os ver atirar o saco para dentro da caixa da carrinha e a tempo de observar a cinzelagem cintilar no arranque rumo à ala norte da Fábrica.

A Ruiva apressou-se a revirar o quarto na busca de provas de que a Criada e o Diretor também tinham feito aquilo. Na busca, encontrou debaixo do colchão da cama de ferro um livro sagrado, e um diário. A Ruiva mordeu os lábios após a descoberta. Era isto. Pondo de lado o livro sagrado, sentou-se na cama. Folheou aleatoriamente algumas das páginas. Saltou de mês para mês. De uma cruz castanha para uma cruz vermelha. Impaciente. E, bem se esforçou para absorver com atenção o sentido de cada frase, a cor de cada cruz, a cronologia, na procura de indícios e pistas. Mas a sua leitura e a clareza de que necessitava para unir as pontas soltas foram constantemente interrompidas pela comichão.

A Ruiva cedo desistiu da leitura do diário para entupir a zona malvada com um novo boião de iogurte natural.

Alguns xis, cores e dias do calendário da Criada

X (azul) – dia 9

Tivemos hora e meia de uma luz frouxa. Não me lembro de tanta neve junta. Hoje vi-o de relance: o Patrão. Ficou parado a olhar para mim. Nunca vi homem tão grande. Tem que baixar o pescoço quando passa nas portas. Não tenho medo do inverno. Mas o que ele esconde atrás das luvas mete-me medo.

X (verde) – dia 17

Aconteceu tal como Ele tinha dito. Os lobos atacaram. Não há dúvidas: o Mensageiro sabe. Ninguém esperava. Na Cidade não se fala noutra coisa. Ouvei o Patrão comentar com a Patroa que o Governo vai mandar um grupo de militares atrás dos lobos. Foi o primeiro sinal. O presságio do que aí vem.

X (preto) – dia 22

Hoje disse à Patroa para me dispensar porque não me sentia bem. E não sinto. Fui ao hospital. Atravessei o Muro. Passei ao lado da Floresta. O Senhor Doutor foi bastante simpático. Levei-lhe meia dúzia de queques embrulhados num pano. Fi-los a pensar no Militar Coxo. Mas hoje o cavalo não passou. O Senhor Doutor é um homem bonito. Tem a pele das mãos macia. As unhas cuidadas. Depois de me auscultar, disse-me: o teu coração está fraco, inchado. E deu-me uma nova caixa de comprimidos. Tenho de tomar quatro todos os dias. Disse-me também que tenho de me afastar das emoções fortes, pois corro o risco de me porem novamente a faca. Fiquei com medo. Prefiro morrer a mexerem-me outra vez com a faca.

X (verde) – dia 3

A Patroa é muito exigente. Amarra o Menino ao piano para ele não fugir da música. O Menino está a preparar-se para o concerto. Toca lindamente. Vejo homens e mulheres dentro das paisagens que ele toca. Às vezes choro ao ouvi-lo tocar. Lembra-me as paisagens e os homens e as mulheres do meu país. O coração bate-me. Tomo quatro comprimidos por dia. Nevou, neva.

X (castanho) – dia 16

O Mensageiro foi preso. Foi o Militar Coxo que o levou para o Presídio. Tenho medo do que vai acontecer. O meu irmão também tem medo. Trazemos o medo agarrado aos dentes. Dentro da testa. Na água dos olhos. Mas a fé é maior. Se o meu coração aguentar, vou estar aqui quando isto começar a arder.

X (vermelho) – dia 23

Pude ir visitar o meu irmão à Zona Castanha. Levei-lhe às escondidas: empadas, queques de gengibre e uma nova pomada para as borbulhas. Jantámos as empadas, bebemos vinho e depois relembrámos o nosso país e a nossa mãe. Chorámos abraçados um ao outro. Antes de me vir embora, abrimos o livro sagrado e lemos algumas passagens. Para limparmos a culpa de termos comido empadas. Ler o livro sagrado ajuda-nos a fazer a digestão das empadas. À vinda para casa aconteceu uma coisa que eu queria muito há muito tempo mas não agora nem com aquele. Ele não era aquele com quem eu queria. Mas ele insistiu tanto que me fez querer. Foi horrível quando me apercebi que afinal não queria depois de querer. Agora vem-me sangue. Vou rezar muito esta noite. Com muita força. Nunca mais esquecerei aqueles olhos azuis.

X (castanho) – dia 25

Ele fez-me de tal forma que acho que tenho uma ferida cá dentro. Não posso ir ao hospital. O Senhor Doutor ia perceber o que aconteceu. Escrevi uma carta ao meu irmão. Mas não lhe contei o que aconteceu.

X (amarelo) – dia 8

Pelo quarto dia seguido, fiz sopa de lentilhas.

X (laranja) – dia 10

Hoje o Militar Coxo trouxe lenha. Perguntei-lhe se queria beber um chá. Ele aceitou. Confio nele, não sei por quê. Sei que não posso confiar em ninguém que não acredite no mesmo que eu. Mas nele confio, não sei por quê. Perguntei-lhe pelo Mensageiro. Não quis falar. Ficou a olhar para as minhas mamas. O Militar Coxo deita um cheiro esquisito. Acho que é do cavalo, mas eu gosto. Acho que ele também gosta do meu cheiro e das minhas mamas. A Patroa apanhou-nos a falar. Corei da cabeça aos pés. Sinto falta de comer carne e da minha mãe. Amanhã não vou poder ir visitar o meu irmão.

X (verde) – dia 15

O meu coração é um crocodilo.

X (preto) – dia 27

Fiquei parada a olhar para as luvas e cortei um dedo a cortar cenouras. O sangue correu muito. O Menino estava amarrado ao piano e não parou de tocar. A Patroa preparou-me um unguento e fez-me a ligadura. Chamou-me desastrada e estúpida. O Patrão ficou a ver o sangue a pingar o chão. Eu não vi o sangue cair. Só olhava para as luvas. A neve começa a derreter.

X (azul) – dia 5

Chegou o verão. E com o verão chegaram também os insectos. Há cinco dias que não vejo o Militar Coxo, nem o cavalo. Hoje aconteceu uma coisa. Fico corada só de pensar nisso: apanhei o Patrão, na cave, junto ao cesto da roupa. A escolher cuecas do monte de roupa suja. Cuecas minhas e da Patroa. E depois vi-o a cheirá-las. A encostá-las ao nariz. Uma a uma. No sítio onde pinga.

X (amarelo) – dia 7

O Patrão pediu-me para lhe fazer a barba. Como era uma barba de anos usei primeiro a tesoura, e só depois a lâmina. Senti o coração descompassar. Tremi com medo de o cortar. Ele aproveitou-se da minha posição e apalpou-me. Fiz de conta que não percebi. Depois ligou o rádio. E, enquanto coçava o rosto barbeado, ouviu um discurso do Ministro Calvo.

X (preto) – dia 9

Tenho medo do que aí vem. O Patrão já tem a caixa. Abri a arca frigorífica, só para espreitar. Meu Deus! Rezo.

X (verde) – dia 14

Não se fala noutra coisa. Encontraram-no morto num dos hangares da Fábrica. No curral dos animais. E eu rezei tanto por isto. Encontraram-no morto e com duas covas em vez dos olhos azuis. Alguém lhe roubou os olhos. Nunca mais esquecerei daquele azul carrasco. Foram aqueles olhos que me fizeram.

X (castanho) – dia 20

O Homem Pequeno veio cá a casa. Julguei que morria no segundo em que o vi ao lado do Patrão. Ele olhou-me e fingiu não me conhecer. Tentei fazer o mesmo, mas não sei se consegui. Depois, subiram os dois lá para cima. Já só faltam quatro dias para o Governo fazer anos. Para o concerto do Menino. Quatro dias para o corvo gralhar. Deus me dê força. Vai acontecer.

Amanhã é o dia grande

Não me vais amarrar, Mãe? Não me vais amarrar, mais? É isso?
É. Já estás pronto. Estou orgulhosa de ti. A tua mão esquerda é maravilhosa.

Onde é que vais?

Para o quarto.

Não vais ficar aqui? A ouvir?

A Mãe precisa descansar. Ouço lá em cima, no quarto.

É amanhã o concerto, não é?

É.

Tu vais lá estar?

Na primeira fila.

E a Criada?

Ela está doente. Está no Hospital. Já te tinha dito.

Ah, pois...

Mas não te preocupes. Ela também vai ouvir.

No Hospital?

Sim.

Mas o Hospital fica para lá do Muro...

O concerto vai ser transmitido pela rádio.

Vai?

Vai.

Isso é bom, não é?

É.

Mãe?

Diz.

Já sabes do Gato? Há dois dias que ele não aparece...

Foi só dar um passeio. Não tarda nada ele volta, vais ver.

Mãe?

Sim.

Obrigado por me ensinares.

De nada. Amanhã é o dia grande.

Disse, a Ruiva.

E fechou a porta.

Do outro lado da porta a Ruiva foi sacudida por um tremor interno. Um lamento antigo, vindo de lá dos limites da memória, arranhava-a por dentro. A Ruiva agarrou-se às mamas. E uma voz interior soprou-lhe a mais humana das frases:

Magoamos mais os que amamos.

Magoamos mais os que amamos.

Magoamos mais os que amamos.

Ré menor

O Filho hesita, sentado ao piano.

É estranho tocar sem ter cordas atadas aos pulsos e tornozelos.

Olha uma última vez para a moldura fixa à parede. No retrato, o pai do seu Pai sorri, como habitualmente. A boca do retrato move-se. A voz conhecida, diz-lhe:

Vai. Toca. Tu consegues.

O Filho fecha o livro da partitura e os olhos pestanudos. Pousa os dedos nas teclas. Não necessita de ver. Os dedos já decoraram a lição. Sabem, mesmo no escuro, as notas, os compassos, a suspensão. São agora músculos com livre arbítrio. Estendem-se. Contraem-se. Deslizam. Independentes.

Lá fora, continua o mundo. Por cima, o sol louco. Por baixo, os ruídos da vida. Mais abaixo ainda, o falar dos grilos e cigarras.

A música começa. Ré menor. Os dedos predestinados do Filho batem e batem as teclas. A harmonia levanta voo. Escapa-se pela janela. Para voar mais alto e longe.

Quem consegue ouvi-la?

A sentença do processo 1748

Ouve-se música no Gabinete de Persuasão.

O rádio está ligado.

O Diretor está sentado na cadeira de veludo roxo.

E prestes a assinar a sentença do processo 1748.

Um dos processos mais difíceis e morosos da história daquele Presídio.

O Diretor faz uma pergunta ao único peixe que resiste no aquário. O peixe responde-lhe soltando bolinhas de ar.

O Diretor não compreende. Segura a caneta com três dedos da mão esquerda. O Diretor decide que não quer fazer mais perguntas. Nem ao peixe, nem ao Mensageiro, nem a ninguém.

E escreve no canto inferior do processo:

Execução por fuzilamento.

Da terra para a panela; da panela para a boca

O Operário vigia-se ao espelho.

A toalha na mão.

Com a chegada do sol, a rebeldia da acne retrocedia na pele como a tristeza no coração de alguns. O sol provoca alegria e seca alergias.

O Operário aplica a pomada nas borbulhas. Depois, uma loção perfumada nos braços e pernas. O corpo é magro. Ausente de pelos. Teso como o de um maratonista. Junto às narinas esfrega os dedos aromáticos. E aquele friccionar oferece-lhe um choque na barriga. Esboça um sorriso. Penteia para trás a franja molhada. Sai da casa de banho.

A toalha amarrada à cintura.

Ao percorrer o corredor, ouve o ranger das molas do colchão insolente do apartamento da Prostituta Anã. Sua irmã de fé e clandestinidade. Aproxima-se da porta. Acosta o ouvido à madeira. Sim, no quarto do apartamento 407, o colchão cansado reclama dos insistentes e frenéticos movimentos da fornicção.

A maçã de adão do Operário sobe e desce. Ao mesmo ritmo.

Na cozinha corta um limão ao meio. Espreme o sumo das metades para um copo. Enche o restante com água. Bebe a limonada. No céu não há limões, diz. Abre a porta do frigorífico. A gaveta dos vegetais. Fita as cenouras cruas. Escolhe a mais grossa. No lava-loiça, sob a torneira, lava-lhe a casca. Com a cenoura enfiada na boca segue para o quarto.

Antes de deixar cair a toalha na carpete e de se atirar nu para cima dos lençóis, olha o livro sagrado pousado no aparador.

Deitado na cama. Umbigo para o tecto. Ouve a respiração das ruas atada aos gemidos da fornicção do apartamento contíguo. Debaixo da cama está a mala. Dentro da mala está um mecanismo ligado por fios. É amanhã, pensa. Chupa a cenoura longamente. Abre as pernas. Flecte os joelhos. Enrola-se como um caracol, colando os joelhos aos ombros. Na nádega esquerda, o corvo tatuado contorce-se na pele. O corvo quer debicar a cenoura que a mão segura em pose de faca.

O Operário cospe na mão livre. Leva a saliva criada ao ânus.

A cenoura come o Operário naquela cama como no 407 um pénis desconhecido mata a fome da pequena Prostituta.

A diferença é que o seu colchão não reclama. Não é insolente.

Como pagamento, aquele vegetal fornicador irá entrar na panela para, acompanhado de outros, se transformar numa nutritiva sopa.

Cenoura tirada do ânus para a panela; para seguir da panela para a boca. Invertendo assim a processo natural.

Os ruídos da rua abrandam.

No 407 também as molas cessam os gritos.

O esperma grosso corre da barriga do Operário para os lençóis. A água chega-lhe aos olhos. O Operário não quer gastá-la. Recorda as palavras do Mensageiro. Guarda-as para manhã. Engole em seco para empurrar. A tensão emocional não recua. Em vez de chorar, escolhe rir. Não há outra condição para o alívio: ou choramos, ou rimos.

Assim, nu, de olhos aguados, dentes brancos, cenoura na mão, ânus lasso, o Operário ri.

Ri até a barriga começar a doer do riso.

Cuidados a ter com o peixe II

A Prostituta Anã sobe ao banco e fala ao peixe:

Vai tudo correr bem, vais ver.

Antes arredara as cortinas. A luz do dia mergulha no quarto. Põe calor na cama momentaneamente vazia de homens. Sombras no voo dos cisnes na paisagem lilás do papel de parede.

A Prostituta Anã bate com a unha comprida no vidro. Em bicos de pés, debruça-se: olha o peixe estagnado. Parece morto. A prostituta bate novamente no vidro. À tona, no rebordo, bolinhas de ar amontoam-se: ovas inférteis. Roda a tampa do frasco e num truque de dedos esfarela migalhas. Abre a boca e deita à água a repetição das palavras:

Vai tudo correr bem, vais ver.

O peixe, ou ouviu a frase ou sentiu o apelo da fome – por vezes, mesmo rente à morte, a fome ainda nos chama com voz possante – e, em clara dificuldade, barbatana oblíqua, espinha torta, num nadar coxo, abre a boca amuada, sem avidez competente. Fita o rosto amarrotado de boneca. Regressa ao fundo sem comer migalha.

A Prostituta Anã, vendo-o baquear, prostrado no cimo do verdete, a arregaçar imperceptivelmente as guelras para conseguir respiração, não evita o choro. Gotas sujas de rímel caem, com barulho. Círculos concêntricos desenham-se na superfície do aquário numa reprodução da sua agitação emocional.

A Prostituta Anã puxa de um lenço. Assoa-se. E, de olhos esborratados, confessa numa voz cheia, como quando o coração experimenta deitar fora o que nunca usou por falta de coragem:

Meu filho da puta. Tu já sabes. Ainda não aconteceu. Mas vai. Amanhã. Isso é certo. E vai tudo correr bem, vais ver. A vida é assim: cheia de buracos. A vantagem é que tu nunca saíste, nem vais sair, desse. Não precisas atravessar isto como eu: toupeira na cegueira da vida. Esquerda, direita. Cima, baixo. Direito, torto. Terra, céu. Buracos e mais buracos e nunca sei... Quando terminar de os fazer, como tapar aqueles que abri em

tentativas cegas. Até chegar à cova grande. Cova pequena, no meu caso. Sempre lá, à espreita, do descuido. Sei. Não te interessa isto. Estas coisas ordinárias. Que parvoíce. Nada invejas, odeias, julgas, amas. A ti só te interessam as migalhas, meu filho da puta... Não é? E mesmo que não caíam, borrifas-te. Cagas-te nisso. Para elas e para mim. Um peixe não morre como Deus, não chora. Não faz barulho. Não tropeça em buracos. Não se enterra. E o que me custa aceitar nesta merda toda é que também eu já fui peixe. Mas se houvesse oportunidade, se me dessem a escolher entre ser puta e santa e toupeira e cavar e ser buraco ou escolher ser peixe, sem sair do mesmo sem chorar ou fazer barulho, eu escolhia. Para não ser buraco nem fazer outros. Mas não. A vida é assim. E o tempo é como uma puta de luxo. Não tem passado, nem futuro. E é muito difícil não o foder no presente... Mas vai tudo correr bem, vais ver. Não sei bem como, mas a história já está escrita antes mesmo de se começar a escrevê-la. E amanhã é o dia grande... Vou dançar para o Ministro Calvo na Torre... Vou dançar e a cidade vai dançar... Mas tu, tu não vais... Meu filho da... Não vais... Eu não vou deixar.

A palavra deixar saiu aos soluços com o resto do choro.

Depois de prender o lenço assoado à liga preta da coxa, a prostituta abre novamente a tampa do frasco e despeja todo o conteúdo para dentro do aquário. Migalhas verdes, cor-de-rosa, azuis, amarelas, amontoam-se à tona da água parada num derramamento arco-íris. Ela admira a descida lenta das migalhas que, depois de ensopadas, cobrem de confetes o peixe deitado, de espinha torta.

E as pedras do fundo, cobertas de verdete.

Vês. Apesar de tudo. Sei cuidar de ti.

A maquilhagem bélica

A Prostituta Anã desce do banco.

No papel de parede, os cisnes brancos insistem no voo imóvel rumo ao céu de estuque. O sol na cama.

A Prostituta Anã senta-se ao aparador para retocar a maquilhagem bélica – batom, rímel, sombra e lápis – nas armas do rosto:

A maquilhagem é arma de guerra. E uma mulher maquilhada é uma mulher mais preparada e perigosa. Uma máquina que, antes de fazer mortos, faz perversidade.

Pelo espelho, espia, não só a decoração do rosto mas também o engenho, o detonador, e os explosivos entregues na véspera pelo Operário que, à sua frente, postados no cimo do aparador, aguardam a chegada da hora boa para participar no concerto da Torre Governamental.

A Prostituta Anã vai dançar para o Ministro Calvo.

E levar consigo uma mala cheia de instrumentos e acessórios.

Após acender o vermelho da boca, amolgando o batom do lábio inferior contra o batom do lábio superior, a Prostituta Anã declara:

Se cair num buraco, ao menos vou arranjada.

Na hora da sorte, o corvo gralhará

No apartamento 408, terminada a oração matinal, o Operário guardou o livro sagrado debaixo do colchão. Nu, de rabo voltado para o espelho, admirou a tatuagem.

O corvo na nádega esquerda parecia mover o bico a cada contração do esfíncter e dos glúteos.

Na hora da sorte, o corvo gralhará.

E exercitou as nádegas a bater palmas.

Riu-se.

Vestiu-se. Sentia-se estranhamente eufórico. Era chegado o dia grande. Aproximou-se do parapeito e olhou as duas chaminés da Fábrica, que continuavam a cuspir ininterruptamente – nem em dia de festa a produção cessava – dois rolos distintos de fumo.

Disse:

Hoje vão acabar-se as empadas.

Aos pés do Operário, estava a mala. E no interior da mala, já prontos: os fios coloridos para as ligações, o relógio do mecanismo, o detonador e os explosivos.

CAVE HOC ILLUDQUE

Ao sair do patamar para a rua, o calor fê-la inchar e suar. A maquilhagem tinha dificuldade em continuar segura à pele. Aquele verão era um animal enorme, amarelo, que a todos tocava.

Toda a vida fora desprezada. Toda a vida fora pobre e anã e toupeira e puta. Toda a vida, cuspada. Mas a hora aproximava-se: a hora em que iria ser finalmente alta.

Os pensamentos de vingança chicoteavam-lhe o andar curto. Fazei dos vossos inimigos uma estrada para os vossos pés. Que eu esperarei alegre no meu trono pela chegada dos aromas da devastação. De punhos cerrados, de saltos altos a matraquear pó, a pisar o calor que se levantava do chão, a Prostituta Anã avançava decidida na direção da fronteira da Zona Amarela. Levava na mão a mala.

O casal esperava-a na praça dos cafés de toldos amarelos. Na sombra de um dos toldos, a mãe segurava o carrinho de bebê e o pai, apoiando o braço no ombro dela, não tirava os olhos do obelisco com a inscrição gravada: *CAVE HOC ILLUDQUE*.

Agora compreende o significado: *CUIDADO COM ISTO E COM AQUILO*.

A Prostituta Anã chegou, afogueada.

Não os cumprimentou.

O pai deixou cair a mão pousada no ombro. Fitou a cara de boneca.

E recebeu um passe carimbado e um pequeno embrulho em papel dourado, enfeitado com laços: presente da fé.

É para o vosso bebê.

Disse a Prostituta Anã e pôs-se em bicos de pés e espreitou o carrinho de bebê.

Sorriu para a mãe.

Às 12:47.

Vai tudo correr bem.

A visita ao cofre 1951: o Avô usava luvas?

No corredor do Banco de Cinzas, o Funcionário rodou a pequena chave. Abriu a porta do cofre 1951. Retirou do cofre a pequena caixa metálica. Quis entregá-la ao gigante das luvas de camurça, mas este fez-lhe um sinal com a cabeça para que a depusesse nas mãos do Filho.

O Funcionário obedeceu:

Quando terminarem, avisem-me.

E afastou-se com passadas largas e rápidas.

O Filho, de olhos ávidos naquele quadrado metálico, abriu a tampa como se fosse uma caixa de bombons. Depois, numa expressão defraudada:

É isto, o Avô?

É o que resta do Avô, sim.

Mas é pó.

São as cinzas dele.

O Avô já não está igual à fotografia que temos na sala...

Pois não.

O Avô morreu de quê?

Coração.

O coração do Avô deixou de coser?

Sim.

Só isso?

O Diretor assentiu.

E depois puseram o Avô numa lareira, e ele ficou assim?

Sim.

Ah... O Avô era bom?

Às vezes.

Como tu?

Como eu?

Sim, às vezes tu és bom... outras vezes....

Sabes... É difícil sermos sempre bons. Por vezes é necessário ser-se mau.

Mas eu sou bom!

Pois és: um bom menino.

Não quero ser mau.

Se não queres, não vais. Depende de ti. O ideal é seres bom muitas vezes, e mau poucas vezes, percebes?

Acho que sim.

Depois de uma pausa, o Filho olha novamente para dentro da caixa:

O Avô usava luvas?

Não.

E tocava piano?

O Pai esboçou um sorriso.

Gostava de música, mas não tocava piano. O Avô gostava que o Pai tivesse sido pianista. Mas acho que o desejo dele passou de mim para ti.

A Mãe também gosta muito de música. Ela sabe tocar piano. Mas não toca. Ela deixou de tocar para me ensinar, não foi?

Foi. Desde que tu nasceste, ela nunca mais... O talento dela também passou para ti.

O Avô era engenheiro, não era? Fazia parte do Governo. Agora está aqui, nesta caixa.

Sim... Sabes o que faz um engenheiro?

Um engenheiro constrói coisas.

Muito bem.

O Avô era engenheiro, por isso construiu o Muro da nossa Cidade, não foi?

Foi isso mesmo. E sabes o que é o Governo?

O Governo mandou o avô construir. É quem manda em todas as pessoas e em todas as casas. É quem manda nas empadas e na Fábrica. É quem manda pintar as paredes das casas. O Muro, a Fábrica e a Torre são muito importantes para o Governo, não é?

É.

O Muro protege-nos dos lobos. E a Fábrica dá-nos empadas. Só que a Mãe não nos deixa comer muitas empadas.

Pois não.

Mas eu, quando for grande, não quero ser engenheiro.

Queres ser o quê?

Quero ser um homem. E usar luvas como tu.

A visita ao cofre 1951 II: é por isto que o Pai usa luvas

O Diretor engoliu em seco. A angústia tomou conta de si. Agachou-se para o Filho e olhou-o firme.

Não! Tu não precisas de luvas!

Mas eu quero...

Não, não queres... Não precisas de luvas. Tu és um pianista. Tens dedos fortes e bonitos.

Mas eu posso tocar com luvas.

Não, não podes. Com as luvas perdes sensibilidade e força.

Mas os teus dedos não são fortes?

Não são tão fortes como os teus.

É por isso que não me dás a mão?

O Diretor não respondeu.

O Filho, de olhos colados no Pai, insistiu.

Por que é que usas luvas, Pai?

Para não sujar as mãos.

Por causa do teu trabalho?

Sim. Não gosto de sentir as mãos sujas.

É só isso?

Sim.

Mas agora não estás no trabalho e a Mãe mandou-me lavar as mãos antes de sair de casa. Estão limpas, vês?

O coração do Diretor não aguentou o assalto do amor sem culpa. Naquele corredor metálico e esterilizado, rodeado de mortos feitos pó, ajoelhou-se e abraçou o Filho. Sem se preocupar com a perda, livrou a mão esquerda da camurça e sentiu nos três dedos sobreviventes o toque do cabelo eriçado e revoltado. Beijou-o na testa. No rosto. Muitas vezes. O Filho, apertado contra o Pai, continuava a segurar a caixa metálica com os restos do avô. Com o abraço, algumas cinzas (partes do avô) saltaram da caixa para o chão do

corredor. Sem que Pai e Filho, tão entretidos nas trocas do coração, dessem disso conta.

Depois de desenlaçado o afecto, o Diretor calçou a luva perante os olhos espantados do Filho.

Vês, é por isto que o Pai usa luvas.

Oh... não tens todos!

Só tenho três.

Falta-te o pequenino e o mata-piolhos! E na outra mão?

Igual.

É por isso que não podes ser pianista?

É.

E como é que os perdeste? Foi um lobo que te atacou na Floresta?

Mais ou menos. Foi um lobo, mas não foi na Floresta.

Então?

O Pai jogou às cartas com um lobo e perdeu.

Às cartas?

Sim. Mas agora o Pai voltou a jogar com o lobo e ganhou.

Ganhaste!

Sim.

Estás a contar-me uma história, não estás?

Tu gostas de histórias, não é?

Mas não gosto de histórias com lobos.

Nem eu. Mas não podemos fingir que eles não existem.

Depois de uma pausa, o Filho agarra na mão incompleta do Pai.

Mas ganhaste? Mesmo?

Ganhei.

Então quer dizer que vais ter dedos novos?

Sim, é mais ou menos isso. Mas tens de me prometer que não contas a ninguém.

É o nosso segredo?

É. Agora temos um segredo.

Está bem. Mas agora já me vais dar a mão, não vais?

Sim, vou... Vá, agora despede-te do Avô. Temos de ir procurar o Gato antes de subirmos à Torre.

Está bem.

E cinco dos seus dedos elegantes, que dentro em breve iriam tocar no grande piano do salão nobre do candeeiro de lustro, entraram na caixa metálica do cofre 1951 e dedilharam no pó cinzento.

Tocaram com delicadeza as sobras do avô.

89-167-2-23-6-14-6440-3-2-5-1-17-574/21-4-3-8-
12:47

Ao mesmo tempo que o Diretor e o Filho subiam de mãos dadas os 89 degraus das escadas do Banco de Cinzas na Zona Cinzenta, o Verdugo Olho de Vidro, agora com um olho novo, azul de rio profundo, no lugar do antigo, tossia pela última vez deitado na cama do quarto 167 do Hospital; ao mesmo tempo que o Operário descia ao 2º andar do edifício nº 23 da Zona Castanha, a Prostituta Anã carregava no número 6 do elevador da Torre Governamental na Zona Azul; ao mesmo tempo que o Mensageiro corria à volta do perímetro do pátio do Presídio, perguntando-se por que sonhava com a gaivota na Floresta há 14 noites seguidas, as cinzas da Criada eram varridas do forno na Fábrica para dentro da caixa metálica com o número 6440; ao mesmo tempo que o Homem Pequeno comia 3 empadas, sentado numa mesa do Clube, o Médico Loiro comprava 2 pares de luvas numa loja na rua nº 5 da Zona Castanha, e o verdugo Colarinho Cervical livrava-se do colarinho cervical, sentado na cadeira de veludo roxo do Gabinete de Persuasão, para abrir bem a boca e comer 1 peixe vivo; ao mesmo tempo que o Militar Coxo descia da sela do seu cavalo alto para dar 17 passos coxos, o Assistente entrava no gabinete do Ministro Calvo com a lei 574/21 já promulgada debaixo do braço; ao mesmo tempo que a Secretária de olhos sublinhados a preto mudava o 4º penso higiênico desde que lhe chegara a menstruação, o Ministro Calvo apertava o 3º botão da sua camisa branca; isto tudo, ao mesmo tempo que a Ruiva atravessava a alameda, dirigindo-se para a Torre Governamental, e apalpava as suas mamas pela 8ª vez naquele dia.

A Ruiva ouviu o miar familiar do Gato. Olhou em volta. Parado junto à berma estava um carrinho de bebê. A Ruiva aproximou-se. Inclinou-se para o carrinho. O miar vinha dali. Não havia bebê. Pegou no Gato ao colo. O Gato tremia de medo. Sem razão aparente, a Ruiva afastou o lençol com a mão direita, as unhas pintadas de roxo.

Um mostrador de dígitos vermelhos piscava:

12:47

Ganhar o desastre

Na roleta dos desastres, no casino dos dias, a bola gira. Em círculos concêntricos. Respeitando o código do universo: o terrível resiste à passagem do tempo.

Todos temos as fichas da vida pousadas num dado número numa dada cor. Depois de iniciada a volta vertiginosa da bola, roemos as unhas. A bola pula de um número para outro, de uma cor para outra, numa ameaça de insecto irrequieto: 14, vermelho. 27, preto. Forçados a apostar – quem vive tem de jogar –, colocámos por intuição as fichas no 23, vermelho. A roleta continua a girar e a bola (o insecto) a cansar-se dos saltos. Não queremos olhar. E já roemos a carne depois da ruína das unhas. Então, a gravidade ou o acaso fazem mais força: a bola para; o insecto morde; e muitos perdem.

Apesar de jogarmos o jogo diariamente, de insultarmos o azar para seduzir a sorte, não sabemos a quem pertence a mão que põe a roleta a girar nem que dedos, no fim, recolhem as fichas.

E quem definiu as regras do medo?

Sorrimos ou assobiamos perante a desgraça vizinha?

Ou desistimos, saímos da sala sem o jogo ter terminado, vestindo um fato elegante e corajoso mas já com as cuecas borradas?

E já agora: Qual a força mais violenta?

A gravidade ou o acaso?

A perna adivinha II

A primeira explosão ocorreu antes da hora condenada e em local desacertado. Em relação ao plano previamente estabelecido. Houve algo que se interpôs no caminho: uma pequena pedra que encravou o mecanismo da revolta. Os acasos, os acidentes, não são da ordem da matemática, são da ordem do desconhecido. E são poucos aqueles capazes de os antecipar e prever, e conduzem-nos pela mão para onde não suspeitávamos; e pior, chegados lá, ao olhar o lugar, concluímos que não era ali que queríamos estar.

Fora do Muro, a manhã laranja ocupa, radiante, os espaços carentes de luz que a noite tinha habitado. Moscas e mosquitos lutam em voos dementes no ar mastigado de sol pela conquista de territórios quando, no edifício nº 23, da Zona Castanha, o Operário desce as escadas esconsas com a mala na mão e o coração excitado.

A mala pesa-lhe mais que habitualmente. Reclusos no interior, para além da ordinária farda e merenda, os fios das ligações, o relógio do mecanismo, o detonador e os explosivos.

Depois da última curva que dava acesso ao patamar, o Operário dá um forte e inesperado encontrão no Militar Coxo que, com a bota pousada no degrau já iniciara a subida. O Militar Coxo abre os olhos de espanto mas praticamente não vacila; agarrada ao ombro pela correia de cabedal, a arma oscilou como pêndulo. O Operário, menos robusto, deu um pequeno salto desequilibrado, encontrando a parede, e a mala voou-lhe das mãos como um pássaro em fuga para cair no degrau onde as botas do Militar Coxo, paradas, refletiam sombras no espelho da graxa.

Ao encarar o rosto do Operário, o Militar Coxo encontrou uma pele sebosa, coberta de acne. A visão daquela derme completamente amolgada por pequenas erupções provocou-lhe nojo.

O Militar Coxo aguardou pelas palavras de desculpa, mas dos lábios do Operário nenhum som foi expelido. Encostado à parede, ainda não

removera os olhos nervosos da mala. Onde, em cima, já a bota da perna adivinha exibia o brilho do preceito.

O Operário e o Militar Coxo permaneceram estáticos, em silêncio, a medir-se mutuamente. Com um olhar afiado, tentavam introduzir-se mutuamente nos poros da pele alheia. Para chegar ao coração do medo.

O verão ardia e ultrapassava paredes. Se aqueles dois não estivessem tão concentrados no que fazer com um encontrão e uma mala caída, talvez conseguissem ouvir o falar dos grilos e cigarras que para lá do Muro galgava quilómetros, intrometendo-se em todos os buracos. Mas agora, naquele vão de escadas, para além do calor desidratante, havia apenas no ar a excitação das moléculas do imprevisto e o tango aéreo de duas moscas azuis.

Suavam, os dois homens. Por razões análogas. Sem nenhum saber o que ia na cabeça estrangeira, a verdade é que aqueles poros vizinhos transpiravam não o mesmo cheiro mas um idêntico desejo nuclear. Um, descera as escadas a recapitular todos os passos do plano para que a sua explosão se desse simultânea com as outras, nos locais estratégicos, à hora prevista. O outro, aprestava-se a subir, para bater na porta do apartamento 407, onde, na boca aberta e salivada da pequena prostituta, iria depositar os estilhaços líquidos da sua explosão interna.

No fundo, as grandes mudanças, astronómicas ou climatéricas, naturais ou sociais, as que alteram a direção dos acontecimentos terrenos e estelares, ocorrem à força de explosões.

O Operário dobrou os joelhos para os degraus onde a sombra do Militar Coxo caía. Num movimento de ombro, o Militar Coxo agarrou na arma e travou-lhe a descida.

O cão da dor começou a roer-lhe a perna. Aproximava-se outra coisa grande. Feroz. Apontou-lhe o cano.

As duas moscas azuis interrompiam o ar e o silêncio numa perseguição infatigável. Alheadas do perigo que armava o circo naqueles degraus, acabaram por pousar no topo da cabeça do Operário. Fazendo dos engomados cabelos louros o leito de núpcias. Não havia dúvidas, o gel que lhe cimentava o penteado era uma cama atraente e perfumada.

Ainda agachado, o Operário olhou para cima e enfrentou o cano que lhe apontava um olho. E, numa voz ridiculamente aguda e doce, interrogou:

Dá-me a mala?

Que voz é essa?

Dá-me a mala? As sirenes já tocaram. Não posso chegar atrasado.

Olha-me para este... Que raio... Essa voz não casa com a tua cara. Tens ar de assassino mas voz de puta. Onde é que arranjaste essa cara? Metes nojo.

O Operário levou a mão ao cabelo para empurrar a franja dos olhos. Com o gesto, as moscas azuis, coladas uma à outra, escapuliram-se como cometas para depois voltar à cópula.

Dá-me a mala? Tenho aí o uniforme e o almoço. Sem o uniforme não posso...

Então vamos lá espreitar o que tens aí... Já comia qualquer coisa.

... Ir para a Fábrica.

O que é que fazes lá?

Sou carniceiro.

Cómico.

Abro o ventre aos animais e separo as tripas.

Tens aí empadas?

Não, a nós não nos é permitido comer.

Pobrezinho. Não é permitido, não?! Vá. Deixa-te de... E abre lá a merda da mala!

O Militar Coxo colocou o indicador no gatilho. O Operário não obedeceu nem baixou a cabeça. O mel capilar começava a derreter.

Passou a mão pela testa oleosa mas o seu olhar permaneceu imóvel. Como se indagasse algo para além do Militar Coxo, algo para além das paredes castanhas, do Muro, algures na segunda metade do mundo. As pupilas brilhavam-lhe de forma imprevista enquanto as moscas continuavam mergulhadas numa cópula fulgurante.

Eu conheço-te.

Ai sim... donde?

Daqui.

Já nos cruzámos alguma vez?

Eu moro em frente do 407.

Ah... Então és vizinho da puta pequena... E também recebes?

Foste tu que levaste preso o Mensageiro.

Sou militar: respeito a hierarquia. Mas diz lá: também recebes? Gostas de homens?

Depende do que me pagam.

Quanto é que levas?

Depois de formulada a pergunta, o Militar Coxo riu-se. E o Operário respondeu, rindo-se. O riso propagou-se pelas escadas. Até as moscas riram, porventura tinham motivos para isso. Aquele poiso era bem mais apetecível do que os olhos enramelados ou o rabo irrequieto do cavalo onde antes tinham tentado.

Os dois homens transacionaram o riso, largo. O esmalte dos dentes.

Mas nas cuecas de um, e de outro, os músculos dos pénis inchavam do sangue que ria em golfadas explosivas.

Ignorando a dor na perna adivinha, o Militar Coxo perguntou:

Quanto é que levas para subirmos lá acima?

A mala.

Só queres a mala?

Sim.

E o que é que fazes em troca?

O que me disseres para fazer.

É preciosa para ti?

Pertence-me.

Então, anda cá.

A cabeça do Operário aproximou-se das calças do Militar Coxo guiada pelo olho vazado da arma. As moscas, com tanta agitação, finalmente deram por terminadas as núpcias e, tontas, num bater excitado de asas, contornaram o cano metálico na procura da luz do dia.

Com a sola da bota da perna boa, o Militar Coxo empurrou-o contra a parede e fez deslizar a mala pelo degrau até às mãos do Operário.

Vá, minha carinha acidentada... Abre isso depressa... Para subirmos lá acima.

Antes de abrir a mala, o Operário encarou o Militar Coxo e entre gargalhadas eufóricas, disse:

Vai acontecer, agora.

Um cavalo não perde a elegância

Ouviram-se vários disparos seguidos de uma explosão. Os gritos semelhantes a uivos. Era o dia grande. O Governo fazia anos e o bolo de aniversário era cozinhado por mãos experientes na Torre Governamental. Durante este dia, eram esperadas solenidades, festividades, espalhadas um pouco por toda a Cidade. Inclusive, um concerto para piano no salão nobre do candeeiro de lustre.

As fachadas e empenas de todas as Zonas estavam enfeitadas de bandeiras azuis com as estrelas do Governo e vasos de flores silvestres. Nas ruas, sorrisos alargavam bocas. Pendurados às janelas, olhos cheios de fome curiosa.

Mas, aquela explosão não fazia parte do roteiro.

Com a detonação, uma chuva de destroços e pó caiu junto do gradeamento. O cavalo do Militar Coxo relinchou uma e outra vez. Assustado, escoiceou uma dança já treinada. De olhos selvagens a projetarem-se das órbitas, disparou as patas dianteiras apontando os cascos para o céu subitamente vermelho. O incêndio comia no edifício castanho o que havia para comer, e alastrava. Mas um cavalo não perde a elegância. Todos os seus movimentos, mesmo os mais brutos e inesperados, tornavam-se belos, em contraste com o quadro fresco da destruição.

O cavalo continuou a relinchar e agitar-se, num distinto sapateado de cascos. Até que, pouco depois, quando já se ouvia em fundo o troar acelerado de botas de militares, as rédeas soltaram-se do gradeamento e o cavalo, livre, afastou-se a galope em direção ao Muro.

Apesar da sela desocupada, não galopou sozinho. Protegidas pela crina ondulante, duas moscas azuis, parasitas e entretidas, montavam-no. Moscas felizes, a afiar patas e a lavar olhos que, sem perceberem muito bem por quê, aleatoriamente, tinham escapado ao começo do desastre.

What if I had just stood there at the end and said again and again

Riding for the feeling

Riding for the riding

Riding for the feeling

Would that have been a suitable goodbye?

Bill Callahan,

Apocalypse

Agradecimentos

Aos meus pais.

A Zé Louro, Rui Cabrita, Nélio Conceição, Aires, Luís Conceição, Ricardo Coelho, Henrique Graça, Carlos Vidal, Hugo Costa, João Paulo, Fernando Gregório, Paulo Ferreira e Afonso Cruz.

A Zeferino Coelho.

Aos autores e livros que permitiram que certas frases se infiltrassem nestas páginas.

Obrigado.